

N.º 50

4.ª THESE

Como deve ser ministrado o ensino de historia patria e educação civica nas escolas primarias e complementares?

Em que deve consistir o ensino de historia patria e educação civica nas escolas ruraes?

Como todo o cidadão verdadeiramente nacional deve saber a historia de sua patria, os meios mais evidentes de aparelhar as crianças de fôrma que para a posteridade venham a ser cidadãos patriotas, executores adstrictos dos deveres patrios, e educar-lhes a historia do paiz, fazer-lhes conhecerem os grandes homeus que combateram pelo nosso engrandecimento, maravilhar os successos dos excelsos heroes já mortos e saerosanto discernimento de veneração e assombro pelos nossos antepassados, a quem negavelmente devemos uma grande parte do bem estar que desfructamos; e o meio para ensinar-se essa disciplina nas escolas primarias e complementares, é o da narração seguida das gravuras, onde os alumnos depois de estudarem as lições comprehendam o que leram, possam mais tarde lembrarem-se do que aprenderam, por essa fôrma, pelos quadros da historia patria, os alumnos utilizando-se delles, sem duvida nem uma these um grande auxiliar e para base do ensino preliminar nas referidas escolas, convem que seja feito da seguinte maneira:

Aos alumnos do 2º anno das escolas primarias o ensino de historia patria, deve ser distribuido por essa fôrma: 1º que fiquem sabendo e conhecendo as datas nacionaes e seus motivos; 2º O descobrimento do Brasil; 3º Divisão do Brasil em capitánias; 4º Historia da função das capitánias; 5º Creação do governo geral — os tres primeiros governadores; — 6º Divisão do Brasil em dois governos; 7º O Brasil sob o dominio hespanhol. Empreheimentos conquistadores dos hollandeses na Bahia e em Pernambuco; 8º Expulsão dos hollandeses do Brasil; 9º Expedições dos francezes contra o Rio de Janeiro; 10º Guerra com os hespanhoes — empreheimentos conquistadores em Santa Catharina e

no Rio Grande do Sul; 11º Os vices reis do Brasil e conspiração do Tiradentes.

O ensino de educação civica, deve ser ministrado pela seguinte fôrma:

1º deveres dos alumnos para com seus progenitores, parentes, professores e pessoas mais idosas; 2º fôrma como devem se portarem á mesa nas horas de refeições e em logares publicos; 3º a necessidade que deve haver no asseio para a conservação da saude e os deveres que devem ter para com a sociedade; 4º os deveres que todos devem ter para com a Patria, a bandeira e o hymno nacional; 5º a organização do governo brasileiro. Quem faz as leis, quem as executa e quem as expõe; 6º organização do governo do Estado. Quem faz as leis, quem as executa e quem as interpreta; 7º organização do governo do municipio. Quem faz as leis e quem as expõe; 8º nomes dos presidentes da Republica, dos governadores do Estado e dos superintendentes ou prefeitos dos municipios nomeadamente.

O ensino de historia aos alumnos do 3º anno das escolas primarias, deve versar sobre os seguintes assumptos: 1º desde a chegada da familia real ao Brasil, principaes factos occorridos no governo de d. João VI, até a independencia; 2º factos occorridos no principio e fim do governo de d. Pedro I; 3º principaes factos occorridos no governo de d. Pedro II, guerra do Paraguay, factos occorridos depois da guerra; 4º a abolição da escravatura; 5º o governo republicano; 6º os presidentes da Republica e principaes factos occorridos; 7º noticias de alguns brasileiros illustres; 8º fundação das villas de São Francisco, Desterro (Florianopolis), Laguna e Lages, como primeiros nucleos da formação do Estado.

Para o ensino de educação civica, os alumnos devem repetir tudo o que ficou dito para o 2º anno. O ensino destas disciplinas nas escolas isoladas deve ser feito resumidamente. Nas escolas aggremiadas, grupos escolares e escolas complementares, o ensino de historia e educação civica nas primeiras, deve ser ministrado resumidamente e nos grupos e escolas complementares, as lições tanto de uma como de outra destas disciplinas, devem ser firmadas exactamente em cada anno e no que se relaciona ainda com o ensino de educação civica nessas escolas até a terminação dos respectivos cursos, deve ser repartidamente aos estudantes, que irão afirmando com convicção os pontos que forem estudando de

acordo com as respectivas series e cujas lições devem versar sobre a Patria, o Estado. — A Constituição — Forma de Governo, Territorio nacional. — A lei moral e as leis civis — Poderes do Estado — Poder legislativo — Poder executivo — Soberania nacional — Suffragio nacional — Poder Judiciario — Administração e Divisão judiciaria — Direitos civis e politicos — Administração dos Estados e dos Municipios.

Para as escolas ruraes, o ensino de historia patria e educação civica, deve ser o mesmo que ficou dito para os alumnos do 2º e 3º annos das escolas primarias.

Santa Emydia, no municipio de Ouro Verde, 1º de junho de 1927. — Ass. — *Antonio Ribeiro da Fonseca.*

N.º 23

Como deve ser ministrado o ensino de historia patria e educação civica nas escolas primarias e complementares?

Em que deve consistir o ensino de historia patria e educação civica nas escolas ruraes?

R — A historia é a materia que mais interessa e prende a attenção do alumno, pela curiosidade que desperta em saber dos factos, como elles se deram, em que epoca se realizaram e onde se passaram.

Todas as crianças gostam de ouvir narrações e contos desde a primeira infancia e desses exemplos temos a prova frisante nos nossos lares, quando queremos desviar a petisada por alguns momentos, das suas travessuras, então falaremos dos fabulosos contos de mil e uma noites, etc. que tanto interesse produzem os seus enredos, nas tenras intelligencias que fazem um mundo de perguntas e mantêm-se numa verdadeira attitude de obdiencia e attenção, pelo modo com que são narradas pelas proprias mães ou institutrices.

É assim é nas escolas primarias, quando o professor sabe a maneira de explicar os pontos historicos.

É completamente negativo o ensino da historia patria,

nas escolas por meio de definições e narrações decoradas, reservando-se só para o curso superior e isso quando o alumno pode fazer por si, sem o auxilio dos compendios.

O professor que tiver gosto, pratica e base pedagogicas, será facil ensinar essa materia, mesmo nas classes mais atrazadas, pois procurará pelo modo intuitivo, expositivo e socratico, entreter nas aulas de historia, uma agradável palestra que embora rudimentar, produzirá o effeito desejado, esclarecendo, ensinando e inculcando o amor á familia a gratidão aos descendentes aos paes, aos irmãos e a união que deve existir, indagando o nome do logar onde nasceram, o emprego e a profissão dos paes, emfim, tudo que possa ser util, instructivo e agradável.

Com a continuação das aulas e depois que tiver colhido proveito dessas palestras, começará o professor a ensinar a criação da localidade, a fundação do estabelecimento e seus fins principaes, orientar os alumnos nos nomes das ruas, dos estabelecimentos, repartições publicas, falar dos homens que mais trabalham pelo paiz, pelo Estado, pela localidade e assim obterá optimos resultados sem se fatigar e sem causar tédio aos educandos.

Nessa parte, o programma dos grupos está bem desenvolvido.

Para os segundos annos, deve o professor ter outro estylo de linguagem e occupar-se do estudo mais desenvolvido, salientando os factos principaes, os logares em que se deram e as datas nacionaes.

O ensino da historia patria deve ser ministrado aos terceiros annos das escolas primarias sobre os factos mais importantes, desde sua colonização, como e quando se realizaram e as datas nacionaes.

Aos quartos annos dos grupos escolares, o ensino deve comprehender outros pontos mais desenvolvidos, mas não com narrações complicadas e com um programma tão rigoroso, como é o actual, nos proprios grupos.

O professor nunca deve dictar pontos e sim narra-los em linguagem clara e attraente, ao alcance dos alumnos, dividindo cada lição em tres phases:

1.ª — exposição do professor; 2.ª — arguição; 3.ª — exposição do alumno. O alumno com as explicações e a base dos annos anteriores sendo applicado e intelligente, poderá organizar perfeitamente por si, todos os pontos.

Convem que o professor faça um resumo de cada pon-

to, no quadro negro, depois da competente aula expositiva escrevendo as datas, nomes dos personagens e dos lugares em que se deram os factos e mandar que os alumnos tomem nota em seus cadernos, para organisarem os pontos em suas casas.

Nas escolas complementares o ensino de historia pode ser feito do mesmo modo, embora requeira mais exigencia no desenvolvimento dos pontos.

Os alumnos dos quartos annos dos grupos escolares e escolas complementares, com os conhecimentos adquiridos, poderão fazer um estudo de gabinete, consultando aos bons autores ou mesmo, pelo livro que for adoptado pela Instrução Publica, caso faculite o Regulamento. Deve o professor ter o escrupulo de preparar as lições em casa, para não ter a decepção de ser obrigado a abrir o livro na aula em presença dos alumnos, porque isso demonstrará o seu pouco conhecimento da materia que ensina, salvo para fazer á classe qualquer referencia ou contestação.

Si aos professores das escolas primarias, cabem processar o ensino das diversas disciplinas com um certo rigor, mais razão ha nas escolas complementares onde a introdução dos novos methodos são mais desenvolvidos, não só pelo preparo e grau de adiantamento por parte dos alumnos, como pela uniformidade das organizações das classes e a competencia e especialisação de cada lenie. Para esse fim deve cooperar o esforço do professor juntamente com a intelligencia e applicação do alumno.

Nas escolas ruraes o ensino de historia patria, deve consistir simplesmente nas datas nacionaes e pontos mais importantes e de facil comprehensão, como: fundação da localidade, nomes dos personagens que mais se salientaram pela agricultura, industria e commercio, dos homens mais illustres do paiz, dos Presidentes da Republica, do Estado, factos mais importantes do tempo colonial, do imperio, da Republica porque quasi sempre as crianças do interior estacionam seus estudos no terceiro anno do curso primario, pela difficuldade que lutam seus paes de matricula-los em outros collegios, salvo os que dispõem de recursos. Portanto, é admissivel um ensino rudimentar que sirva apenas para a vida pratica do alumno.

A educação civica deve ser ministrada nas escolas primarias sem decoraçào, despertando no alumno o amor aos seus semelhantes, á patria, a bandeira, explicando o profes-

sor a urbanidade, a economia, a pratica da caridade, modo de tratar aos paes, mestres, superiores, collegas, como deve portar-se convenientemente na escola, á mesa e nos logares publicos, habitua-los a agradecer favores por mais simples que sejam, pedir desculpas sempre que possar, causar incommodos, receber com gentileza as pessoas, por mais humildes que sejam, conduzir se bem nas visitas, não tornando importuno, etc.

Essa aula deve servir de meio preparativo, ter um fundo moral e educativo e o alumno deve recebe-la mais por palestras e conselhos do que por pontos a decorar. Está na pratica, estudo e gosto do professor conhecer a psychologia individual para saber applicar com base os ensinamentos que possam supprimir erros e defeitos dos seus alumnos e prepara-los para uma vida methodica, moral e feliz.

Nas escolas complementares, o ensino de educação civica merece um desenvolvimento mais analytic, estando na alçada do professor explicar essa aula com certo entusiasmo, dando bellos exemplos de civismo moral, aproveitando-se para falar em linguagem familiar, dos direitos do cidadão brasileiro, dos deveres civico e militares, do imposto, do voto, do jury, respeito ás leis, autonomia, estudar a Constituição Federal em seus artigos, o regimen republicano, a união dos Estados, a Patria, bandeira brasileira, o municipio, os Tres Poderes e obrigar que toda a classe faça uma reprodução sobre os pontos explicados podendo dar theses a serem discutidas e desenvolvidas em aulas de linguagem escripta em suas casas, para depois serem vistas pelo proprio lente.

Florianopolis, 27 de junho de 1927.

Ass. — *Beatriz de Sousa Brito*, Directora do Grupo Escolar Silveira de Sousa.

N. 20

O ensino de Historia e Educação Civica

(These para a Conferencia de Ensino Primario)

Se volvermos as nossas vistas para o passado, nelle encontraremos traços inapagaveis de quanto soffreram e trabalharam os homens eminentes daquelles tempos, para ele-

var e engrandecer esta patria formosa e bella, que hoje é o nosso alcandorado torrão.

Fazer um confronto entre os tempos idos e o presente, precisaríamos de dados bastantes para melhor discorrer sobre tão magno e palpitante assumpto. Mesmo assim encontramos, ao analisarmos por alto, uma era com outra, volumoso acervo de trabalhos fecundos adquiridos de uma certa epoca a esta parte, com resultados auspiciosos.

Rendendo homenagens aos grandes vultos da Historia Patria, pelo muito que fizeram em prol do nosso progresso moral e material, sinto-me orgulhoso, com os demais brasileiros, de estar com a minha modesta intelligencia procurando elevar o nivel intellectual da infancia, a fim de alcançar o nosso objectivo no concerto das nações cultas.

Infelizmente, não obstante os esforços que vimos dispendendo na obra da educação nacional, ainda não podemos chegar ao termo da nossa jornada. A ignorancia, que prolifera de um extremo a outro do Brasil, tem sido o maior entrave, nesse sentido. Muito temos que labutar ainda. Muito temos que tralhar em prol da Mocidade Brasileira.

O povo, hoje mais que nunca, precisa de instrução moral e civica, para poder desempenhar-se mais tarde, dos encargos sociaes e dos postos que o país lhe confiar. Em materia de educação, patriotismo e moral, a nossa gente vive atrazadissima.

O Brasil é um país grandioso e conhecido pelo mundo todo, e quasi desconhecido de seus filhos; por não conhecerem a sua historia e a sua posição geographica. Urge, que semelhante impatriotismo, desapareça da alma nacional. Preciso se torna conhecer-se o que foi elle atravez dos seculos; o que é no presente e o que será de futuro. O ensino de historia e de educação civica, as crianças, são factores preponderantes para isso.

Livros optimos, explicações suscintas pelos professores, a respeito concorrerão mais ainda para a sua finalidade. Estas cousas são necessarias á infancia escolar como o são á saúde e os alimentos do corpo. Nestas plagas, tão cheias de lendas e misterios, onde impera a ignorancia, alliado ao desvirtuamento da lingua, devido o contacto de raças extranhas que se estão mesclando, o nosso Estado e o Brasil, são quasi historicamente desconhecidos. As escolas, esses templos de saber, por muito que façam no ramo educacional, nunca podem attingir o fim collimado, pois alem de mal localizadas

e a resentirem-se de objectos apropriados ao ensino, ainda temem que repellirem os embates de opiniões do povareo ignorante a respeito das materias de ensino em vigor. Sou de parecer que todos os encarregados da instrução da infancia, devem ministra-la o ensino do amor pelo Brasil, pelo nosso Estado; o patriotismo e afinal, em larga escala, a historia do torrão amado; pois assim teremos cumprido com um dever e legado a Patria, cidadãos dignos d'amanhã.

Patriotismo e educação todos a devem possuir.

O individuo sem qualidades moraes e patrioticas, se me afigura um ente perigoso e nocivo para a communhão brasileira. E' um mau filho; um mau cidadão e um mau patriota, do qual, nada, a Nação pode esperar. Façamos que a geração presente adquira uma esmerada educação e conserve a alma sempre cheia de patriotismo, de ideaes nobres, conhecendo a fundo a nossa historia, pois assim o Brasil será muito maior amanhã do que hoje.

Papanduva, 5 de julho de 1927.—Ass. *Tiburcio João de Carvalho*, Professor Primario.

Nº. 25

THESE 25ª

Conferencia de Ensino Primario

Pode ser ministrado simultaneamente nas lições de Historia Patria, que, o professor, exigir dos alumnos, uma recitação correcta, franca e quasi imperturbavel. As interrogações que devem seguir estes exercicios, garantirão que as crianças comprehenderão aquillo que recitaram.

Por occasião de certo desenvolvimento, o professor deve dirigir-se a imaginação de seus discipulos, principalmente quando se tratar da vida de personagens illustres, dalgumas acções de heroismo e de virtude.

Nas escolas ruraes devem consistir sobre factos notaveis desde a epoca do descobrimento do Brasil, quem o habitavam, em referencia simples ao povoamento do territorio nos tres seculos de colonia o que occorreu em 7 de setembro de 1822, expondo o que era a monarchia, como se fez a Republica em 1889, que foi constituido no decreto de 19

de novembro de 1908, e, o que synthetisa o nosso Estandarte Nacional.

Alem de adoptar pequenos discursos civicos e patrioticos, hymno Nacional, da Independencia e varias outras canções patrioticas, o professor deve exercitar um pequeno batalhão infantil, (ensaiando nos recreios) principalmente nas datas nacionaes, chamará attenção seus alumnos explicando as causas, assignalando exemplos de civismo e de amor á patria, indicando as differentes etapas do progresso moral a que ellas se referem os feitos dignificadores da respectiva nacionalidade, cultivando nos corações infantis o sagrado amor do glorioso pavilhão Brasileiro.

Deve-se festeja-las com entusiasmo, porque ellas servem de exemplo as gerações que se succedem e cujo primeiro dever civicco é augmentar o patrimonio moral da nação.

Rio Bonito 11 de junho de 1927.—Ass.—Professor *Paschoal Meneguzzi*.

Nº. 4

Parecer sobre o Ensino de Historia do Brasil e Educação Civica

Considerando as theses ns. 20, 23, 25, 28, e 50 respectivamente dos professores Tiburcio João de Carvalho, d. Beatriz de Souza Brito, Paschoal Meneguzzi, Adolpho Silveira e Antonio Ribeiro da Fonseca, que tratam do Ensino de Historia Patria e Educação Civica a 2ª commissão supplemmentar chegou as seguintes conclusões:

I -- Que os programmas dos grupos escolares quanto aos primeiros annos e segundos annos satisfazem plenamente.

II — Que o ensino de Historia Patria deve ser ministrado aos terceiros annos dos grupos escolares e das escolas isoladas sobre os factos mais importantes desde a colonização do Brasil até a actualidade, como, e quando se realizaram e sobre as datas nacionaes.

III — Que nos 4ºs. annos dos grupos escolares o ensino deve comprehender outros pontos mais desenvolvidos,

mas não por meio de narrações complicadas, como é o actual programma.

IV — Que convem o professor do 4º anno fazer um resumo de cada ponto, no quadro negro, depois da competente aula expositiva, escrevendo as datas, nomes dos personagens, e dos lugares em que se deram os factos e mandar que os alumnos tomem nota em seus cadernos, para organizarem os pontos em suas casas.

V — Que nas escolas ruraes o ensino de historia patria, deve consistir simplesmente nas datas nacionaes e pontos mais importantes de facil comprehensão, como: Fundação da localidade, nomes dos personagens que mais se salientaram na agricultura, na industria e no commercio, do Municipio; enumeração dos Presidentes da Republica, do Estado, factos mais importantes do tempo colonial do imperio, da republica; porque quasi sempre as crianças do interior estacionam seus estudos no terceiro anno do curso primario, pela difficuldade que lutam seus paes de matricula-los em outros collegios, salvo os que dispõem de recursos. Portanto é admissivel um ensino rudimentar que sirva apenas para a vida pratica do alumno.

VI — Que a aula de Educação Civica deva servir de meio preparativo, ter um fundo moral educativo e o alumno deve recebe-la mais por palestras do que por pontos a decorar. Está na pratica, estudo e gosto do professor conhecer a psychologia individual para saber applicar com base os ensinamentos que possam supprimir erros e defeitos dos seus alumnos e prepara-los para uma vida methodica, moral e feliz.

Sala das sessões, 3 de Agosto de 1927.—Ass.—*Laercio Caldeira de Andrada*, relator; *Beatriz de Souza Brito*, Presidente; *Albano Monteiro Espinola*, Secretario.

NOTA—Este parecer foi approved com a suppressão do capitulo IV.

REQUERIMENTO

Requeiro á Mesa que submeta a apreciação da casa a seguinte emenda ao parecer em discussão:

Supprima-se a IV Conclusão que recommenda o uso do apontamento.

Sala das sessões, 7 de Agosto de 1927.—Ass. *Luis Sanchez Reserra da Trindade*.

Parecer sobre a These N. 36

Considerando a these n. 36 apresentada pela professora d. Isaura Veiga de Faria—sobre o valor do mestre escola na formação educacional dos povos — e tendo em vista as suas ideas e as nossas, damos o seguinte parecer:

PARECER

Considerando a these questionada, apesar de contar optimas ideas e excellentes conselhos pedagogicos, julgamos estar em desaccordo com o titulo, por quanto ella expõe quaes as qualidades que deve possuir um bom educador, ao em vez de demonstrar o valor do mestre escola na formação educacional dos povos, que julgamos ser as responsabilidades e a sua acção para a formação do character, desenvolvimento da capacidade intellectual, na formação da sociedade, da familia e da Patria.

Neste caso pedimos á Mesa que apresente a These a primeira Commissão para estudá-la, visto haver nella conceitos relativos á formação do professor no Curso Normal.

Sala das sessões, 4 de agosto de 1927.—Ass.—*Irmã Bernwarda Michele* — relatora; *Hercilio Zimmermann* — secretario; *Mario Garcia* — Presidente.

THESE N.º 34

JARDIM DA INFANCIA

Apresentada por João dos Santos Areão — Inspector Escolar

É cheio de satisfação que tenho a subida honra de entregar aos distinctos membros que compõem este Congresso Pedagogico, o meu trabalho sobre o Jardim da Infancia, trabalho esse que, embora revestido de senões, mostra qual o papel de tal instituição escolar e como pode o Governo organizar em nosso Estado, estabelecimentos que satisfaçam o ensino das crianças antes de penetrarem nos grupos escolares.

Pedindo aos illustres Congressistas desculpas pelas falhas que não pude observar, dada a falta de competencia e

as condições especiaes em que me achei na ocasião do feitiço deste trabalho, fico de antemão muito agradecido.

Jardim da Infancia — O nosso aparelhamento escolar resente-se da falta dos jardins da Infancia. Em vez de serem os primeiros annos dos grupos e escolas ruraes que iniciam a educação, ensaiando os primordios da evolução infantil, é ao jardim da infancia que está reservado esse importante mister. Antes de iniciar a aprendizagem nos grupos, a criança deve ser preparada nos jardins da infancia, que representam a sala de espera onde a criança se orna dos mais solidos preceitos para penetrar num recinto no qual o ensino é menos maternal.

No jardim da infancia não se procura desenvolver a intelligencia da criança, dando-lhe conhecimentos vastos, mas educar e educar — tão somente os sentidos, que serão poderosos auxiliares na desenvoltura da mente, fazendo delles alicerces poderosos para as vindouras sociedades.

Educando na arte, o jardim da infancia predispõe a criança para a sciencia. Attendendo ao facto de qualquer objecto apresentado exige primeiro o nome, depois a quantidade, depois a forma, teremos de exercitar a fala, o numero e o contorno, isto é, a lingua, a arithmetica e a geometria tres factores que podem ser estudados separadamente, mas numa escola de inicio como é a alludida, precisam ser entrelaçados para produzirem um só effeito.

Froebel, o grande pedagogo allemão que viveu até o meado do seculo passado, foi o creador dessas escolas que muitos outros têm procurado remodelar. Si elle tem sido a fonte onde todos vão buscar os moldes para a organização de escolas desse typo, não nos devemos furtar a essa norma, não para adoptar inteiramente o que elle deixou estabelecido, mas adaptando á nossa infancia a parte que ella pode aproveitar. Seria absurdo pensar em empregar os methodos Froebelianos em sua inteireza nessa escola, devido á desigualdade de condições existentes entre a criança europeia e a nossa, principalmente na ocasião em que desejamos organizar uma escola que ainda não possuímos. Não vamos copiar o typo europeu nem o americano, porque as condições das crianças obedecem ao meio em que vivem. Vamos primeiramente mostrar a sua necessidade como factor importante da educação e, em traços ligeiros, esboçar as materias que a compõem. Tudo não era possível ser explanado dentro dos limites desta these — horario, programma, me-

thodos e processos applicados, pois, alem de depender de um acurado estudo, não é materia para ser resolvida diante de uma simples leitura. Alem disso, não estou de todo habilitado para, dentro do prazo que tive para traçar estas ligeiras considerações, explanar esse novel assumpto, tanto mais que no preparo dessa escola pesa fortemente a formação da nossa gente.

Não precisamos de methodos nem de legislação faustosos, mas methodos e legislação que satisfaçam o interesse da nossa raça e até das nossas diferentes zonas. O que me preoccupa neste instante é fazer crer aos que aqui se acham que, com a criação do jardim da infancia, não teremos o nosso aparelhamento instructivo completo, mas augmentado, de fórma a satisfazer em grande parte a vontade nacional— a formação de homens educados.

Lembra-me ter lido alhures, com referencia á instrucção americana, o seguinte: «As nossas escolas ao invés de formarem letrados, mathematicos, scientistas, artistas, deviam cuidar antes, de formar homens educados».

Educar, de facto, não é instruir. O nosso lemma escolar deve ser; instruir, educando.

O jardim da infancia resolve, em parte, esse caso, pois cuida exclusivamente da educação. Está assim provado que urge o desenvolvimento da nossa instrucção, creando esse novo typo de escola.

O primeiro cuidado de que necessitamos para com essa escola é saber quaes são as professoras que podem reunir as qualidades precisas para o desempenho desse elevado mister. As nossas normalistas que são em geral os melhores elementos que se preparam para o magisterio, não estão aptas para isso, porque a parte pedagogica por ellas estudada e praticada não especifica o jardim da infancia e, mesmo que o estudassem como um ponto capital, ellas não teriam a pratica indispensavel para auxiliarem habilmente tão fina instituição. Para provar essa affirmação, basta dizer que poucas são as professoras que conhecem o methodo analytic para o ensino da leitura, porque poucas são as que praticaram com verdadeiro interesse nos primeiros annos dos grupos. Esse methodo precisa de conhecimentos especiaes e de uma força de vontade a toda prova. Só pode ser boa professora desse methodo, aquella que tem o dom especial para ensinar crianças. Para mim, são as que deviam merecer mais acatamento, porque são as que desenvolvem

melhor o seu papel de educadora. Si o que acima ficou dito é uma verdade, em condições mais especiaes estão as professoras do jardim da infancia, pois aqui se vê que a criança é trazida do lar ás primeiras manifestações de intelligencia, ao passo que lá ella já reúne principios que pensam fortemente na formação de sua educação.

J. Coelho, na sua pedagogia diz: «Os professores do jardim da infancia, pela fórma de educação que desenvolvem, poderiam chamar-se paes. Em face disto, escusado é encarecer quão nobre é a missão dos agentes encarregados, nas escolas infantis, de dirigir tão sympathica e risonha população; ás mulheres pertence essa missão, tanto mais nobre quanto é certo ser ella, a que, depois do officio de esposas e mães, melhor lhes quadra».

Como então preparar elementos para satisfazerem o ensino no jardim da infancia? Primeiramente, incluir no programma de pedagogia da escola normal essa parte e, para que tenhamos as professoras que iniciarão as futuras educadoras e desenvolverão o ensino na escola que iremos organizar, é preciso mandar duas das nossas actuaes normalistas que desempenham satisfactoriamente os methodos applicados ao nosso ensino, ao Rio ou a S. Paulo afim de que lá, nos jardins da infancia que se acham funcionando com vantagens requeridas, façam as suas praticas, observando, ensinando, consultando e relatando as suas pesquisas, para que dentro de algum tempo, possam reunir o cabedal preciso para dirigirem a nossa nova organização. Sem isso não é possível crear-se a nova escola.

O ensino precisa de conhecimentos vastos da psychologia e da applicação de certos e determinados detalhes que o leigo não descobre, mas pesam grandemente na formação dos futuros estudantes. A criança necessita uma aprendizagem que lhe faculte: julgar, agir, dirigir e corrigir.

Dando uma idéa ligeira sobre a formação dessa escola, tenho a dizer: que o processo educacional obedece ao principio da co-educação, ou educação em conjuncto; o programma é organizado em grupos, sendo o 1.º *jogos gymnasticos acompanhados de cantos apropriados*. São brinquedos que, além de desenvolverem a memoria com o decorar de quadrinhas faceis, ainda favorecem a educação do porte, obrigam á ordem e exercitam o physico.

2. — *cultura de pequenos jardins*. A esthetica, o gosto e amor dos vegetaes, são ensinados nesta divisão do ensino

cujo lemma deve ser: O trabalho de cada um contribue para o prazer de todos.

3. — *gymnastica da mão*. Consiste em variados brinquedos em classes com quadrinhas adequadas, jogando as crianças com bolas de cores, cylindro, cubo, tendo esses solidos diversas divisões, que ellas decompõem e compõem novamente.

4. — *trabalhos sobre planos* — Usam para isso taboinhas e folhas de papel, onde executam a dobradura, o recorte e a tecellagem, tal como se faz hoje nos primeiros annos dos nossos grupos escolares.

E' esse um exercicio bastante attrahente, porque reúne as condições de ser grande utilidade e ao mesmo tempo agradável a sua execução. Para sua processuação existe um variado numero de modelos.

5. — *linhas*, que consiste em trabalhos com pequenos bastões, executando a criança obras simples com madeira, sarrafos. Exercicio de entrelaçamento de papeis de cores, jogos com fios e anneis.

6. — *desenho decorativo*, cujos trabalhos consistem em ornamentação com vidrilhos, continhas, perolas, botões, perfurar o papel a mão, tendo desenhos riscados e fazer bordados simples de folhas e animaes em traços ligeiros, bem como a modelagem em areia. Vê-se pois, que necessita a dirigente dessa escola de um cabedal variadissimo de exercicios, para fazer a criança sempre ter novidade nos trabalhos, o que só se consegue, depois de uma longa pratica. Todos os exercicios devem desempenhar o duplo papel de instruir e educar. A instrucção neste caso é relativa, pois não passam de brinquedos todos os exercicios da aula, mas todos esses brinquedos têm uma applicação na vida.

A criança educada intelligentemente no jardim da infancia é mais viva e acha-se mais adextrada para apprehender os varios misteres.

O exito dessa escola como o das demais que já temos funcionando, depende em parte do auxilio que devem a familia prestar, conjugando os dois esforços para um só effeito. Ouçamos o que disse o sr. dr. Presidente de Minas na sua ultima mensagem: — «Sendo a escola actual a escola da vida, os professores e os paes devem conjugar o pensamento, de tal maneira que a criança, em casa, encontre um mestre e, na escola, encontre um pa».

Deixo assim, relatado nestas ligeiras linhas, o que pen-

so a respeito do jardim da infancia, que tem merecido o estudo de varios dos mais distinctos pedagogos, devido ao grande papel que elle desempenha na formação de uma raça.

Buisson, Froebel, Montsory, Spencer, Decroly, e tantos outros, não se dedicariam a estudalo si elle de facto não desempenhasse um saliente papel na educação. É pois com essas ligeiras observações que deixo expresso o meu desejo de ver, em breve, ao lado dos nossos grupos escolares, funcionando, em harmonia, a escola dessa risonha população, que enfeitará o jardim da infancia.

«Le petit grain de blé devient un bel épi doré».

Laguna — 1927.

Parecer sobre a These N. 34

Considerando a These n. 34 apresentada pelo Inspector Escolar Sr. João dos Santos Arcão, sobre Jardim da Infancia, e tendo em vista as suas idéas e as nossas, damos os seguintes pareceres:

PARECER N. 6

1ª — Julgamos conveniente a criação dos jardins da infancia junto aos Grupos Escolares como uma condição indispensavel ao desenvolvimento das faculdades intellectuaes da creança, tornando-a apta para iniciar o estudo leccionado nos primeiros annos dos nossos grupos.

2ª — Concordamos na parte referente á adaptação de horarios e methodos pedagogicos que se coadunem com as differentes zonas e ás condições ethnicas, supprindo assim a falta de educação no lar paterno.

3ª — Julgamos mui acertado que se escolha entre as melhores professoras catharinenses e de maior vocação para este ramo educacional afim de adquirirem, em São Paulo ou Rio, a pratica de processos que as habilitem á direcção dessa instituição junto á nossa Escola Normal, onde se exercitarão as normalistas praticantes que possuam qualidades exigidas para uma dedicada e carinhosa educadora da nossa meninice de tres a seis annos.

4ª — Approvamos os assumptos indicados para serem ensinados nos jardins da infancia acrescentando, como in-

dispensavel, diarias lições de cousas, como assumpto optimo ao desenvolvimento da expressão e dos sentidos.

São essas as considerações que fazemos sobre a suscinta mas substancial these, sobre as vantagens da criação dos jardins da infancia.

Sala das sessões, 4 de agosto de 1927. — Ass — *Irmã Bernwarda Michele*—relatora; *Mario Garcia*—Presidente; *Hercilio Zimmermann*—Secretario.—Nota—Foi approved sem debate.

THESE N. 41

Quaes as noções de hygiene que, de preferencia devem ser ministradas nas escolas nas zonas ruraes ?

Nas zonas ruraes, onde ha grande numero de crianças rachiticas e oppiladas, mal esse muitas vezes occasionado pelo descuido ou inexperiencia do homem, deve o professor ao ministrar a hygiene aos seus alumnos, um dos pontos principaes do programma das escolas dessas zonas, assim como o da educação civica, não se limitar somente á hygiene individual, recommendando-lhes as unhas, as mãos limpas ás horas das refeições, etc. mas, tambem, advertindo-lhes que a morada do homem, sem agasalho que tanto corre para a sua saude, deve obedecer as seguintes instrucções :

1ª. — Ser edificada em terreno arenoso, que receba ar sufficiente e a luz do sol, com alicerce de altura sufficiente, afim de evitar a humidade.

2a. Não deve existir aguas paradas no terreno, nem pantanos, que além do prejuizo que causam á saude do homem, ainda concorrem para diminuir a vida dos animaes que bebem essas aguas perigosas; as fructas de taes terras são venenosas á saúde.

3a. As casas dos animaes sejam retiradas da casa do homem, para evitar que os insectos nellas existentes prejudiquem tantas vidas

Se um dia, o homem se encorajar e lançar os meios ne-

cessarios a combater certos flagellos que atropelam a sua vida, como pode facilmente proceder, ingerindo uma boa agua tendo o cuidado de ferve-la, abrindo valetas para o escoamento das aguas, aterrando-as conservando as casas dos animaes com cinza, não frequentando continuadas vezes as casas de negocio, afim de satisfazer o seu gosto estragado pelas bebidas alcoolicas, pois será um mau exemplo para os meninos que apreciam essas scenas; essas bebidas, aos poucos, consomem o orço do homem e outros mais orgãos—então, nascerá a alegria nos lares, crescerá a lavoura e crescerá a matricula nas escolas, para o engrandecimento da patria.

Villa Nova, 14 de julho de 1927. — Ass — *Apollonia Capitulina Milles*.

PARECER N.º 7

Considerando que a these n. 41 apresentada pela sra. professora d. Apollonia Capitulina Milles traz preceitos, aliás, de grandes vantagens para o ensino, mas sem o historico necessario para della tirar-se as conclusões precisas, a commissão é de parecer: que a mesma these não seja tomada em consideração.

Sala das sessões, 4 de agosto de 1927.

Ass. — *Dr. Alfredo Porphirio de Araujo*; Presidente — *Dr. Carlos Corrêa*; Secretario — *João dos Santos Areão*; Relator

NOTA — Este parecer foi approved com a emenda, apresentada pelo dr. Raja Gabaglia: — «Será, porém, a presente these publicada nos Annaes da Conferencia.»

THESE N.º 43

Illmo Sr. Professor Director de Instrução Publica do Estado.

Sou, de conformidade com a graça que se me concede no art. 36, referenda do no de numero 38 inherentes ambos

no artigo 2.º do Regimento Interno da Conferencia de Ensino Primario do Estado, seria o meu desejo remetter a Illustre Commissão que tem de estudar e dar provimento sobre os differentes assumptos escolares enviados á Conferencia um orgão que estou elaborando sob a eprigraphé — « *A Escala Primaria* » curso completo distribuido e methodisado para os sete dias da semana para o ensino nas escolas das zonas ruraes, regido de accordo com o programma da Instrucção Publica, o que seria, talvez, uniformizar o ensino preliminar dentro do Estado; mas como esse trabalho tem algum folego, e me não é possivel prepara-lo em tempo, limito-me ao seguinte parecer organísado em face da *Hygiene Escolar* approvada pela Instrucção Publica do Estado de São Paulo, para satisfazer a seguinte these:

Quaes as noções de hygiene que, de preferencia, devem ser ministradas nas escolas das zonas ruraes? que consentireis que eu vos envie, supposto que sem esperanza de o saber acaudado pelos orgãos directores da Instrucção Publica, mas tão somente como um pequenino factor do que for mister ao cumprimento do meu dever.

O que se segue comprehende varios pontos hygienicos, especialmente therapeuticos; fica porém ao alvedrio da nobre Commissão servir-se do que for de aproveitada orientação e do que melhor se enquadrar para o ensino nas ditas escolas.

Vejamos:

1. — **HYGIENE DA HABITAÇÃO** — escolha do terreno, situação, ventilação, aquecimento, asseio e cousas de insalubridade de uma casa.

2. — **HYGIENE DO VESTUARIO** — roupas proprias para o verão e para o inverno, uso do vestuário com as idades, formato mais moral e mais adequado à saude, asseio e melhor agasalho ás meninas.

3. — **HYGIENE DA ALIMENTAÇÃO** — a qualidade da agua que deve beber e o cuidado que deve tomar quando ella não é boa, o alimento mais util, a qualidade e a quantidade que deve tomar e ás horas certas para a segurança de uma boa saude, e a precaução para com os dentes, como factor de uma perfeita digestão.

NOTAS — Para as molestias dos dentes o dr. Kenio Drummond, conceituado medico da clinica *Carioca*, receita o seguinte:

<i>Dôr</i> : — essencia de cravo	5 c. c.
Camphora	2 grammas
Mentol	3 grammas
Chlorhydrato de cocaína	50 centigrammas
Para usar em tampões na carie.	
<i>Abalo dos dentes</i> : — Tanino	40 centigrammas
A. c. de Cochearia	15 c. c.
Tint. hort. pimenta	11 gotas
Clycerina	15 c. c.
Pincelar a gengiva 3 vezes por dia.	
<i>Para clarear</i> : — Borato de sodio	15 grammas.
Mag. calcinada	10 grammas.
Chlorato de potassio	7 grammas
Greda	20 grammas.
Usar como dentifricio	
<i>Para conservar</i> : — Phenol cryst.	2, 50 cents.
Eucalyptol	15 gottas
Mentol	0,15 cents.
Thymol	0,15 cents.
Alcool	100 c. c.
Em gottas nagua, para bochechar.	
<i>Pasta dentrificia</i> : — Chlorato de potassio 15 gr.	
Greda preparada	15 gr.
Sabão medicinal	7 gr.
Ess. hort. pimenta	15 gottaa
Clycerina	q. s. p. pasta.

4. — **EXERCICIOS PHYSICOS** — Gymnastica em geral (sueca e respiratoria), marcha corrida, salto, *carrotagem e equitação*; as duas ultimas sem pratica nas escolas, devem, todavia, ser recommendadas pelo professor aos meninos, que as pratiquem em companhia de pessoas peritas.

5. — **REPOUSO E SOMNO** — repouso necessario depois de qualquer fatiga, antes de beber ou de tomar alimentos, hygiene do somno, como se deve dormir e a que horas, a duração do somno.

6. — **INSECTOS TRANSMISSORES DE ENFERMIDADES** — os mosquitos, as pulgas, os persevejos e as moscas, meios de os combater, as molestias que elles podem causar.

7. — **MOLESTIAS CONTAGIOSAS E INFECCIOSAS** — a) *impaludismo* — as causas, 2 hygiene que se deve tomar contra essa molestia e meio de a combater.

Nota — As pessoas do littoral devem usar como preservativo no periodo das febres palustres, quinze centigrammas de sulfato de quinino com infusão de café e assucar ou um comprimido de chlorhydrato de quinino de oito em oito dias. As crianças dá-se um xarope de café. Nos casos de febres

renitentes pode-se applicar com summa vantagem, depois do effeito de um purgativo salino, o seguinte:

Valerianato de quinino 25 cents.
Pyramidon 10 "

Para uma capsula n° 6

Tome uma antes do accesso e outra seis horas depois. Aos meninos a metade da dose.

Para cura das pessoas impaduiadas o dr. Drummond recommenda o *Anaphól de Wantuil*, para tomar segundo a bula; e se estiver com o figado engorgitado fazer uso do seguinte purgante:

Calomelanos 40 centigrammos
Rhuibarbo em pó 50 centigrammos
Jalapa em pó 50 "

Para duas capsulas.

Tome de uma vez, em jejum.

As crianças tomarão somente uma capsula, com a metade da formula. Si o doente estiver opillado e de bom uso a formula para o *Amarellão*.

b) — *Amarellão*, as causas, a hygiene que deve ter para evita-lo e meios de o curar.

NOTA — A opilação ou amarellão tem por causa um pequenino verme que se localisa no intestino, logo abaixo do estomago, chupando o sangue ou deixando-o escorrer pelas feridas que ei e produz.

O meio mais seguro para combater a molestia é fornecido pelo *mamoeiro do mato ou jaracatiá*

Estráhe-se o leite do tronco da arvores, fazendo-se á tarde uma incisão longitudinal e colhendo pela manhã seguinte, com uma colher de pau, o liquido resinoso que se esvaiu do mamoeiro durante a noite.

Tomam-se cinco colleres desse liquido e deixa ao sereno

No dia seguinte mistura-se-lhe dupla quantidade de leite ou de agua e filtra-se em algodão a mistura. Depois do que toma-se de uma vez. Tres horas depois obtem-se o seu effeito purgativo e a limpeza completa dos intestinos que ficam livres dos parasitas.

O dr. Drummond dá a seguinte receita:

Essencia C enopodio de Baiss 10 gottas

Para uma capsula gelatina — n° 3

Tome uma de 1/2 em 1/2 hora, de manhã em jejum, acompanhada de um copo de agua morna. Uma hora depois da ultima tome um purgante salino ou de oleo.

15 dias depois tome:

Acido thymico 3 grammas

Rhuibarbo em pó 10 centigrammos

Para 4 capsulas

Tome uma de 20 em 20 minutos, de manhã em jejum, tomando uma hora depois um purgante de sal de Glauber.

Para voltar a cor tome *Hemion* — 1 vidro. 2 pillsas por dia no intervallo dos dous purgantes e por algum tempo depois do ultimo.

c) — *Tuberculose*, a transmissão da molestia, o contagio,

o que determina e o que predispõe a ella, meios de evitar e tratamento, como se deve alimentar o tuberculoso.

NOTA — A tuberculose ataca todas as classes da sociedade, e com especial razão a classe operaria, frequentemente condemna a a viver em condições faveis a adquirir a molestia. As pessoas atacadas deste mal são geralmente magras, apresentando as faces cavadas, os olhos brilhantes e febris; tem as extremidades dos dedos achatadas e as unhas hypertrophiadas. O menor resfriamento é para ellas uma constipação grave e de longa duração.

O dr. Drummond preceitua o seguinte:

Externamente: Ampolas de Iodo-mentol radio-activas de jaboim. Uma injeção de 2 em 2 dias.

Contra a febre: Camphorado de pyramidon 0,15

Greogemina 0,10

Cafeina 0,05

Para uma capsula n° 6

Tome 3 por dia.

Contra os suores nocturnos e insomnia:

Sulfonal 50 centigrammas

Pós de Dover 20 centigrammas

Para uma capsula n° 2.

Tome uma ao deitar.

Para os tuberculosos e aos predispostos a isso, aconselha a seguinte mistura:

Glycero-phosphato de sodio 5 c. c.

Arrhenal 20 centigrammas

Sulfato de strychnina 20 centigrammas

Elixir de mamão 1 frasco

Tome 2 collerinhas por dia.

d) — *Trachoma*, a sua prophylaxia.

NOTA — A trachoma é uma inflamação dos olhos, que se manifesta por granulações purulentas; é perigosa, contagiosa e persistente, produzindo a cegueira, quando não tratada.

O tratamento é feito com pincel molhado em collyrio de agolato de prata, 5 a 6 vezes por dia, ou com collyrio de soluto de protoargol.

Ha um remedio caseiro que cura radicalmente em tres ou quatro dias, é o seguinte:

Cosimento de folhas ainda novas de algodoeiro com sal para banhar os olhos de 2 em 2 horas.

O dr. Drummond receita:

Collyrio do Dr. Freitas . 1 vidro

Para usar como manda o rotulo.

e) — *Ophidismo*, symptomas locais e geraes, os generos de cobras venenosas do Brasil — a cascavel, a jararaca, a jararacucú, a surucucú, a urutú e as coraes venenosas, prophylaxia, as cobras venenosas e não venenosas do Brasil, o

sôro anti-ophydico, modo de tratar em caso de mordedura de cobra, preparo e aquisição dos seruns anti-peçonhentos.

NOTA — O ophidismo sendo o resultado do envenenamento produzido pela inoculação do veneno no corpo do homem, nas mordeduras das cobras venenosas, ocasionando toxico que variam com a qualidade e a quantidade da peçonha, exige um immediato tratamento para neutralizar as funestas consequencias.

Os meios mais seguros da prophylaxia do ophidismo consistem em proteger, contra as picadas das cobras, as partes do corpo mais communmente atacadas como sejam; pés, perna e mãos, exterminar ou afugentar as cobras venenosas, é evitar de dormir as cestas no meio do matto ou perto delle, e ter os arredores da casa sempre limpos.

O meio mais effizaz que combate os accidentes ophidicos, é o emprego dos soros anti-peçonhentos; do dr. Vidal Brasil.

Antes de se applicar o soro anti-ophydico, o primeiro cuidado é verificar se a cobra que picou é ou não venenosa.

Podendo apanha-la, morta ou viva, para esse exame é de segura utilidade.

Não sendo a cobra venenosa, o caso não requer cuidados especiaes.

As cobras venenosas determinam dous ferimentos junctorios à pequena distancia um do outro, apresentando-se exteriormente como dous pontos vermelhos, do tamanho da cabeça de um alfinete.

A's vezes vêm-se quatro ferimentos, mas apenas dous delles correspondem aos dentes do veneno e apresentam os caracteres indicados; os outros dous são dentes curtos e cortantes que só determinam ferimentos superficiaes.

As cobras não venenosas determinam quatro series de pequenos ferimentos, superficiaes e sangrentos, sem nenhuma importancia.

f) — *Lepra ou morphèa*, a sua prophylaxia.

NOTA — A lepra conhecida vulgarmente pelo nome de morphèa, é uma doença infecciosa largamente espalhada pelo mundo, desde remotissimas eras, sendo endemica em muitos lugares e entre os quaes o Brasil.

O bacillo da morphèa vive somente como parasita, não havendo dados de ter sido encontrado livre na natureza. Todos são accordes de que a morphèa é contagiosa, mas não se sabe ainda como se effectua o contagio. O dr. Mure na sua pratica elemental da Homeopatia é de parecer que a morphèa não é contagiosa.

g) — *Diphtheria*, a sua prophylaxia, sôro-anti-diphtherico, seu preparo e emprego.

NOTA — A diphtheria é uma enfermidade muito contagiosa que se desenvolve nas mucosas, principalmente da bocca. Manifesta-se pelo apparecimento de membranas esbranquiçadas sobre as amygdalas, que invadem rapidamente a larynge dando lugar ao *croup* tão funesto nas crianças. Pode produzir a morte por asphyxia. A transmissão da molestia é feita por meio

de particulas de membranas que o doente expelle quando tosse. As creanças que acabam de ter o sarampo, a escarlatina, etc. ficam facil de ser accommettidas pela diphtheria.

O cuidado hygienico deve ser rigoroso para com as pessoas atacadas deste mal.

O serum anti-diphtherico do dr. Roux é o que deve ser empregado em taes casos. Desde que a dor de garganta se declare e se tenha certeza de um caso de diphtheria, injecta-se sob a pelle *vinte centimetros cubicos* de serum anti-diphtherico. A febre abate-se rapidamente e as membranas desaparecem. Em caso de duvida deve-se ainda applicar a injectão logo no principio da molestia.

h) — *tetano*, como elle se manifesta, a sua causa, o seu tratamento pelo sôro anti-tetano.

NOTA — O tetano é uma molestia infecciosa que apparece mais frequentemente nas chagas ou nas ulceras cancerosas dos membros.

O bacillo desta molestia é propriamente um microbio da terra e da poeira e communmente dos estrumes das estrebarias. O *bicho de pé* é um conductor agil da molestia do tetano; por essa razão, no littoral onde as crianças são muito sujeitadas ao bicho de pé, devem ter o maior cuidado de o não exair antes de criar ovos; sendo de preferencia desenfecção-lo com tintura de iodo ou com acido phenico puro, assim qu sentir o primeiro prurido.

As pessoas que tiverem feridas nos pés ou nas pernas devem trata-las, limpando-as com *carvão em pó*, e trazendo-as sempre com tapões de gaze hydrophila e atadas convenientemente para não cahir-lhe em cima pó ou terra.

O tetano é tratado preventivamente pelo serum anti-tetano preparado segundo os dados dos Drs. Roux e Vaillard, por injectão de doses crescentes de toxinas tetanicas no cavallo.

A injectão no doente suspeito de tetano é feita na proporção de vinte centimetros cubicos de serum devendo ser repetida dez dias depois, que é o tempo que dura a imunisação do mesmo. Uma vez declarada a molestia o serum torna-se impotente, mesmo em grandes doses, e o doente sucumbe.

i) *raiva*, natureza e propagação da molestia, cuidados a serem dispensados ás pessoas mordidas de cão doente, preparo da vaccina antirabica e vaccinação.

NOTA: — A raiva parece desenvolver-se expontaneamente no cão, no gado, no lobo, e já tem sido observado tambem no porco e no cavallo.

O cão raivoso communica a molestia por suas mordidas, deixando no fundo destas um pouco de sua saliva virulenta; communica-a ainda lambendo simplesmente as mãos ou o rosto que apresenta uma ferida ou simples arranhadura. Daí o grande prejuizo que a muitas pessoas que tem o vesu de deixarem que os caes lhes lembam as feridas com o pretexto de que es-

tas se curem, corre, não sabendo, ás vezes se o cão está accomtido de raiva.

Como este mal é communissimo no interior do Estado, é de bom aviso ter o necessario cuidado logo que uma pessoa seja mordida de um animal raivoso; em primeiro lugar deve-se comprimir a região mordida, acima da ferida, com o auxilio de um laço ou ligamento fortemente amarrado, e exprimer o sangue para fora, apertando com os dedos ou mesmo chupando a ferida, tendo entretanto, o cuidado de não faze-lo si os labios ou a bocca apresentarem escoriações. Depois com um ferro em brasa se quimará a ferida. A dor será menos forte quanto mais quente for o ferro.

Isto feito o doente tem que ser removido para o Instituto Pasteur ou onde houver estabelecimento dessa natureza, para ser vaccinado.

j) — *Variola*, descripção dos diferentes caracteres da variola, vaccinação e revaccinação, sua utilidade, escolha da vaccina.

NOTA — A variola é extremamente contagiosa; o simples contacto com a pessoa variolosa é bastante para adquirir o mal. A variola ataca em qualquer idade e pode ser mortal. Em virtude do que, é preciso isolar o doente logo que a molestia se apresente. A desinfecção deve ser rigorosa onde o doente esteve ou tocou.

Existe uma variedade de variola benigna, chamada varioloide ou varicella, que ataca as pessoas e torna-os refractarias durante a gum tempo a uma affecção mais grave.

Em muitos Estados do Brasil a vaccinação é obrigatoria tanto para as crianças como para adultos. A vaccina a ser empregada é fornecida pela Directoria do Serviço de Saude. Hoje está demonstrado que ha necessidade de uma nova vaccinação, todos os annos.

Si a vaccina não pega nestas vaccinações, tendo sido a operação bem feita e com vaccina de boa qualidade, é prova de que o organismo é refractario á molestia mesmo benigna (que é a vaccina da vacca) e, por tanto, está apto a resistir a uma variola mais grave. Mas como esta resistencia pode desapparecer de repente, as crianças devem ser revaccinadas annualmente, a partir de 10 annos de idade, até que a vaccina se communique de um modo efficaz.

k) — *Typho*, a transmissão da molestia, medidas preventivas, o cuidado que se deve ter com os doentes e a hygiene das roupas e residuos fecaes, applicação do serum anti-typhico.

NOTA — O typho é causado por uma infecção geral de todo o organismo pela circulação do bacillo de Eberth no sangue. Elle produz diversas lesões sendo as mais importantes as dos intestinos.

Os germens propagam-se por meio das evacuações nos doentes.

tes. Quando elles são atirados em simples escavações terreas, nos rios ou nas estrumeiras, como succede quasi sempre, onde não ha exgotto, os germens são arrastados pelas aguas de infiltração e podem contaminar os poços e as fontes. O maior cuidado hygienico com a agua nas estações typhicas não é de sobra recommendar-se.

Os banhos nos rios ou lagos correm grande perigo si os que se banham não têm o devido cuidado de evitar que lhes vá agua á bocca.

Sendo o typho uma molestia violentamente contagiosa, as pessoas que rodeiam o enfermo estão sujeitas a adquirir o mal assim como lidando com roupas sujas ou dejeções do doente. Não se deve fazer uso de outra agua senão as mineraes por occasião da epidemia, ou então ferver a agua de poço até a ebulição e filtra-la para ser usada como bebida.

O serum-typhico do dr. Chantemesse tem produzido optimos resultados ás pessoas atacadas desta enfermidade.

1) *Sarna*. A sarna tão commum nas crianças que habitam o littoral deve ficar em isolamento das outras crianças nas escolas, assim appareça um destes casos, applicando-se-lhes a seguinte formula do dr. Drummond.

Alcatrão de Noruega	1 grammas
Oleo de cade	2 grammas
Balsamo Perú	5 grammas
Banha sem sal	30 grammas

Ajunte. Para usar á noite depois de um banho morno e sabão.

Na certeza de que todos estes principios podem ser aproveitados no ensino das escolas das zonas ruraes, ficando os necessarios detalhes ao cuidado da Commissão que este parecer julgar.

Subscrevo-me com respeito e amizade.

Escola Mixta Particular « Rio Preto », em a Estação de Rio Preto, 30 de junho de 1927. — O professor contractado, Manoel Elpidio de Oliveira Malheiros.

PARECER Nº 8

Considerando que a these n.º 43 apresentada pelo sr. professor Manoel Elpidio de Oliveira Malheiros é antes um resumo de preceitos therapeuticos que poderá fornecer dados para a organização do livro que em outro parecer vamos propôr;

Considerando mais, que não è possivel ensinar-se ás crianças, formulas cujas composições chemicas são por ellas completamente desconhecidas; somos do seguinte parecer:

que a mesma these seja archivada para opportunamente serem aproveitados os seus dizeres.

Sala das sessões, 4 de agosto de 1927. — Ass. — Presidente — *Dr. Alfredo Porphorio de Azeijo* — Secretario — *Dr. Carlos Corrêa*. — Relator — *João dos Santos Areão*.

NGTA — Este parecer foi approved sem debates.

THESE Nº 9

Provimento das escolas isoladas, material que lhes é indispensavel e sua fiscalização.

These apresentada pelo professor Egydio Abbade Ferreira, Director do Grupo Escolar Vidal Ramos.

A instrucção primaria é o ponto de partida para a entrada na lucta pela vida. É na escola que se obtem a primeira noção de sociedade, nascida espontaneamente da convivencia em classe, com os condiscipulos. Laboratorio de trabalho, exemplo de labor ininterrupto, accrescido do despertar do patriotismo e da formação do character, tem a escola por unico guia o mestre.

Si é, pois, o mestre, o centro irradiador de onde emanam as scintillas despertadoras do saber, do patriotismo, do character, da educação, do trabalho, porque não se ter na sua escolha o maximo cuidado? Desde muito que dentre os demais estados da União occupamos lugar de destaque no tocante á Instrucção Publica.

As estatisticas nos dizem, o crescente numero de escolas á larga disseminadas no territorio catharinense confirmam esta asserção. Não necessitamos, entretanto, apenas de numero, de escolas por todos os cantos, de professores por toda a parte.

O que muito especialmente nos deve interessar no problema da alphabetização, além da boa ordem na distribuição das escolas, localizando-as em pontos que bem possam servir ás populações circumvisinhas, é a sua regular instal-

lação, com material embora rustico, mas sufficiente, sua constante fiscalização por parte dos inspectores escolares e a escolha do professor. Disto, verdade seja dita, pouco se tem cuidado. Tratando-se do provimento temos, é verdade, uma pleiade de excellentes professores cujos conhecimentos pedagogicos, preparo intellectual e dedicação ao ensino são reconhecidos. Não me refiro a estes cujos bons serviços não podem deixar de ser prestados nas cidades, nos grupos escolares e escolas complementares. Ha tambem, por excepção, alguns casos, de professores isolados em idênticas condições. Excluindo os normalistas, são rarissimos, porem.

Sendo o professor primario o combatente ao analfabetismo que impede o desenvolvimento e o progresso, andando o progredir de um povo a par com a educação popular, evidencia-se a eficiencia da contribuição do mestre-escola no incremento de progresso do povo. E quem são estes guias em grande numero das nossas escolas isoladas, si não pessoas que do valor do seu encargo não têm a menor noção? Dá-se explicação a este facto com a falta de docentes em condições, que se queiram encarregar da regencia de taes escolas. E porque igualar os vencimentos de todos os professores? Qual a razão por que não se estabelece uma melhoria razoavel e justa nos vencimentos dos normalistas, complementaristas ou mesmo provisórios (approved em exame um tanto mais rigoroso), que aceitem a direcção de umas tantas escolas situadas em zonas afastadas? Acaso a vida no interior de um municipio serrano como Lages, Campos Novos, Curitybanos, São Joaquim e outros, custará tanto quanto nas cidades do littoral, onde tudo é facil? Esta alteração não acarretaria grandes despesas como á primeira vista parece. A differença seria a seguinte: o Estado dispende hoje uma determinada somma com os professores incapazes, que passam a metade do mês sem dar aula e que não trazem á collectividade nenhum proveito. Passaria a dispender um tanto mais, o dobro que fosse, e as populações do interior gosariam do mesmo direito, que é dado aos habitantes do littoral. É evidente que sem remuneração compensadora a uma vida afastada de todo o convívio social, dedicada apenas ao mister de desanalfabetizar, vivendo entre o nosso bom e hospitaleiro, mas rude caboco ou no meio do simples ignorante caipira, as pessoas que dispoem de preparo sufficiente a lhes proporcionar um outro emprego nas cidades e suas visinhanças, não o trocarão pelo arduo tra-

balho do professor. Enquanto isto não se conseguir não se alcançará nas escolas isoladas das zonas centraes o resultado que bem poderiam dar.

A preparação da criança para a vida escolar, isto é, a sua primeira educação, é em excesso deficiente nos vinte e poucos milhões de analphabetos que povoam o nosso paiz. Os paes que não frequentaram escola, que soffrem o acanhamento da nossa educação popular, matriculam os filhos no collegio por um desengargo de consciencia, por conselhos de outros ou mais communmente por exigencia do professor que precisa ter uma determinada frequencia exigida por lei, o que não conseguira sem um numero maior de matriculados. O professor pouco habil, sem nenhum conhecimento da sua elevada missão entra a citar leis, a ameaçar com multas e de começo se incompatibiliza com grande parte da pequena população. Vem os primeiros dias de aula. Reprimindo e corrigindo, sem grande conhecimento do assumpto, erros oriundos de todas as maneiras paternas de educar, recebendo em commun crianças de todas as classes e condições sociaes, nem sempre podendo usar exclusivamente de brandura—meio infructifero em determinados casos—continua o professor a cahir no desagrado dos paes. No que toca ao interesse pelo ensino, pelo aproveitamento dos alumnos, trata secundariamente. O essencial é que o numero de matriculados seja o bastante para lhe dar a frequencia media exigida. De passagem pode-se dizer que o numero de matricula não precisa ser muito maior do que o exigido para a frequencia. Logo que ultrapasse a dois ou trez, chega. O professor não comprehende ou finge não comprehender que a Directoria da Instrucção vê, logo á primeira vista, ser impossivel a percentagem de mais de 80 e ás vezes de mais de 90 que elle apresenta mensalmente.

Interrogado poderá o professor explicar: Vieram quasi todos ou mesmo, todos durante o mês inteiro. Aqui neste lugar não chove.

Os alumnos moram dentro da escola. Não botam roças, não cuidam dos irmãos menores, não tem outros encargos. A prova está no boletim que "sob a fé de meu cargo está perfeitamente de accordo com o livro de chamada". Veja-se: Matricula 25, Frequencia média 25, Percentagem 100. Como poderiam deixa de combinar livro e boletim, si este é feito por aquelle? Si ha aqui exaggero não deve elle ser tamanho a ponto, de destruir o argumento. Si a percentagem não for de

100, será de 80 ou 90, como já ficou dito, o que ainda é increditavel em determinadas zonas. Dir-se-á que o professor em condições de o ser poderá usar do mesmo estratagema. É verdade. Para evitar, porem, esta irregularidade, precisamos de uma methodica e regular fiscalização, outro ponto de capital importancia no magno problema que nos angustia.

Os conselhos familiares creados pelo decreto n. 1882, de 7 de maio de 1925, poderiam fiscalizar a assiduidade do professor, o aproveitamento dos alumnos, a obrigatoriedade do ensino e da frequencia e emfim, prestar ao Estado relevante serviço. Um ou outro poderá dar o resultado almejado, satisfazendo o fito com que foi instituido. A memoria, porém, por motivos varios, não cumprirá á risca, o seu mister. Começa pelas desinteligencias que irremediavelmente surgem entre o professor e os membros dos conselhos, paes de alumnos. Nos municipios de população de origem allemã, em alguns dos quaes trabalhei sob a direcção do sr. Inspector Orestes Guimarães, a quem sou gratissimo pelo muito que colhi na sua maneira criteriosa e justa de trabalho, ha uma coisa semelhante—as sociedades escolares. Sobre ser outro povo, começando por terem os paes dos actuaes alumnos passado pelos bandos escolares, o que infelizmente não se dá em outros meios, lá está o sr. Inspector Orestes Guimarães, vigilante sempre, inspecionando constantemente, viajando com regularidade, chegando quando menos é esperado. As sociedades escolares são constituídas pelos paes interessados pelo aproveitamento dos filhos nas escolas. Nos conselhos familiares do interior dar-se-á o mesmo? A memoria dos membros dos conselhos familiares do interior saberá o que seja dia lectivo, frequencia, assiduidade? O de que se precisa é de inspectores em numero sufficiente ou chefias escolares remuneradas, não recahindo em funcionarios do fisco que, accumulando as funções de chefe escolar e pagador dos vencimentos do professor, collocam-se no papel de patrão. Chefes escolares que entendam do assumpto, que visitem as escolas, presidam pessoalmente aos exames, apresentem relatorios, não permittam que os professores vivam na sêde, deixando a escola de portas fechadas confiantes no seu visto no boletim mensal, emfim, chefes escolares que façam o mesmo serviço dos inspectores. Si tal organização trouxer ao Estado a mesma despeza que o augmento do numero de inspectores, então deve-se optar pela creação de inspectorias escolares.

Professor habilitado e fiscalização continua são, pois, dois poderosos elementos para a obtenção de um resultado algumas vezes maior do que o até hoje conseguido.

Ainda um ponto não deve ser descurado: o fornecimento ás escolas ao menos do material indispensavel ao seu regular funcionamento. Descreio que hajam muitas escolas isoladas no Estado que possuam um mappa de uma das cinco partes do mundo.

O ensino de tão util disciplina como é a geographia é sabido, é incompativel com a inexistencia de cartas geographicas. Preceituam os ensinamentos pedagogicos, por maneiras varias, obedecendo a differentes methodos, o ensino de cartographia, optimo auxiliar do estudo da geographia. A linha contornante do esboço de um paiz ou estado, com suas reintrancias e saliencias, a sinuosidade dos rios ora numa ora noutra direcção, mais grossos uns que outros, a collocação das cidades ora juntas ora afastadas da costa, as seras aqui em traços mais fortes ali mais brandos, gravam tenazmente na memoria a situação, o tamanho e configuração da parte estudada, a extensão dos rios, determinando suas grandezas, a situação das cidades, as nascentes, e altitudes, enfim, todos os conhecimentos geographicos do alumno. Tudo isto é reconhecida verdade, e a pratica tem demonstrado seus bons effeitos. Mas, para um ensino completo claro, comprehensivel dos alumnos, torna-se imprescindivel a presença do mappa de parede. O professor poderá, é certo, conforme estatue mesmo um excellente methodo de ensino de cartographia, desenhar no quadro negro para que os alumnos, copiem. Isto, porem, não exclue a necessidade da presença do mappa lithographado em cores brilhantes, bonito mesmo, que muito mais facilmente prende a attenção da criança. Os professores devem ter notado o interesse com que os alumnos fitam as cartas mesmo em aulas de outra materia, ficando como que alheios ao objecto da aula. Quantas vezes o professor o adverte por não estar com attenção. Seja a combinação de cores, o oceano mostrando a sua immensidade, a desigualdade nas extensões territoriaes das diversas partes ou outro motivo qualquer, o facto é que a criança entrega á ficção do mappa todas a sua attenção. Olhando-o está aprendendo.

Alguns mappas contador ou quadro de Parker, quadro negro e giz, pois, e o professor, si habil, com algum conhecimento pedagogico, preparo que baste á sua missão e

continuamente debaixo das vistas da fiscalização, attingirá ao fim collimado.

Lages, 25 de junho de 1927.

PARECER N.º 9

A these n.º 9 — *Provimto das escolas isoladas, material que lhes é indispensavel e sua fiscalização* — de autoria do professor sr. Egydio Abbade Ferreira, é um trabalho bem inspirado. Publica-lo, será algo util, como suggestão necessaria á orientação que se deve ter, quando se trate de occorrer aos serviços que a these comprehende.

O trabalho apresentado discute tres pontos importantes, essenciaes ao ensino, pontos sobre os quaes passamos a expender nossa opinião.

I — *Provimto das escolas isoladas.*

Sobre o assumpto, são muito criteriosas as observações do professor Egydio. Effectivamente, é necessario, indispensavel, mesmo, que se ponha todo cuidado na escolha do professor, pois, é evidente, o successo do ensino depende precipuamente da capacidade e da dedicação dos mestres. Escolas providas de professores inhabeis, faltos desse espirito de sacrificio que caracteriza os expoentes da docencia dos nossos estabelecimentos escolares, falham de modo absoluto no mistér para que são creadas.

II — *Material que lhes é indispensavel.*

Quanto a esta parte, o autor reedita o que já está sufficientemente previsto nos regulamentos, entendendo que nem sempre elles tem sido fielmente observados, o que acarreta males reaes para o ensino.

Inegavelmente, a deficiencia de material didactico é causa de grandes inconvenientes. Bastará, entretanto, que a administração publica observe com exactidão o que exigem os regulamentos para que se alcance o beneficio dependente dessa exigencia.

III — *Fiscalização.*

Relativamente a este assumpto, abtemo-nos de qualquer opinião, por já existir um trabalho (o do inspector escolar sr. Flordardo Cabral) que sobre isso discorre com segurança de modo completo.

Sala das sessões, 4 de agosto de 1927.—Ass.—*Marcilio Dias de Santiago, Barreiros Filho, Raja Gabaglia, P. F. X. Zartmann.*

NOTA — E te parecer foi approved sem debates.

THESE N.º 51.

Nacionalização e Ensino

O português, com os traços vigorosos da sua individualidade de povo, na phase aurea da sua existencia, quando, por toda a parte os descobrimentos alargavam os seus domínios e a sua influencia, o português, senhor primeiro do Brasil, não podia deixar de imprimir nos destinos raciaes do brasileiro, o sinete de sua nacionalidade.

O negro africano, o indigena, o hollandez, que em maior porcentagem entraram para o amalga de que saú o povo brasileiro, foram absorvidos pela raça portugüesa, nas tendencias, e na lingua. Predominou com esta, o typo que Portugal fizera emigrar para este lado do continente sul-americano, naturalmente diferenciado pelas condições do meio e pela influencia dos typos raciaes que aqui a defrontaram. E tal é essa predominancia, que ao portugüês chamamos povo irmão e a elle somos mais affeioados do que a qualquer outro povo, pelas affinidades da raça e da lingua.

E se não ha um typo social fixo, habitando esta parte do nosso continente, como diz OLIVEIRA VIANNA (1), porque a extensão do territorio com os climas e condições physicas as mais diversas influenciaram a sua formação, determinando nuanças varias, se não ha um typo unico, è innegavel que o povo brasileiro é, pelas suas tradições e pela sua historia, pela propria religião, e, sobretudo, pela lingua, uma nacionalidade de contornos definidos.

Ha, do norte ao sul do paiz, uma só consciencia, em que se fundem as aspirações, as tendencias e os melindres nacionaes.

Apertado entre povos de procedencia hespanhola, guardando deste amla prevenções historicas, o brasileiro das re-

(1) — Populações Meridionaes. Prefacio, pag. 11.

giões as mais distantes, se solidarizou, para manter a unidade territorial e formar o espirito de uma nação unica. E esse espirito póde evoluir, tomar feições novas, com o correr dos tempos, mas não se fragmenta, é uno, constitue a consciencia collectiva, que é o substractum da nacionalidade.

Um melhor aperfeçoamento do homem, pela instrucção e pela educação, deve ser o interesse dos estadistas, para que essa consciencia mais se revigore. E' o que, num paiz da extensão que o Brasil tem, mais imperioso se torna, a bem da unidade nacional.

O ABANDONO DO IMMIGRANTE E DO CABOCLLO

De 80 annos para cá, o Brasil começou a soffrer o choque das levas immigratorias européas.

Interessados tambem nessa transfusão de elementos raciaes novos no nosso meio, não só aceitamos como temos favorecido a entrada de estrangeiros em o nosso territorio.

É natural que a nacionalidade brasileira precise ter alguma consistencia, para sustentar os embates raciaes dos povos vigorosos que a Europa nos tem mandado e nos manda.

E é auspicioso para os destinos da nossa nacionalidade, a resistencia que ella vae mantendo galhardamente, nesse entre-choque ethnico.

O portugüês no Rio de Janeiro; em São Paulo o italiano, e o alemão nos Estados do Sul, quando se não deixam absorver, é para viver vida á parte, porque o brasileiro não se enfraquece diante delles.

Mas 80 annos na vida de um povo, são apenas um momento, que servirão quando muito, para adverti-lo dos perigos, dos males, que os esperam.

Se de um lado, é preciso fortalecer cada vez mais o sentimento da nacionalidade, pelo combate ao analphabetismo, e integração do cabocllo no rithmo da vida collectiva, do outro lado é necessario aproveitar as energias raciaes dos povos estrangeiros, fundindo-os na massa commum do nosso povo.

Assim, não só aprimoraremos o typo nacional, aproveitando as qualidades boas, que em geral distinguem as raças européas, como previniremos atrictos futuros que poderiam ser fataes á nossa unidade politica.

Ao envez porém, e cuidarmos de instruir, que é a função primordial do Estado no dizer de SERGI, e de naciona-

lixar, que num país de emigração não pôde ser função secundaria, abandonamos uma cousa e outra.

O brasileiro ficou analfabeto e o allemão, por exemplo, continuou estrangeiro, e nessa condição persistiu pelas gerações adiante.

Houve um tempo — durante a guerra europèa — em que as attenções dos alliadophilos se voltaram contra Santa Catharina, para lhe malsinar o germanismo. Foi então uma grita que attingiu ás raias do exaggero.

Em Santa Catharina só havia allemães no juizo dos que tinham apenas idéa vaga do nosso pequeno Estado; e era preciso, no pensar delles, emprehender uma guerra de exterminio nessas regiões.

GERMANISMO

Tão culpado é o descendente de allemão pela sua condição de estrangeiro, dentro da propria patria, como é o analfabeto, por não saber lêr, aquelle apenas visto para ser censurado e este para ser motejado no seu atrazo.

O brasileiro inculto sem orientação nenhuma na vida collectiva, se deixa ficar inerte na sua ignorancia, sem procurar adiantar o alcance da sua intelligencia.

O allemão, ao contrario, reagiu contra a differença do meio, e, com o espirito de iniciativa que a educação lhe deu abre logo, no primeiro povoado que funda ao lado da igreja, a escola. E como o pastor que o acompanhou na emigração, o professor é tambem da mesma raça, porque outro não se lhes dá e outro mesmo que procurasse não teria.

Habitado a lêr, procura logo o jornal que o informe do que vae pelo mundo e o instrua. Funda o jornal e assim se foi elle mantendo estrangeiro, e prolongando o mesmo espirito através das gerações que foi creando, desappercebido do mundo em que vivia como o caboclo na sua casinha de palha, sem nada que o detivesse na orientação educativa que adoptava.

A nacionalidade pode fixar-se pela influencia da religião, das tradições historicas, das tendencias raciaes de um povo, mas a lingua é o elemento que lhe dá cohesão, que, formando a literatura nacional e estabelecendo a comprehensão mutua entre os individuos, crea entre elles essa sympathia de que nos fallava STUART MILL.

Foi porque tinham uma só lingua e uma só literatura,

que a Italia e a Allemanha conseguiram fazer a sua unidade politica, porque na literatura e na lingua tinham os traços da physionomia nacional (2).

Se ha povos que falam dialectos como o italiano, o hespanhol, o belga, e outros que falam não apenas dialectos, mas linguas varias, como o suíço, é porque naquelles, os dialectos não passam de variantes da lingua de que todos são affins e nestes, a communhão de tradições historicas, de interesses politicos, são elos bastante fortes a manter integro o espirito da nacionalidade. (3).

E afinal, casos como estes, são excepções que não destroem a verdade que procuramos demonstrar.

Ora, no Brazil, como já succedera com Portugal, cuja formação ethnica é um amalgama dos mais variados elementos raciaes, no Brasil é a lingua que tem mantido o espirito da nacionalidade, e é por meio della que havemos de atrahir para a comunidade brasileira e fundir nella os nucleos de populações estrangeiras, que a immigração tem carregado para o nosso territorio.

E', pois, uma realidade desoladora, a que se nos depara nos meios de povoação teutonica, em Sta. Catharina, embora, valha a verdade, graças á organização que temos dado ao ensino nos ultimos 15 annos, ao estacionamento de um batalhão do exercito em Joinville, a acção inestimavel do cinema, já se nota, principalmente nas cidades, uma sensível mudança no antigo estado de coisa.

Mas os lusos e os teutos, ainda estão longe de se identificarem, e dir-se-ia lavar entre uns e outros intimas animosidades. Com as suas sociedades á parte, raro confundindo-se nas reuniões onde se acham, uns e outros fazem-se incomprehendidos, accusando-se mutuamente de antipathias e prevenções que nada justificaria.

O teuto, com predicados excelsos, de povo, trabalhador, honêsto, asseiado, ordeiro, inspira no luso a maior admiração como descendente que è do melhor elemento de immigração.

Haverá, então, por nossa parte, o desejo de mante-lo a distancia ?

Porque chamá-lo allemão quando elle nasceu como nós,

(2) Serpa Pimentel — Questões de Politica Positiva.

(3) Serpa Pimentel — obra já citada.

debaixo do mesmo céu e não conhece leis que protejam a sua condição de cidadãos, senão a brasileira?

É possível que haja teuto-brasileiro em cujo espirito se esconda o desejo de ser alemão, mas na maioria delles, os mais incultos, quando não se aperceberam ainda de que são brasileiros, tambem nunca pretenderam conscientemente manter a nacionalidade dos seus antepassados; e a outra parte, a maior, insiste em ser brasileira.

A LINGUA

Não impórta, porém, que insistam nisso; o juizo do luso-brasileiro está feito, a affirmação de um desejo não basta a convencer ninguem, quando esse desejo se não positiva em factos.

Os teutos de Joinville e Blumenau, são vistos cultuando tradições allemães, e lendo apenas jornaes e livros allemães, e falando em casa, com os filhos, na rua, nos cafés, a lingua allemã como lingua propria.

E eis ahi a chave do que parece um enigma, — a certa incompreensão em que ainda vivem lusos e teutos.

A lingua é o factor unico da separação entre uns e outros.

O teuto poderá, em muitos casos, responder que sabe falar tambem o portuguez, e que o fala tambem quando é preciso.

Sim, mas ahi é que está a differença, — o teuto fala apenas quando é preciso, o que qualquer de nós, com alguma cultura, o faz tambem com os idiomas estrangeiros que aprendeu, e o luso fala sempre o portuguez como a sua propria e verdadeira lingua.

No dia em que o teuto ensinar os filhos a dizer *mande*, em vez de *mutter*, na expressão de BASTOS TIGRE e puder falar o idioma portuguez com a mesma naturalidade com que o faz qualquer outro brasileiro, elle perderá a tendencia que tem de procurar sempre outro teuto para entreter relações, de evitar assistir uma representação de peça brasileira, para encher os salões onde se representam peças allemães:

Desse módo, unico, elle ingressará na communitade brasileira, vivendo com a alma nacional as vibrações e os anseios que não sente, integrando-se enfim, na consciencia ampla da nacionalidade brasileira.

É só a lingua lhe permittirá sahir dessa situação esquerda em que o vemos, com vida quasi a parte na sociedade brasileira, lamentando—se, muitos, com frequencia, desse afastamento, sem atinar, ingenuamente, com as razões que o determinam.

NACIONALIZAÇÃO

Um país onde, pela extensão do seu territorio, e pela variedade do meio physico, já se constituem varios typos sociaes da mesma raça, não se pôde cruzar os braços diante da formação e permanencia de nucleos dominados por tendencias oppostas ás da nacionalidade brasileira. O esforço dos bons brasileiros em manter a unidade nacional, precisa abranger, na sua acção, este aspécto dos nossos problemas politicos. E a orientação a seguir no sentido desse desiderato, não pôde ser senão de cathequização, por meios suaves porque, tenhamos sempre em vista, o germanismo, como o analfabetismo, não são crimes que se punam, mas molestias que se curam, com paciência e com tempo.

Faz-se necessario agir, sem provocar attrictos, nem crear prevenções e animosidades que mais distanciariam o descendente de estrangeiro do convívio e dos habitos nacionaes, procurando atrahi-los mais a nós com brandura, para habitua-los ao nosso espirito e podermos dizer-lhes, com o franqueza de amigos, as verdades que o espirito nacional nos dita, e mostrarmos aos que sabem falar, a necessidade e o dever mesmo de fallarem o portuguez de preferencia, como lingua propria e aos analfabetos da nossa lingua, faze-los aprenderem-na como convém a brasileiros.

Quanto aos meios praticos de que se devem lançar mãos, temos a instruir-nos as lições da historia.

Na antiguidade, vemos Roma imperial lidando com os povos que submettia aos seus domínios, para os absorver, assim como a Allemanha dos nossos dias, em face dos polacos que lhe couberam na partilha da indomita Polónia. Em ambos os casos, vemos sempre a preocupação da lingua, considerada ahi tambem o mais poderoso elemento nacionalizador, como temos sustentado.

Roma, usando de meios benignos, fazia impôr a sua lingua, pela colonização, espalhando pelas regiões submettidas ao seu poder, levas de romanos, e pela legislação, prohibindo aos governadores e aos seus funcionarios, romanos

todos, de falar ou escrever a lingua dos paizes conquistados.

A Allemanha já foi mais violenta, obrigando, como fez, os polacos a falar e aprender o alemão; e até o cathecismo só era ensinado nessa lingua (4).

Accresce notar, que nesses casos, tratava-se de povos dominados pela força, que se viam na contingencia de acceitar dominação estranha, ao passo que entre nós, trata-se de nacionaes, que devido ao abandono dos governos, mantiveram no espirito, as tendencias da nacionalidade de seus antepassados, por que em Sta. Catharina por exemplo, o numero de estrangeiros, é insignificante em face do nacional estrangeiro.

Não ha violencia portanto, nos dispositivos legais que obrigam o ensino da lingua portugüesa, nas escolas estrangeiras, onde a quasi totalidade das crianças é nascida no Brasil, antes cumpre o Estado um dever assim agindo, por exerce como se desanalphabetizasse, uma das suas funcções primordiaes.

Os processos directos como os indirectos podem, portanto, e devem ser postos em pratica para fazer o nivelamento da consciencia collectiva do pais.

A ESCOLA

Em Sta. Catharina, graças ao esforço e á dedicação de Orestes Guimarães, o funcionario a quem todos os elogios nunca irão além dos seus merecimentos, em Santa Catharina, a escola vai exercendo a sua influencia nacionalizadora.

Mas, com deficiencia de verbas, as escolas ruraes, espartadas pelos municipios de populações estrangeiradas, ficam, quasi sempre, aquem do que se devia desejar.

Com a insignificancia dos ordenados, não era possivel arremeter um corpo de professores que, sem dissonancias, estivessem á altura da sua missão e pudessem grangear prestigio bastante a influenciar o meio em que actuam, em concorrência com o prestigio dos pastores, sem excepção estrangeiros.

E os proprios professores, em muitos casos, de origem alemã, sem maior desembaraço no expressar a nossa lingua, um tanto indifferentes ás palpitações da vida nacional, não poderão falar da patria aos seus alumnos, com entusiasmo

e sinceridade communicativa que desperte uma mentalidade differente daquellas com que vão elles para a escola.

FISCALIZAÇÃO DAS ESCOLAS

E alem dos mais, o que a nosso ver seria capital, abandonam-se esses professores, bisonhos quasi sempre, ao seu criterio pessoal; não ha uma fiscalização mais assidua nas escolas que estimule os professores, e os oriente melhor, quanto ao modo de praticarem o seu mistér. Os Conselhos de Familia são uma engenhosa idéa de fiscalização, mas quanto ao fim de nacionalizar, parecem-nos deveras insufficientes, porque os seus membros, sendo elementos da população onde a escola funciona, padecem do mesmo mal que ella visa combater—o estrangeirismo—e, pois, não são aptos a influencia-la no sentido contrario a essas tendencias.

Sem a cooperação de um corpo de fiscaes intelligentes e com um nivel de cultura alguns grãos acima do preparo que tem os professores, parece-nos insufficientissimo o trabalho que se vem fazendo e desenvolvendo em favor da nacionalização das populações ruraes.

Orestes Guimarães só, é muito, mas ainda é pouco, se lhe não favorecem outras condições que estão na mão dos governos proporcionar.

A mesma deficiencia notamos no regimen das escolas estrangeiras.

O Dec. n° 1063, de 8 de novembro de 1917 creou para ellas a obrigatoriedade de ensinarem disciplinas de character brasileiro, como linguagem, historia, geographia, cantos, etc. Quanto ao que sabemos porém, a observancia desses dispositivos legais, tem ficado ao criterio de quem dirige taes estabelecimentos. Si ahí encontramos ainda horarios fixados para as referidas disciplinas, não vemos que isto baste ao fim que ellas têm em vista.

O professor que as ensina é, no geral, de origem estrangeira, e num forte ambiente alienigena, esse professor quasi se deixa absorver, e tem uma influencia insignificante no espirito da escola e na formação da mentalidade que interessa ao nosso patriotismo. A visita, com possivel assiduidade, do fiscal, prestigiará o professor das disciplinas nacionaes, e com a sua inspecção minuciosa, cooperaria com elle, para o fim de coaseguir o maximo aproveitamento dos alumnos no ensino da nacionalização.

JARDIM DE INFANCIA

Instituição de uso nos grandes centros, pelas vantagens que offerece na preparação dos espiritos infantis, para o cultivo gradual eficiente, o Jardim de Infancia seria de real proveito em logares, como Joinville e Blumenau, no desenvolver ahi, o espirito nacional.

O mais difficil, talvez fôsse encontrar um estabelecimento apropriado ao funcionamento de um Jardim de Infancia, porque o mais, como professoras que não passam de «governantes», seria de somenos, pelo numero reduzido dellas que requerem taes instituições.

Com pouco tavez se poderia, nos nucleos de populações estrangeiradas, completar com um Jardim de Infancia, o systema escolar delineado para o fim de nacionalização, pois o espirito da criança, muito mais plasmavel, adapta-se mais facilmente á mentalidade que deve nivelar os habitantes brasileiros do nosso territorio, sejam de que origem lórem.

MEIOS INDIRECTOS DE NACIONALIZAR

Além dos meios directos ha os indirectos que seriam de incontestavel alcance para a consecussão desse objectivo.

Os teutos são, em geral, homens de methodo, de trabalho, e mesmo os mais infimos colonos, de alguma cultura. Trabalham com orientação firme, e assim produzem em geral de sobra para as suas necessidades.

A sua mesa é farta, sabe como evitar as molestias ou remedia-las; lê o seu jornal e tem a educação que seculos de cultura dos seus maiores lhe sedimentaram no espirito. E' prospero e tem na vida, uma situação de conforto.

Ao contrario, o luso offerece, em regra, desolador contraste ao lado do teuto. Não têm nos seus antepassados uma tradição de trabalho, por que, num meio de vida facil, quando desapareceu o escravo que era a besta de carga, não se fez nunca necessario maior esforço para a satisfação das suas necessidades immediatas.

Analfabeto, não tem podido desenvolver a sua mentalidade; é rotineiro e pobre, quando não é impaludado. Tambem as ambições não vão muito além do desejo de adquirir os bens estrictamente necessarios ao consumo de cada dia.

Ha excepções esplendidas, é verdade, que são a segurança dos excellentes predicados do nosso povo. Quando se nos depara um brasileiro sadio, com um descortinio mais amplo dos destinos do homem, é de ver como elle sobrepuja, muitas vezes pela capacidade de acção, o trabalhador de qualquer nacionalidade. A massa, porém, dos elementos que estão integrados no espirito da nação, offerece um nivel mental muito aquem da que vemos no commum dos teutos.

Dahi o conceito pouco lisongeiro, que estes, com razão apparente, costumam fazer do «Brasileiro» como nos chamam elles, distinguindo-se de nós, sem talvez o perceberem.

Dahi, a presumpção de superioridade da sua raça sobre a nossa e a tendencia instinctiva para se afastarem de nós.

Diante desses factos, é intuitiva a necessidade de melhorarmos o homem de character nacional, instruindo-o e educando-o como melhor convenha aos interesses collectivos.

Dando ao seu espirito preparação mais eficiente, não ganharemos apenas valores novos para a nossa economia, senão que tambem daremos maior prestigio ao nacional, em face do elemento estrangeiro ou estrangeirado, e imprimiremos consistencia maior ao espirito da nacionalidade.

Assim, a pressão desse espirito se exercerá mais impetativo na alma das populações germanizadas, o que facilitaria sobremodo o trabalho de nacionalização.

A desanalfabetização, a educação do elemento genuinamente nacional, prestará um concurso inestimavel á acção dos factores que se queiram jogar para o fim que de vimos falando.

Não entremos na apreciação da flagrante injustiça que está soffrendo o nosso caboclo, abandonado na indigencia do seu estado mental, quando abrimos escolas a descendentes de estrangeiros, instruindo-os e preparando-os como o exige um povo civilizado.

Não seja um impulso de justiça que nos leve a cuidar com o mesmo carinho, do nacional que ahi pelas ribeiras dos rios e dos nossos mares definha de ignorancia.

Mas que seja então uma necessidade imposta pelo desejo de nacionalizar, o aproveitamento dessas energias adormecidas da nossa nacionalidade. Porque não é possível abandonar o ambiente em que vive o alienigena localizado entre nós, e os seus descendentes.

Nacionalizar não é função do professor apenas, porque é problema complexo e ingente demais para as suas forças.

É preciso, como, em todos os problemas sociaes, que o meio com elle coopere. Fortalecendo o espirito da nacionalidade e prestigiando o homem nacional, o estrangeiro ou os de sua origem não verão entre nós e elles, barreiras que uma falsa presumpção de superioridade étnica, levanta no seu animo.

Sem o nivelamento da cultura na massa popular, não ha como fundir elementos étnicos tão varios, como os que compõe a collectividade brasileira.

CONCLUSÃO

I

A fiscalização das escolas nos nucleos de população estrangeirada, só ganhará a efficiencia necessaria se for feita por fiscaes que os visitem com assiduidade.

II

Para completarmos a organização do systema escolar destinado á nacionalização, é conveniente crear Jardins de Infancia, ao menos, em Blumenau e Joinville.

III

Se nos problemas sociaes não se pode descurar do ambiente como factor ponderavel na solução delles, é intuitivo de devermos construir e educar o elemento genuinamente nacional, fortalecendo o espirito da nacionalidade, e prestigiando a ante os olhos do estrangeiro e seus descendentes, de modo a prepararmos um ambiente apto a influencia-los e absorve-los.

Para isso, se faz mister agir perante o governo federal, para que o programma de aproveitamento e instrucção das nossas populações littoraneas superintendido pela DIRECTORIA DA PESCA se amplie, em o nosso Estado, permitindo augmentar a subvenção dos professores que percebem a ninharia de 50\$000 mensaes e o numero das escolas na zona norte do Estado que é de 12, quando ha crianças para encher 100. E por outro lado abrir escolas federaes, não só nas zonas onde predomina o espirito estrangeiro, mas tambem nas onde ha apenas a necessidade de desanalphabetizar o caboclo.

Ass. — *Carlos Gomes de Oliveira*, Ex-Chefe Escolar em Joinville.

PARECER N.º 10

Da commissão especial de estudos das questões relativas á Nacionalização e Ensino

These n.º 51—Nacionalização e Ensino—do dr. Carlos Gomes de Oliveira, ex-chefe escolar de Joinville.

No intuito de inteirar os srs. congressistas do assumpto tratado na presente these, procuramos resumi-lo na seguinte conclusão:

O culto autor, que, pela fidelidade e exactidão com que descreve os elementos ethnicos que constituem a população do Estado e do Brasil em geral, mostra ser conhecedor do assumpto, discorre sobre a evolução do povo brasileiro, affirmando, com Oliveira Vianna que «si não ha um typo social fixo, habitando esta parte do nosso continente, porque a extensão do territorio com os climas e condições phisicas as mais diversas, influenciaram a sua formação, determinando nuanças varias, se não ha um typo unico, é innegavel que o povo brasileiro é, pelas suas tradições e pela sua historia, pela propria religião, e, sobretudo, pela lingua, uma nacionalidade de contornos definidos.»

A seguir, passa a demonstrar o abandono em que ficou, por seculos, o caboclo e, por longos decennios, o estrangeiro e os seus descendentes, reconhecendo, contudo, o muito que tem sido feito pelo governo do Estado no sentido de nacionalizar estes e integrar aquelle «no rythmo da vida collectiva.»

Friza, ainda, a necessidade de não só nacionalizar a população estrangeira ou estrangeirada, como tambem, e sobretudo, a de alphabetizar o luso, para que os seus excellentes dotes de character, desenvolvidos pela cultura, exerçam a sua influencia benefica sobre os grupos ethnicos ainda não assimilados, contribuindo, assim, indirectamente, para a fusão de todos os elementos raciaes, que é, em ultima analyse, a finalidade da santa campanha de nacionalização. O illustrado autor traduz exactamente o modo de pensar desta commissão, affirmando que o principal factor que separa o luso do estrangeiro e seu descendente, é o não conhecimento da lingua vernacula, por parte destes.

Para maior clareza, transcrevemos, na integra, o topico seguinte: «a lingua é, o factor unico da separação entre uns e outros. O teuto poderá, em muitos casos, responder que sabe falar o portuguez, e que o fala tambem, quando é preciso. Sim, mas ahí é que está a differença — o teuto fala apenas quando é preciso, o que qualquer de nós com alguma cultura, o faz tambem com os idiomas estrangeiros que aprendeu, e o luso fala sempre o portuguez como a sua propria e verdadeira lingua.

Neste ponto, a commissão é de parecer, que o ideal seria o conhecimento por parte do descendente, das duas linguas, vernacula e paterna, devendo, porém, caber o primeiro lugar á lingua vernacula.

Como meio directo para se alcançar o desiderato acima, indica o autor a disseminação de escolas, em todo o territorio do Estado e, principalmente, uma assidua fiscalização das existentes, quer sejam publicas, quer particulares. Justifica o seu ponto de vista com as seguintes palavras: «..... não ha uma fiscalização assidua nas escolas, que estimule os professores e os oriente melhor, quanto ao modo de praticarem o seu mistér.

Os Conselhos de Família, (O autor refere-se aos Conselhos Escolares Familiares, instituidos pelo Decreto n.º 1882, de 7 de maio de 1925) são uma engenhosa idéa de fiscalização, mas quanto ao fim de nacionalizar, parecem-nos deveras insufficientes, porque os seus membros, sendo elementos da população onde a escola funciona, padecem do mesmo mal que ella visa combater — o estrangeirismo.»

Lembra a creação de jardins da infancia nos centros maiores, como Joinville e Blumenau, para completar «o systema escolar delineado para o fim de nacionalização», e suggere a idéa de um appello ao Governo Federal, por parte do Estado, no sentido de serem melhoradas as condições das escolas de pescadores e augmentado o numero das mesmas.

Julgamos ter traduzido, neste resumo, o esclarecido modo de pensar do autor, sobre cujo trabalho damos o seguinte parecer:

PARECER

Considerando, ser necessario augmentar, quanto possivel, o numero de escolas primarias no Estado;

Considerando, que as escolas primarias têm o duplo fim de nacionalizar e alphabetizar a infancia barriga-verde;

Considerando, que essas escolas não preenchem o seu duplo fim, quando não são continuamente fiscalizadas:

Considerando que os conselhos escolares familiares, embora sejam de muita utilidade como fiscaes da assiduidade do professor, não têm, contudo, competencia para fiscalizar e orientar a parte technica do ensino nas escolas ruraes, visto que o decreto n.º 1892 lhes nega esta attribuição;

Considerando, que os jardins da infancia nos maiores centros do Estado constituiriam um valioso elemento nacionalizador e a base das nossas escolas primarias;

Considerando, porém, que os cofres do Estado não supportam, actualmente, um grande augmento das despesas para fins escolares, com os quaes já dispense cerca de 14% da receita total:

Sugerimos as seguintes medidas:

1ª. — Augmente-se ao maximo, dentro dos limites orçamentarios, o numero de escolas isoladas estaduais e tomem-se providencias, directa ou indirectamente, no sentido de melhorar as condições das escolas de pescadores federaes.

2ª. — Organize-se um perfeito systema de fiscalização das escolas: a) — creandó o cargo de Inspector Geral de Ensino, que, subordinado ao Director da Instrução seja o intermediario entre este e os Inspectores regionaes, dos quaes será o orientador technico;

b) — obrigando os inspectores regionaes a residirem nas sedes dos seus districtos, para que possam, continuamente, fiscalizar os grupos escolares e escolas isoladas, publicas, municipaes e particulares, sob sua jurisdicção, orientando os respectivos directores e professores, na parte technica do ensino e na interpretação das leis em vigor;

c) — fixando o numero de visitas de inspecção a serem annualmente, feitas em cada escola, para evitar que sejam fiscalizados somente os estabelecimentos proximos ás sedes.

3ª. — Crie-se, nesta Capital, a titulo de experiencia, um jardim da infancia, deixando, contudo de o fazer nos outros centros, já em vista da despesa que acarretaria o seu aparelhamento, já pela falta de elementos idóneos para dirigi-los, e, ainda, pela quasi certeza de que estes estabelecimentos ficariam sem matricula nos centros de descendencia estrangeira.

A Commissão justifica o seu modo de pensar sobre a ter-

ceira medida alvitrada, baseando-se no facto de já existirem, nas cidades de Joinville e Blumenau, jardins de infancia particulares.

Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. — (Ass.) *Walter Wagenführ* — Secretario;—*Adriano Mosimann* — Relator;—*Germano Wagenführ* — Presidente.

N. 22

Como devem ser Ministrados o Ensino de Geographia e Cartographia nas Escolas

Primarias e Complementares?

Qual a Correlação entre essa e a outra Materia?

Convem o Ensino de Cartographia nas Escolas Ruraes? De que fórma?

Por ser a geographia uma materia das mais importantes, occupa lugar saliente no programma das escolas. Ella fornece uma serie de conhecimentos e informações que pela sua generalidade muito concorre para o progresso e o engrandecimento dos diversos ramos espalhados na natureza e, para beneficiar a humanidade nas suas multiplas empresas.

Liga-se perfeitamente a um grupo de sciencias e artes, e, como se sabe, relaciona-se mais intimamente com a mathematica e a historia pelos elementos subsidiarios que a emprestam.

E' conhecido que na parte descriptiva, a geographia tem papel preponderante na origem e na fórma da Terra, occupando-se perfeitamente dos seus accidentes e que na parte politica e administrativa estuda as raças, costumes e divisão dos paizes, estados, lugares, linguas, governos e que é ainda uma cooperadora directa da industria, agricultura e commercio.

Por justa razão, deve ser completamente intuitivo o en-

sino dessa materia porque, sendo ella um instrumento giratorio para a vida pratica dos homens, convem deixar lacunas que possam tolher os passos da criança que tem necessidade de preparar-se com base nos seus conhecimentos elementares afim de tornar-se mais tarde util a si e aos seus semelhantes.

Suggestindo a idéa dos seus principios e fins, deve ser ministrado o ensino de geographia com escrupuloso cuidado, não vacillando o professor no que venha futuramente a prejudicar, pois compete inculcar no espirito dos alumnos que em primeiro lugar a attenção é o elemento capital para o estudo, que a percepção, pelo processo descriptivo concreto, deve predominar em todas as lições, que o vicio da decoraçào mental deve ser banido em certos casos, para evitar que o professor tenha um esforço infructifero e o alumno perca o seu tempo escolar, sem nenhum resultado.

Em geographia devem ser *decorados* apenas, os nomes, superficies e populações.

As cartas geographicas são indispensaveis como principaes guias do ensino pratico e intuitivo. Portanto, o professor terá o cuidado de explicar as lições no mappa e desenhar todos os accidentes no quadro negro, para que os alumnos comprehendam o que aprendem e retenham facilmente com a decoraçào visual todas as lições e possam com precisão reproduzi-las na aula de cartographia, como tambem, escrever em seus cadernos todas as explicações com as legendas que forem passadas.

Cada lição de geographia deve ser dividida em tres phases, a exemplo de que se faz nos grupos escolares: Primeiro, explicação do professor; segundo, arguição; terceiro, exposição pratica do alumno.

Sendo a cartographia um complemento da geographia, é necessario para a boa ordem, disciplina e aproveitamento, munir-se cada alumno do seu material didactico, não só como meio pedagogico, mas tambem como effeito de esforço proprio.

Durante essa aula, o professor não perderá tempo de fiscalizar toda a classe, corrigindo os defeitos que encontrar, chamando a attenção dos alumnos mais atrasados, animando-os e guiando-os nos seus trabalhos.

As viagens são tambem aulas de grande proveito no ensino pratico e são consideradas como verdadeiras aulas

instructivas, porque o professor entabolará um periodo de palestra agradável, por meio de explicações e perguntas, chamando a attenção da classe com narrações de factos que se deram e episodios historicos, as difficuldades que sofreram os povos antigos pela falta de meios de transporte a percorrer os mesmos logares que são facilmente visitados.

A geographia e a cartographia são indispensaveis no ensino das escolas primarias como nas complementares e cursos normaes, sendo nestas ampliada com mais desenvolvimento e rigor, porque si uma materia é correlacta da outra, claro está que a Cartographia seja incluída no programma das escolas normaes, convindo até haver aulas especiaes de desenho cartographico a fim de que melhor se habituem e pratiquem os normalistas no exercicio do magisterio primario, como aulas praticas.

O ensino de cartographia não pode ser proveitoso nas escolas ruraes, tanto quanto nos grupos, primeiro: porque nem todos os professores têm o conhecimento dessa disciplina, a não ser os normalistas e complementaristas ou professores que já frequentaram os grupos escolares; muitos limitam-se até a um simples concurso sem nenhuma pratica assumem as responsabilidades do magisterio que na maior parte delles, acarretam infelizmente, serio prejuizo á instrucção e uma inutil despesa para os cofres publicos. Segundo, pela difficiencia de recursos de muitos paes, que em geral, lutam com meios de vida para a manutenção da familia e que difficilmente mantem seus filhos nas escolas. Terceiro, pela falta de material didactico que geralmente se nota em muitos logares do interior do Estado.

Entretanto, talvez possa ser introduzido o ensino de cartographia nas escolas ruraes com o desenho dos principaes accidentes feitos pelo professor, no quadro negro, acompanhando os alumnos os mesmos exercicios em suas lousas, como verdadeiras aulas preparativas, de entretenimento, sem obrigatoriedade dos cadernos apropriados.

Independente da minha humilde opinião, declaro com franqueza que o actual programma dos Grupos Escolares, nessa materia, não satisfaz a sã pedagogia do ensino moderno, em virtude do accumulo de pontos para serem proccessados num periodo annual, difficilmente a exposição intuitiva ao professor e o embaraço que se apresenta ao alumno de preparar-se convenientemente para attender todas as

partes do programma correspondentes á uniformidade do ensino e ao Regulamento Interno em vigor.

Poderia ser reduzido o programma de geographia nos grupos escolares ou então augmentado para mais um anno escolar, formando uma outra classe e com essa divisão, melhoraria as vantagens do curso primario, evitando a defficiencia de muitos pontos capitaes para os exames de admisão do curso complementar, normal e gymnasial.

Considero o trabalho dos professores de quarto anno dos grupos escolares, bem exhaustivo para corresponder ás exigencias do Regulamento Interno e o programma em vigor.

Sou apologista dos compendios para as classes primarias mais adiantadas, porque embora produza resultado o ensino expositivo, do professor, deve o alumno acostumar-se ao regimen do estudo de gabinete, fazendo consultas aos bons autores e assim tomará o gosto e o interesse pelos livros que devem ser sempre considerados os principaes e os melhores amigos dos estudantes.

Florianopolis, julho de 1927. Ass— *Beatriz de Souza Brito.*

THESE N.º 26

Conferencia de Ensino Primario do Estado de Santa Catharina

THESE 3a.

Como devem ser ministrados o ensino da geographia e cartographia nas escolas primarias e complementares ?

Qual a correlação entre essa e a outra materia ?

Convem o ensino da cartographia nas escolas ruraes ? De que fórma ?

O ensino primario moderno, acabando com o uso dos compendios, libertou a intelligencia da criança das decorações servis, da sobrecarga de nomes, regras e numeros de

sentido abstracto ou mesmo sem sentido para o espirito infantil. E ministrando noções dos principaes ramos do saber humano, quer a escola de hoje fazer de cada alumno um pequeno ser que sabe ver, pensar, sentir.

E que ensino mais proprio para se alcançar esse fim que o da geographia? Talvez não haja em todo o curso primario materia mais attraente. É uma inesgotavel lição de cousas da natureza e da vida tambem, pois estudo da Terra, tudo nella se relaciona com a vida do homem.

Uma lição de geographia resuvida á sequidão de uma lista de nomes indicados nos mappas e, por fim, de tão repetidos, citado machinalmente, é enfadonha.

É preciso que ella fale á imaginação, que a encha de quadros. Uma ideal lição de geographia devia produzir um effeito assim mais ou menos de cinematographo: a criança sem sair do seu lugar, anda por outras terras, vê outras gentes, observa outros costumes.

Seja a lição: rios do Brazil. Fala-se no Amazonas. Quanto se poderá dizer acerca do rio-mar! Diga-se da sua grandeza, comparando-o com os grandes rios do mundo, da sua importancia para o commercio; mostrem-se photographias de suas margens, etc.

O estudo é produções? — porque não consegue viver no sul uma planta que ha em quantidade no norte; porque temos que mandar vir alguns productos de fóra do país; necessidade que ha de aproveitar as qualidades da terra para certas culturas que façam diminuir a importação.

E assim se conversando em todas as lições a par dos conhecimentos puramente geographicos que fôr adquirindo, terá a criança uma visão do mundo, a sua curiosidade despertará e lhe fará sentir que vale bem a pena saber de tanta coisa interessante que ha por ali afóra.

Parece inutil dizer que a geographia e historia são materias correlatas, pois o estudo das duas anda quasi sempre ligado.

Tem tambem relação a geographia com a educação civica. E' tão grande e tão bello o nosso país, que em qualquer aula de geographia encontra o professor occasião de fazer vibrar a fibra patriótica dos alumnos.

E' a mathematica tambem materia indispensavel no estudo da geographia. Quando se trata do levantamento de plantas, de escalas de mappas, de diagrammas, são precisos bons principios de arithmetica e geometria.

A cartographia como complemento que é do estudo da geographia, devia seguir-se a cada lição. Seria uma como recapitulação graphica, não confundida nunca com um desenho, uma simples copia de mappa. Parece-me mais razoavel não figurarem nos horarios aulas especiaes para esse trabalho. Poderia talvez fazer-se da seguinte maneira:

- 1º — estudo oral da lição, o quanto possivel nos mappas.
- 2º — o professora desenhará no quadro o mappa da lição estudada e o mandará ler pelos alumnos.
- 3º — o mappa será feito pelos alumnos no quadro.
- 4º — os alumnos farão o mesmo exercicio no papel.

É possivel que assim se retarde um pouco o desenvolvimento do programma; mas não será tanto, porque o numero de aulas de geographia augmenta. E evitar-se-ia deste modo o facto de estarem os alumnos dando nas aulas oraes uma lição, ao mesmo tempo que fazem o mappa de outra.

Sempre fui professor da cidade e portanto não conheço as escolas do interior. Mas julgo conveniente o ensino da cartographia nas escolas ruraes, uma vez que elle seja dado de um modo pratico e principalmente regional: plantas, mappas ou pelo menos um esboço approximado do lugar seguindo-se então com o tempo as cartas do municipio, estado e país.

Isto póde parecer difficil, mas creio que com repetido exercicio se conseguirá bom resultado. Aos rapazes em especial interessa muito esse estudo. Filhos quasi todos de lavradores, elles estão naturalmente destinados a continuar o trabalho de seus paes; é preciso então habitua-los a vêr com intelligencia, com comprehensão a terra que mais tarde terão que cultivar.

O ensino bem orientado da cartographia, além do conhecimento da materia em si, tem para a criança dos sitios diversas vantagens: habitua-se a manejar com facilidade a regua e o compasso; educa-lhe a mão e a vista; familiariza-o com os numeros; dá-lhe o sentido exacto das dimensões; e quem sabe? pode, bem ser que esta minuciosa observação do terreno desenvolva nos alumnos o bom gosto e faça futuros agricultores progressistas, preocupados não só com o plantar e o colher, mas tambem com os melhoramentos, a ordem, o traçado, a belleza dos seus campos.

Trabalho apresentado por Catharina Demoro.

THESE N° 27

Congregação do Professorado

METHODOLOGIA

A escola é uma officina onde dos golpes do cinzel vai surgindo a bella estatua do homem integral.

Desviando-nos hoje um pouco do nosso primeiro objectivo visado nesta serie de artigos, vimos hoje tratar aqui de um ponto que nos envolve agora a attenção com referencia a uma das theses a serem discutidas na Conferencia do Ensino.

Trata-se da 3ª. these apresentada.

Não nos facultamos ao direito de desenvolvê-la ou analysá-la pedagogica e integralmente, não.

Nem de longe... Arrojar direito de outrem a nós, de modo nenhum.

Commentar essa questão, por sympathia e interesse colectivo, isto sim.

Tomamos pois, a liberdade de passar esta columna a referida these que na integra é a seguinte:

Tres partes componentes encerra a these em questão: por isso tres conceitos essenciaes queremos emitir.

1 — No nosso modo de encerrar o estudo da Geographia pensamos que ella é para o ensino elementar o que é o Raio X para o Medico, a Psychologia para o Educador e a Mathematica ao alumno, intelligente ou mediocre...

E assim sendo o seu árido estudo não só é de summa importancia, mas tambem de complicado engrenagem para ser transmittido ao educando.

2 — E sendo assim, a taboa de salvação que nos resta é sem duvida a Cartographia que é, para assim dizer-se a chave de ouro para o ensino da Geographia com quem ella intuitivamente se relaciona.

E' evidente, pois que conforme a nossa opinião supra o ensino de Cartographia não só convem nas escolas primarias e ruraes, mas até constitue uma necessidade. — Esta é a nossa conclusão.

Resta-nos agora apontar aquillo que é mais importante no assumpto em questão: é o meio pratico que deve orientar o mestre.

Antes porem, digamos de passagem que dilatado é o espaço que medeia a escola rural da escola em centro civilizado ou urbano; e por isso para desenvolvermos esta these tão longa num só artigo temos que nos limitar a uma synthese apenas...

Outrosim somos forçados a tirarmos a media pedagogica dos tres systemas de pedagogia pratica hodierna: a de Manjon, de Froebel e de Ruiz Amado para então chegarmos a uma conclusão satisfactoria ao ensino primario em geral... embora tratemos aqui de uma só disciplina...

3) Simplificação dos 3 systemas.

Antes de procurarmos a medida desses systemas, cumpre-nos lembrar que o alumno analphabeto da cidade é um geographo perspicaz de nascimento, ao passo que o alumno desanalphabetizado da colonia, ou do campo, é um desconhecedor legitimo da materia, forçada pela circumstancia do meio em que vive, sem novidade e sem recurso...

Facto. Provemo-lo.

Mais de uma vez temos observado que estes individuos até homens, não ligavam a photographia ao mesmo dono della que a apresentava sendo que a criança de 3 annos do centro culto, acostumada a exposições, etc., logo á primeira vista reconhecia o retrato pela physionomia que se lhe revelava.

Parece em principio, simples e ingenuo o que asseveramos e o exemplo citado, mas é original e razoavel a primeira revelação basica no estudo da geographia que é o conhecimento rapido e perspicaz da forma do contorno e das arestas dos objectos em geral.

Eis pois a necessidade da cartographia e do mappa feito no quadro negro (o debuxo) á vista dessa classe de alumnos.

Razão e exemplos. O facto é que Manjon reconhecendo a deficiencia em tantos outros methodos ou pelo menos concluindo que por muito recommendados que sejam os methodos heuristicos, de Pestalozzi e de Descartes, não satisfazem inteiramente o espirito atilado da mocidade destes ultimos seculos, elle dependura no pescoço de cada creança uma letra do alphabeto, chamando-a por essa letra.

O professor começa, fazendo a chamada e os alumnos respondem — sou a letra A, B, C, ...

Cada creança se apresenta, bradando o seu cartaz, e logo entrando em movimento com outras, formam-se as pa-

lavras... Enquanto Froebel funda o seu systema essencialmente na acção e nada se pode oppor á invenção, visto que a educação se ha de dirigir para a vida, que apenas se aperfeiçoa pela acção.

O seu systema applica-se sobretudo na escola profissional, visto que aperfeiçoa praticamente ao conhecimento dos instrumentos do trabalho que hoje mais que em outros seculos disto não se póde prescindir.

E ao passo que, enquanto estes assim applicam os seus systemas, o festejado pedagogo jesuita Ruiz Amado que bem soube interpretar as theorias educativas, condena o verbalismo, o memorismo e o technismo enquanto discrimina a falsa orientação desses pontos de vista.*

Chegamos, pois, do pratico ao theorico, precisamos, porém, passar do facil para o difficil e finalmente concretisar um systema particular que chegue á finalidade do estudo da materia que vimos tratando e que como a Historia é irmã gêmea da Geographia necessita de um methodo intuitivo que a torne mais suave e menos rigido.

Si o methodo Manjon é applicavel pelo seu lado pratico, o Froebel é util pelas vantagens que se nos offerece no desenvolvimento sempre crescente das industrias.

Porém bem, aperfeiçoados praticamente esses systemas por Ruiz Amado, ou antes simplificados pela orientação que elle tem traduzido nas suas importantes obras e na Revista Educacion Hispano-Americana podemos fazer do seu um nosso systema que com justiça lhe pode ser attribuido e classificado como 3.º methodo hodiérneo.

E aliás attendendo-se que pouco ha de rotineiro nessa triplice communhão de methodologia, adoptamos a pratica um pouco de theorica de outros para a transformação radical do metaphysico antiquissimo e complicado.

Sigamo-lo de visu amoldando as nossas escolas á pratica de sua possivel realização. Cuidemos, porém, antes de outra cousa, das nossas salas escolares que pelo menos bem arejadas, não apresentem o aspecto de casas vazias, fechadas pelo inquilino que se mudou...

É preciso que as paredes estejam cobertas de mappas e quadros, que cada escola primaria possua uma pequena bibliotheca e que haja tambem um modesto apparatus educativo no gabinete do professor.

Mas ha falta do que apontamos, sobretudo nas escolas ruraes e municipaes (ha honrosas excepções); mas temos ob-

servado, pelo tirocinio e interesse tomado, que alguns professores de certos municipios, com muito custo conseguiram pelo menos um quadro preto indispensavel ao ensino... ora isso não é grande despeza para uma Prefeitura que installa uma escola.

Felizmente esses maus tempos ha muito passaram.

Surge agora uma nova epoca de resurgimento pedagogico, e todos os elementos do Estado, e assim dos municipios, conjugados pelo mesmo ideal, seguem garbosamente a aprazivel e visada orientação do Chefe do Executivo.

Em relação ao que estamos tratando haja vista o exemplo que se está fazendo nesta capital, no tocante á fiscalização e syndicancia aos Collegios que resulte em beneficio do ensino, fornecendo-lhes o material necessario e indispensavel.

Estamos certos pois de que os senhores Prefeitos actuaes não se limitarão a votar uma verbasinha que se limite á insignificante subvenção ao professor. (Elles antigamente eram tambem pagos pelos paes dos alumnos)...

Pois o apparatus do ensino — dizemos o material escolar — é o alimento pedagogico do professor e do alumno.

Resolvida afinal essa difficuldade, ponha o preceptor em pratica o methodo que em resumo é o seguinte:

- a) — Leia-se e explique-se a lição (de geographia);
- b) — Faça-se o desenho, no quadro, o mappa do livro: planta de villa, cidade; estradas, rios, montanhas, etc, com referencia á lição do dia.
- c) — Conte-se a historia da fundação daquella villa, cidade; si for possivel citando o nome do seu fundador.
- d) — Mande-se o alumno copiar a lição dada.
- e) — Faça-se o uso do globo mostrando ao alumno a possibilidade da Terra girar...

Ensaie-se isto duas a tres vezes e ha de chegar a bom resultado no ensino de geographia, dotando os alumnos da zona rural e mesmo urbana, do elemento para a idéa precisa e completa da vida.

É com referencia ás escolas complementares pensamos do mesmo modo, favorecendo-lhes outras circumstancias...

De outra fôrma parece-nos será difficil infiltrar no espirito do alumno os accidentes geographicos do globo terraqueo.

Porém é conveniente em tudo isso seguir o lemma dos sete sabios da Grecia: « Ne quid nimis ». Nada de mais.

(Do ensino primario). Ass. — *Alfredo Xavier Vieira*.

THESE N.º 29

Como a geographia e a historia parecem nascerem juntas, pois uma não pode existir sem a outra, respondo conjunctamente.

O ensino da geographia deve ser auxiliado por meio de mappas, nem deve ser muito desenvolvido, idéa geral do globo, continentes, paizes principaes, mares, rios, capitaes, e ainda os compendios escriptos de accordo com o programma, com clareza deve muito concorrer a mesma clareza, a mesma simplicidade, nos compendios de historia apenas os principaes factos, despidos de grande numero de particularidades que as intelligencias infantis não podem ainda comprehender.

Um programma muito elevado e carregado de materias nunca será desenvolvido em uma escola rural. A carencia de livros é um dos factores do analfabetismo. Ao sahir das escolas as crianças não tem mais que ler. A fundação de uma imprensa escolar seria um grande auxilio, ainda que cada empregado tivesse que concorrer com uma diminuta percentagem para tal fim. Os livros não podem fazer mal ás creanças — tirar-lhes os livros é como se negasse ao operario os instrumentos de sua arte. O magistrado, o juiz, o medico, o militar, o engenheiro, o professor nada fazem sem os livros — o que farão as creanças mais debeis em memoria, sem os livros para lembranças e consultas.

Os apontamentos, quadros synopticos, absorvem maior tempo e trabalhos. Se a decoracão é pernicioso, dê-se-lhe os livros que contenham as materias explicadas e ensinadas, assim: os compendios de historia, de geographia, geometria, synonymos, grammatica, educação civica, etc., não podem prejudicar as crianças antes prejudicará os apontamentos puramente decorados...

O erro é natural do homem.

Ariú, 28 de junho de 1927. — Ass. *Antonio Victor de Sousa.*

THESE N.º 24

Como devem ser ministrados o ensino de geographia e cartographia nas escolas primarias e complementares?

Do modo mais pratico possível e ensinada pelo metho do synthetico (nas classes inferiores). Deve ter ainda as seguintes qualidades, desenvolvimento intellectual; despertar interesse, patriotismo, não cançar a memoria (classe superior).

Qual a correlação das duas materias? A cartographia é o complemento da geographia e auxiliar da criança que comprehende muito melhor depois de ter feito o desenho do país etc. de que a lição trata.

Convem o ensino da cartographia nas escolas ruraes? Sim, porque é de grande utilidade.

De que fórma?

Relacionada com a lição.

Saúde e fraternidade. — (Ass.) A professora — *Maria Isabel Falcão.*

PARECER N.º 11

Parecer sobre o ensino de geographia e cartographia

A 2.ª commissão suplementar considerando as theses ns. 22, 24, 26, 27 e 29 respectivamente dos professores d. d. Beatriz de Sousa Brito, Maria Isabel Falcão, Catharina Demoro, srs. Alfredo Xavier Vieira e Antonio Victor de Sousa, que tratam do ensino de geographia e cartographia chegou as seguintes conclusões:

I — Que deve ser completamente intuitivo o ensino dessa materia porque, sendo ella de grande utilidade para a vida pratica, convem não deixar lacunas que possam tolher os passos da criança que tem necessidade de preparar-se com base nos seus conhecimentos elementares, a fim de tornar-se mais tarde util a si e aos seus semelhantes.

II — Que as cartas geographicas são indispensaveis como principaes guias do ensino pratico. Portanto, o professor terá o cuidado de explicar as lições no mappa e de senhar todos os accidentes no quadro negro, para que os alumnos comprehendam o que aprendem e retenham facilmente com a decoracão visual todas as lições e possam, com precisão, reproduzi-las na aula de cartographia, como tambem,

escrever em seus cadernos as explicações com as respectivas legendas.

III — Que sendo a cartographia um complemento da geographia, é necessario para a boa ordem, disciplina e aproveitamento, munir-se cada alumno de seu material didactico, não só como meio pedagogico, mas tambem como effeito de esforço próprio. A cartographia como complemento que é do estudo da geographia, devia seguir-se a cada lição. Seria uma como recapitulação graphica, não confundida nunca com um desenho, uma simples copia do mappa.

Parece mais razoavel não figurarem nos horarios aulas especiaes para esse trabalho. Poderia, talvez, fazer-se da seguinte maneira:

- (a — estudo oral da lição, o quanto possivel nos mappas;
- (b — O professor desenhará no quadro o mappa da lição estudada e o mandará ler pelos alumnos.
- (c — o mappa será feito pelos alumnos, no quadro.
- (d — Os alumnos farão o mesmo exercicio no papel.

E, possivel que assim se retarde um pouco o desenvolvimento do programma, mas não será tanto, porque o numero de aulas de geographia augmentará. Por este systema evitar-se-ia que os alumnos, nas aulas oraes estudassem um ponto e nas de cartographia graphassem outro.

IV — Que as viagens imaginarias são tambem de grande proveito no ensino pratico e são consideradas como verdadeiras aulas instructivas, porque o professor entabolará um período de palestra agradável por meio de explicações e perguntas, chamando a atenção da classe com explicação dos factos que se deram e episodios historicos, as difficuldades que soffreram os povos antigos pela falta de meios de transporte, para percorrer os mesmos logares que hoje são facilmente visitados.

V — Que o ensino de cartographia não pode ser proveitoso nas escolas ruraes, tanto quanto nos grupos, — *primeiro* — porque nem todos os professores tem o conhecimento dessa disciplina, a não ser os normalistas e os complementaristas ou professores que já frequentaram os grupos escolares; *segundo*, pela difficiencia de recursos de muitos paes, que em geral lutam com os meios de vida para manutenção da familia* e que difficilmente mantêm seus filhos nas escolas; *terceiro*, pela falta de material didactico que geralmente se nota nas escolas do interior do Estado. Entretanto, talvez o ensino introduzido o ensino de cartographia nas

escolas ruraes com o desenho dos principaes accidentes feitos pelo professor no quadro negro, acompanhando os alumnos os mesmos exercicios em suas lousas, como verdadeiras aulas preparativas, de entretenimento, sem obrigatoriedade dos cadernos apropriados.

VI — Que o actual programma dos grupos escolares, nessa materia não satisfaz a sã pedagogia do ensino moderno, em virtude do accumulo de pontos para serem processados no periodo annual, difficultando ao professor a exposição e ao alumno o preparar-se convenientemente para attender a todas as partes do programma, correspondente á uniformidade do ensino e ao Regimento Interno em vigor.

VII — Que poderia ser reduzido o programma de geographia nos grupos ou então augmentado de mais um anno escolar. Melhorar-se-ia o curso primario, evitando a difficiencia de muitos pontos capitaes para o exame de admissão do curso complementar, Normal e Gymnasial, pois o trabalho dos professores do terceiro e quarto annos dos grupos escolares é bem exaustivo para corresponder ás exigencias do Regimento Interno e programma em vigor.

Sala das sessões, 5 de agosto de 1927.

Ass. — *Laercio Caldeira de Andrada*, relator; — *Beatriz de Sousa Brito*, presidente; — *Albano Monteiro Espinola*, secretario.

NOTA — Este parecer foi approved sem debates.

1. Cadeira. Português e principios de Literatura da lingua

NOTA—Há um objectivo que o professor de lingua e bellas letras vernaculas, deve ter sempre ao alcance de sua visão e patente á sua orientação pedagogica; e é que as aulas, os programmas, as divisões e sub-divisões didacticas, os methodos relativos áquellas disciplinas collateraes e entre si integrantes, visam apenas o falar e escrever com acerto e graça a lingua Portuguesa. Atravez da analyse syntactica mais elucidativa, ou na pesquisa de uma particula de multiplas funcções, ou em um bem memonizado quadro de verbos, ou ainda em cem outros grammaticaes,—o fim é chegar ao conhecimento da lingua: falar e escrever bem. Fim unico, para vingar o qual são varios os meios. Qualquer capitulo de grammatica é um contingente para tão ludo desiderato. Não é, com outro proposito que se cursam aulas de lingua materna! Insistimos no ponto, por mais prou homnesco que, á prima vista, se nos queira figurar

E, neste particular nos detemos, porquanto basta versar manuaes e programmas que por ahí correm, para se verificar o esquecimento dos autores que garram desse principio bäsico, descambando para tecnologias ociosas, perdendo-se na traça grammatical de enredada contextura, tratando, em summa, a grammatica por amor da grammatica, quando deveriam trata-la por amor da Lingua!

Aprender a Lingua é o nobilissimo desejo dos estudiosos, quer sejam professores, quer sejam discipulos, augmentando aquelles o seu cabedal de saber, iniciando-se, estes no patriotico apprendizado do vernaculo.

Desejo, sim; e mais: sonho e anhelos vivo de mestres e estudantes, uns na expectativa de tão formosa conquista, outros no labor de lha tornarem accessivel è elle que, realizado, imprime ao moço um flagrante cunho de individualidade patricia, e è elle ainda que ha de manter cohesa a corporatura gigantesca da brasilica Nação—como accentuou o professor Henrique Fontes, em seu curioso discurso aos magistrandos de 1918. E accentuou bem, já que, «na lingua, verdadeiramente reside a nacionalidade», consoante ensinava a discreta sabedoria de Fradique Mendes...

II

Desenganadamente somos partidarios dos propositos menos theoreticos, e achamos que, num curso de 3 ou 4 annos, prazo nimio escasso para o conhecimento cabal do idioma,—só com a relegação do theorismo para plano secundario, e pelo regimen das lições de leitura e redações frequentes, corrigidas e commentadas prosodica, orthographica, syntactica e estilisticamente pelo professor; de grammatica relativa aos casos occorrentes, dosando-se tudo de accordo com o adiantamento da classe; só por esse meio repetimos, poderão ser levados os alumnos à posse do mais necessario no uso vivo da Lingua Patria.

Todavia, esse criterio pratico não vai cortar de razo generalizações e preceitos, abstractos, muitos dos quaes se requerem até imprescindivelmente para o estudo consciencioso de nossalingua; mas, justamente pela grammatica applicada é que iremos ter às generalizações: «è o exemplo que conduz á regra, o uso constante e concreto que lembra o dictame abstracto.»

Dessarte não nos desviaremos do conselho de Herbert Spencer (1):

«A grammatica feita após a lingua, deve ser ensinada depois da lingua.»

E estaremos que — segundo Herder (2) — «... a grammatica deve ser aprendida pela lingua, não a lingua pela grammatica.»

(1) Apud Compayré : Cours de Pedagogia, pg. 311

(2) Idem, ibidem, loc. cit.

III

Com esse roteiro e com esses principios, julgamos acertada uma tabella de estudos do vernaculo, que vão aqui parcelados para um triennio e para um quadriennio normal.

Português — 1.º anno

1. Palavra e syllaba, com exemplos. Monosyllabos, dissyllabos, trissyllabos, polysyllabos.
2. Letra e phonema: explicação tendente a estabelecer no espirito do alumno a differença entre o som elementar e a sua figura.
3. Vogaes e consoantes, grupos vocalicos, consonantes; som proprio e som accidental das letras.
4. Notações lexicas, Regras de accentuação; accento tonico e accento graphico.
5. Orthographia; systemas orthographicos, ensinados summariamente.

NOTA: Depois desse estudo, o professor fará a synthese do ponto, explicando que tratou de phonologia, prosodia e orthographia; dictará ao alumno schemas que o façam abranger tanto quanto possivel, num relance, a materia dada.

6. Conhecimento do substantivo, do adjectivo, do pronome e do verbo — precisa, mas não pormenorizadamente.
7. Classificações e flexões do substantivo, do adjectivo e do pronome.
8. Sub-divisões do adjectivo e do pronome.

NOTA: O verbo será tratado em ponto especial. As categorias inflexivas serão estudadas no 2.º anno, pois melhor se comprehendem com o auxilio da analyse syntactica.

9. Conhecimento do sujeito, do predicado e do complemento.

NOTA: Sem noções do sujeito e do predicado, não è possivel o estudo sério do verbo.

10. Verbo: conjugação, themas e flexões verbaes, modos finitos, infinitivos; tempos primitivos, derivados, simples e compostos.
11. Divisão e minucioso estudo do verbo quanto à conjugação (regulares, irregulares, auxiliares, defectivos).
12. Divisão do verbo quanto ao sujeito: activos, passivos, reflexivos e neutros.

13. Divisão do verbo quanto á significação: augmentativos, diminutivos, imitativos e frequentativos.

NOTA: Faça o professor a synthese da materia, recordando-a ao alumno, e explicando-lhe que tratou de taxonomia, flexionismo, categorias flexivas.

14. Prefixos encontrados: in, per, pre, bem, des, com ante, sub, etc.

15. Suffixos e themas dos pluraes, dos diminutivos, dos augmentativos, dos superlativos e dos participios.

16. Vocabulos primitivos e vocabulos derivados: compostos por juxtaposição, prefixação, agglutinação; derivados proprios, e imp oprios.

NOTA: Synthetizando o ponto, o professor dirá o que explicou, determinando o sentido da palavra «orphologia», definindo ainda os termos prefixo, suffixo, desinencia, thema, raiz, etc.

17. Emprego da letra maiuscula. Regra pratica para a formação do plural dos diminutivos. Ensaio sobre o plural dos nomes de tonica fechada.

18. Schemas com a divisão e a subdivisão do estudo de Grammatica Portuguesa.

NOTA: Todos os pontos devem ser, quanto couber, acompanhados de exercicios numa Selecta, adoptada na Escola Normal.

19. Língua e linguagem; distincção technica e divisões.

NOTA: O facto de virem as definições e divisões como remate dos pontos, significa que caminhamos «do concreto para o abstracto, dos casos particulares para as classificações, da lingua viva para a theoria generalizadora».

Estudámos as manifestações e os factos grammaticaes, e, em seguida, encarando-os em suas linhas de conjunto, organizámo-los e denunciamos-los.

PARTE PRATICA

20. Leitura expressiva e explicação, pelos alumnos, de um trecho lido; synonymia dos termos occorrentes e dictados.

21. Exposições e descrições faceis, dando-se como themas o interior da escola, o trajecto da escola, uma chacara, o dia do estudante, uma procissão religiosa, a casa de moradia, etc.

NOTA: A correcção se fará em aula e o professor commentará o trabalho de cada alumno, assignalando os

defeitos e suggerindo a errata. Um só thema deve ser repetido duas ou mais vezes consecutivas, até resultado satisfactorio.

22º Analyse lexicologica das categorias variaveis.

Português — 2. anno

1. Sujeito, predicado e complemento: explicação acompanhada de ensaios na Selecta de aula. Periodo simples e periodo composto, conhecido praticamente.

2. Preposição, conjunção e adverbio: estudá-las comparando-lhes as funcções; assignalar a mobilidade do adverbio e a fixidez dos connectivos citados. Exercitar muitissimo na Selecta de uso.

3. Conjunção coordenativa e conjunção subordinativa.

4. Divisão dos verbos quanto ao complemento: transitivos (directos, relativos, bi-objectivos), intransitivos e de ligação ou attributivos.

5. Coordenação e subordinação.

6. Oração principal e oração secundaria. Signaes de subordinação.

7º Estudo especial dos complementos. (Adopção do quadro de complementos applicavel ás orações secundarias.)

8. Divisão das orações secundarias quanto á funcção syntactica (subjectivas, objectivas, predicativas, attributivas e circumstanciaes;) quanto ao connectivo (relativas, conjunccionaes, indefinidas e infinitivas;) quanto á funcção lexica (substantivas, adjectivas e adverbias).

9. Concordancia do verbo com o sujeito: regra geral e casos particulares. Concordancia do predicado nominal e pronominal com o sujeito. Concordancia do adjectivo com o substantivo: regra geral e casos particulares.

NOTA: Far-se-á, após o estudo dos pontos acima, o confronto da lexicologia com a syntaxe, discriminando-se o objecto de cada uma dellas, para que os alumnos percebam a utilidade dessa meação basica do campo grammatical.

PARTE PRATICA

10 — Emprego das pessoas grammaticaes no tratamento epistolar, no dialogal, no oratorio: manutenção e uniformidade dos pronomes pessoas e de reverencia, e do possessivo correspondentes.

11 — Ensaios de concordancia do verbo com o sujeito composto de differentes pessoas grammaticaes.

Imperativo positivo e imperativo negativo.

12 — Descrições de scenas da natureza: um passeio ao Continente, o nascer do dia, uma noite de luar, etc.

Impressões subjectivas provocadas por uma das seguintes scenas: a volta ao lar, um batalhão em marcha, um pobre, um hospital, etc.

Cartas de amizade a um pai, a um collega, a um professor (repetidas até resultado satisfactorio).

13 — Na Selecta de uso, analyse lexiologica, principalmente das particulas e analyse syntactica.

Português — 3.º anno

1 — Genese do Português: a Iberia, os celtas, os Iberos; a denominação romana; o latim popular; a invasão germanica; os arabes; o romanço.

2 — Funções lexicologicas do que e funções syntacticas do se.

NOTA — Não é decorar quantas e quaes as funções que exercem essas particulas. E', sim, de Selecta em punho, í-las registrando nos casos que occorrerem. Dois proveitos colhe o alumno com tão util exercicio:

a) Verificar a riqueza e a elegante mobilidade do idioma;

b) Ensaïar o raciocinio e assignalar por analyse propria, categorias grammaticaes e funções syntacticas peculiares a essas particulas.

3 — Crase e partição de palavras em fim de linha.

4 — Orthographia : systemas; reforma lusitana.

5 — Collocação de variações pronominaes.

6 — Figuras syntacticas e vicios de linguagem. Lista dos gallicismos vitandos.

7 — Infinito pessoal e impessoal.

8 — Formação do vocabulario da lingua: herança latina, derivação e composição populares, formação erudita, importação estrangeira.

9 — Ordem analytica e ordem synthetica.

10 — Pontuação.

11 — Grammatica expositiva portuguesa, da qual fará uma synopse o professor, dando assim, em resumo, e num conjuncto o mnemonico, a materia dos tres annos.

PARTE PRATICA

12 — Exercicios sobre collocação de encliticos, infinito pessoal e impessoal, pontuação, crase, etc.

13 — Cartas de cortesia, amizade e negocios.

14 — Officios e requerimentos.

15 — Analyse lexica e syntactica na Selecta de uso.

NOTA — Se o curso normal vier a ter 4 annos, dar-se-á ainda Grammatica Historia da Lingua no 4.º anno, com os seguintes pontos capitaes.:

1 — Leis gloticas. Exemplificação com vocabulos latinicos e portugueses correspondentes.

2 — Metaplasmos, explicados do ponto de vista das transformações phoneticas.

3 — Vocabulario latino abundante e suas modificações na Lingua Portuguesa.

4 — Evolução da arte de escrever.

5 — Evolução das categorias grammaticaes.

6 — Comparação entre a conjugação latina e a portuguesa.

7 — Etymologia das categorias flexivas.

8 — Etymologia das categorias invariaveis.

9 — Historia da disciplina grammatical em Português.

10 — Português no Brasil e em Portugal. Diferenças.

Principios de Literatura da Lingua — 3.º anno.

(COMPOSIÇÃO LITERARIA)

1 — Rapido estudo comparativo entre Syntaxe e Estilistica.

2 — Como se adquire e aperfeiçoa o estilo. Escola litteraria.

3 — Composição litteraria: invenção, disposição, elocução.

4 — Especies liricas e especies dramaticas.

5 — Poetica. Versificação: versos e estrophes. Rimas. Pé, Rythmo, Cadencias.

6 — O Jornal. O romance. A novella. O conto. A critica litteraria no Brasil: Araripe, Romero e Verissimo.

7 — A palavra Litteratura, no sentido lato, no restricto e no pedagogico.

Principio de Literatura da Lingua — 4.º anno

(PARTE HISTORICA)

1 — A litteratura portuguesa na epoca mediavel: escolas provençal e espanhola. Cancioneiros, nobiliarios, novel-las de cavallaria, chronicas.

- 2 — A arte literaria portuguesa no sec. XVI. Renascença. Renascença portuguesa e seus grandes vultos.
- 3 — A arte Literaria do seiscentismo: Cultismo, origens. Vultos notaveis do sec. XVII.
- 4 — A arte literaria do sec. XVIII; reformas, arcadias, grandes escriptores.
- 5 — Arte literaria dos sec. XIX e XX. Romantismo, Realismo, Decadismo, Parnasianismo, Futurismo.
- 6 — Periodo de formação da Literatura Brasileira. Anchieta, Frei Vicente de Salvador, Bento Teixeira Pinto, Gregorio de Mattos e Rocha Pitta.
7. Periodo de desenvolvimento autonómico da Lit. Brasileira. — os incondidentes, Santa Rita Durão, José Basilio da Gama.
8. Romantismo, 2ª. phase; Magalhães, Gonçalves Dias, Porto Alegre, Laurindo Rabello, etc.
9. Romantismo, 1ª. phase: Alvares de Azevedo, Auretiano Lessa e Bernardo Guimarães, Junqueira Freire, Casimiro Varella, Castro Alves, Tobias, etc.
- 10 Parnasianos e decadentes: os maiores representantes.
- 11 — Prosadores, jornalistas e oradores contemporaneos de nomeada.
- 12 — Ruy Barbosa e Machado de Assis.

2ª. CADEIRA — Francês

Observação — A lingua falada em aula será o francês. O alumno adquirirá o vocabulario por meio de exercicios de linguagem, sob a forma de lições de cousas. O lado pratico terá preferencia ao aspecto theorico. A traducção frequente—eis o que o aprendiz deve conhecer, pois só com ella é que poderá haurir conhecimentos posteriores nos livros francezes.

PRIMEIRO — ANNO

- 1 — A escola: descripção da sala de classe, mobiliario, actos escolares, o pessoal discente e docente, ordens conselhos, etc.
- 2 —O tempo: leitura das horas, o dia, a semana, o mês, o anno, as festas annuaes, etc. as variações do tempo, temperatura, estações, etc.
- 3 — Exercicios de calculo: leitura e escriptas dos numeros: datas, pesos e medidas, etc.

- 4 — O corpo humano: partes do corpo, descripção, movimentos, funcções dos principaes orgãos, sentidos, cuidado e doencas.
- 5 — O vestuario: descripção, uso, fabricaçção das roupas.
- 6 — A alimentação; alimentos, preparo, uso, etc.
- 7 — A vida de casa e da familia: descripção e uso do mobiliario e compartimentos da casa; os membros da familia, as festas, o luto, etc.
- 8 — A cidade: a vida economica, a rua, os vehiculos, o correio, o telegrapho, o telephone, as lojas, os armarinhos, as principaes industrias.
- 9 — A vida intellectual: as escolas, as instituções, as academias, as artes, os theatros, a justiça, as classes armadas
- 10 — A vida rural: trabalhos annuaes, plantas, etc.
- 11 — O universo: montanhas, planicies, desertos, mares ceus, astros, etc.
- 12 — Uma Selecta, francesa para leitura, explicado o sentido, na propria lingua, por termos mais faceis e accessiveis ao entendimento dos alumnos.
- 13 — Dialogo entre o professor e os alumnos.
- 14 — Phrases escriptas, dictados graduados.
- 15 — Applicaçção das regras de grammatica, occorrentes na leitura e nos dialogos.

SEGUNDO ANNO

- 1 — Continuaçção do methodo precedente. Recapitulaçção.
- 2 — Leitura, dialogos, dictados, dadas as explicações do sentido e noções de grammatica da lingua francesa.
- 3 — Traducção de excerptos autores contemporaneos commentadas as regras que os aquelles suggerirem.
- 4 — Versão de phrases e trechos faceis.

NOTA — O programma de francês, aqui exposto, servirá indifferentement: para um curso de 3 ou de 4 annos

3ª. CADEIRA — Arithmetica, Algebra, Geometria e Noções de Trigonometria

(Programmas para um curso de 3 annos)

Primeiro anno — Arithmetica

- 1 — Quantidade, unidade, numero, numeraçção, Operações sobre numeros inteiros; provas.

2 — Divisibilidade dos numeros. Theoria dos restos. Theoria do maximo Divisor Commum. Theoria dos numeros primos. Menor Multiplo Commum.

3 — Potencia e raizes dos numeros. Raiz quadrada e rais cubica.

4 — Fracções ordinarias, definições, propriedades e operações. Raizes quadradas e cubicas dos numeros fraccionarios.

5 — Conversão das fracções: ordinarias em decimales e vice-versa. Dizimas periodicas e fracções continuas.

6 — Systema metrico decimal; systema antigo; numeros complexos; conversão de medidas.

7 — Theoria das razões e proporções: equidifferença, proporções; propriedades das proporções.

8 — Grandezas proporcionaes e inversamente proporcionaes.

9 — Regra de tres, simples e composta; methodo de redução á unidade.

10 — Regra de juro simples; divisor fixo; desconto racional e desconto commercial.

11 — Regra de divisão proporcional; regra de sociedade, simples e composta.

12 — Regra conjuncta; cambio interno e externo.

13 — Progressões por differença; progressões por quociente.

14 — Logarithmos: definições e theoremas; logarithmos vulgares; tabuas de logarithmos; uso das tabuas, cologarithmos.

15 — Regra de juros compostos e de annuidades.

Primeiro anno — Algebra

1 — Notação algebraica; expressão algebraica, termos semelhantes; valor numerico.

2 — Adição, subtração, multiplicação e divisão algebraicas.

3 — Origem e interpretação do expoente; expoente negativo. Divisibilidade por $(x-a)$.

4 — Fracções algebraicas; redução ao mesmo denominador, simplificação. Operações e propriedades.

5 — Calculo do expoente negativo. Potenciação das quantidades algebraicas.

6 — Binomio de Newton; permutações, arranjos e combinações.

7 — Radiciação das quantidades algebraica; origem e interpretações do expoente fraccionario.

8 — Quantidades imaginarias. Radices.

9 — Equação do primeiro grau: principios, resolução e discussão; problemas dos correios.

10 — Systemas de equações: methodos de eliminação, redução, substituição comparação de Bezouth, regra de Cramer.

11 — Discussão de um systema de duas equações a duas incognitas.

12 — Calculo indeterminado do 1º grau.

13 Equação do 2º grau: dedução das formulas; composição, discussão.

14 — Equação reductivel ao 2º grau.

15 — Equação irracional.

16 — Equação exponencial do 1º grau.

Primeiro anno — Geometria

1 — Definições preliminares, corpo, superficie, linha, ponto geometrico.

2 — Angulos.

3 — Parallelas e secantes.

4 — Perpendiculares e obliquas.

5 — Triangulos e quadrilateros.

6 — Circulo.

7 — Polygonos regulares, medida.

8 — Das rectas proporcionaes entre si e consideradas tambem no circulo.

9 — Medidas dos lados dos polygonos.

10 — Medidas das areas.

Segundo anno — Trigonometria

1 — Objecto da Trigonometria, definições preliminares.

2 — Relações entre as linhas trigonometricas.

3 — Variações das linhas trigonometricas.

4 — Redução ao primeiro quadrante.

5 — Formulas do seno da somma e da differença, e do coseno e da differença dos dois arcos.

6 — Senos e cosenos do dobro e da metade de um arco, tangente do dobro.

7 — Formulas para tornar calculaveis por logarithmos certas expressões.

8 — Construção e uso das tabuas trigonometricas.

9 — Principios para a resolução dos triangulos rectangulos.

- 10 — Resolução dos triangulos rectangulos.
- 11 — Principios para a resolução dos triangulos obliquangulos.
12. — Resolução dos triangulos obliquangulos. Area dos triangulos.

NOTA — Se o curso normal vier a ter 4 annos, as materias retro distribuidas, terão outra ordem, que será a que se segue: os primeiros 6 pontos de Arithmetica ensinar-se-ão no 1º anno; os restantes 9, no 2º anno, os primeiros 9 pontos de algebra caberão no 2º anno; os 7 restantes, ao 3º annos os primeiros 10 pontos de Geometria serão ensinados, no 3º anno; ao 4º restantes, no 4º anno; a Trigonometria dar-se-à no 4º anno.

Esse é o criterio do lente.

4ª. CADEIRA — Physica e Chimica

NOTA: Esta materia deve ser dada no 1. e 2. anno quer o curso venha a ter 3 ou 4 annos.

Primeiro anno — Physica

- 1 — Physica, sua divisão e importancia. Corpo e materia. Leis e theorias physicas. Observação e experimentação.
- 2 — Estados physicos dos corpos. Propriedades da materia. Filtros e filtração.
- 3 — Noções de Mecanica, força e movimento. Machina em geral. Estudo das alavancas.
- 4 — Atração universal e estudo da gravidade.
- 5 — Queda dos corpos e equilibrio dos corpos solidos.
6. Estudo do pendulo e suas applicações.
- 7 Peso e densidade, estudo das balanças e methodo de pesadas.
- 8 Hydrostatica. Compressibilidade dos liquidos. Principio de Pascal. Prensa hydraulica. Equilibrio dos liquidos e suas applicações.
- 9 Bombas em geral e suas applicações.
- 10 Principio de Archimedes. Equilibrio dos corpos mergulhados e fluctuantes.
- 11 Gases e suas propriedades geraes. Athmosphera e pressão athmosphérica. Barometros.
- 12 Principio de Archimedes, applicados aos gases. Aerostatos e aeroplanos.
- 13 Estudo do calor. Dilatação dos corpos. Thermometria e thermomestros.

Primeiro anno — Chimica

- 1 — Historia da Chimica.
- 2 — Chimica; sua definição e divisão. Corpos simples e compostos. Mistura e combinação. Metaes e metalloides.
- 3 — Leis que regem as combinações.
- 4 — Estabelecimentos de formula. Formulas em geral.
- 5 — Nomenclatura.
- 6 — Peso atomico e mollecular.
- 7 — Reações chimicas.
- 8 — Theoria e valencia dos radicaes.
- 9 — Acidos, bases, saes.
- 10 — Typos molleculares e estrutura mollecular.
- 11 — Allotropia e isomeria.
- 12 — Propriedade dos corpos.
- 13 — Reconhecimento de saes.
- 14 — Hydrogenio.
- 15 — Oxygenio.
- 16 — Ozone.
- 17 — Agua.

Segundo anno — Physica

- 1 — Metereologia e climatologia.
- 2 — Luz: sua propagação e intensidade.
- 3 — Reflexão da luz. Espelhos e laryngoscopios. Refracção da luz.
- 4 — Lentes e sua classificação. Dispersão da luz. Theoria das cores. Achromatismo. Espectroscopia e analyse espectral. Photographia.
- 5 — Estudo dos instrumentos opticos.
- 6 — Formação dos vapores no vacuo. Vapores saturantes e não saturantes. Maximo de tensão.
- 7 — Calor latente de vaporização. Frio produzido pela evaporização. Machinas de vapor.
- 8 — Electricidade. Seu desenvolvimento pelo attricto. Corpos bons e maus conductores.
- 9 — Electricidade por influencia e por indução. Electros copios.
- 10 — Magnetismo. Campo magnetico. Polos dos imans. Bussolas.
- 11 — Electricidade dynamica. Experiencias de Galvani e Volta.
- 12 — Pilhas em geral.

Segundo anno — Chimica

- 1 — Ar atmosferico
- 2 — Agua
- 3 — Fluor
- 4 — Phosphoro e seus principaes compostos
- 5 — Arsenico e seus principaes compostos.
- 6 — Enxofre e principaes compostos
- 7 — Ferro
- 8 — Ouro
- 9 — Cobre
- 10 — Zinco

5ª. CADEIRA — Historia Natural e Hygiene

NOTA - Conforme o criterio do lente, esta cadeira deve ser dada no 2º e 3º anno, se o curso da Escola Normal tiver um triennio; na hypothese de o mesmo curso abranger 4 annos, a materia que aqui vai distribuida caberá ao 3º e 4º anno.

Segundo anno -- Historia Natural

1— Definição e divisão da Historia Natural e suas relações com as outras sciencias. Reinos da Natureza. Caracteres differenciaes de cada reino. Distincção entre corpos organicos e inorganicos e organizadas.

2—BOTANICA. Morphologia e physiologia. Cellula. Tecido cellular. Tecido fibroso. Tecido vascular. União e composição dos tecidos.

3—Divisão geral das plantas. Raiz em geral; seu estudo morphologico, variedades, importancia industrial de algumas raizes brasileiras.

4—Caule em geral: crescimento terminal e intercalar; ramificação do caule e seus caracteres morphologicos e estruturales, variedades e importancia dos caules na industria.

5—Folha em geral: variedades; formas e nervação do limbo; ramificação da folha, do limbo e do peciolo. Prefolição e Phylotaxia.

6—Importancia da chorophylla. Papel physiologico do anhydrido carbonico. Estudo da função chrophylliana. Distribuição da chlorophylla no mundo das plantas

7—Estudo morphologico e microscopico da flor; flor em geral; origem das flores e suas modalidades; flores regulares e irregulares; unisexuadas, hermaphroditas. Estudo especial da morphologia do androceu e do gynecceu.

8—Morphologia microscopica dos estames e carpellos.

variedades de ovulos e seus elementos estruturales. Formação do polen.

9 — Pollinisação. Phenomenos intimos da fecundação nos phanerogamicos. Formação do ovo e seu desenvolvimento.

10 — Desenvolvimento do ovario após a fecundação. Estudo dos elementos de um fruto. Classificação.

11 — Da semente e seus elementos. Classificação elemental. Da germinação. Causas intrinsecas que favorecem a germinação.

12 — Seiva e sua circulação. Nutrição dos vegetaes. Plantas parasitas. Nitrificação do solo.

13—ZOOLOGIA—Cellula e tecidos animaes em geral. Caracteres, modalidades das cellulas, seu estudo microscopico. Physiologia da cellula. Movimento, respiração e multiplicação das cellulas.

14 — Tecidos e sua classificação: epithelial, conjuntivo, cartilaginoso, osseo, muscular, nervoso e sanguineo.

15 — Funções da nutrição e anatomia do apparelho digestivo.

16 — Classificação dos alimentos. Phenomenos mecanicos e chimicos da digestão.

17 — Sangue. Globulos vermelhos e brancos. Composição chimica do sangue e seu papel physiologico. Coagulação.

18—Anatomia do apparelho circulatorio.

19—Anatomia do apparelho respiratorio. Phenomenos mecanicos e chimicos da respiração. Calor animal. Nutrição da cellula. Equação da vida elemental. Vida. Reserva.

20— Funções de relação. Anatomia do apparelho locomotor.

21—Systema nervoso em geral. Cellulas e fibras nervosas. Anatomia do systema nervoso.

22—Anatomia dos orgãos do tacto, gosto e olfacto.

23—Anatomia e physiologia da visão.

24—Anatomia do apparelho auditivo.

25—AULAS PRATICAS: a) reconhecer qualquer orgão precisando suas relações; b) manejar o microscopio; c) reconhecer qualquer osso solto do esqueleto humano e descreve-lo; d) caracterizar as transformações da cellulose; e) reconhecer as zonas de uma raiz e as modalidades do caule; f) classificar a folha; g) demonstrar a função chlorophylliana e a respiração vegetal; h) classificar uma flor e localizar o ovario; i) reconhecer as partes componentes de uma flor qualquer; j) classificar os fructos.

Terceiro anno -- Historia Natural

- 1—MINERALOGIA. Objecto da mineralogia. Apreciação geral e classificação dos mineraes. Propriedades physicas e chimicas dos mineraes.
- 2—Fases, arestas, angulos como elementos do crystal. Constancia dos angulos.
- 3—Eixos cristallinos. Variedades de formas cristallinas. Estructura e constituição do crystal. Varios systemas cristallinos. Forma primaria e derivada.
- 4—Passagem artificial de uma para outra forma. A reflexão da luz no crystal. Refracção simples e dupla.
- 5—GEOLOGIA. Sua definição e divisão. Importancia de seu estudo theorico e pratico. A terra considerada como entidade cosmica.
- 6—Estudo geral das rochas.
- 7—Acção mecanica e chimica da agua doce e salgada. Alluviões, delta das barras, geleiras, blocos erraticos, morenae e *ice berg*.
- 8—Calor interno do Globo. Fontes *thermaes*, depositos, veios metaliferos.
- 9—Vulcões, erupções, tremores de Terra.
- 10—Phenomenos geologicos actuaes e antigos.
- 11—HYGIENE. Seu objecto, importancia social e relações com os demais conhecimentos humanos. Divisão, historia e evolução da hygiene.
- 12—Alteração da saúde por agentes mecanicos physicos.
- 13—Alterações da saúde por agentes chimicos.
- 14—Alterações da saúde por agentes vivos.
- 15—Infecção e molestias infecciosas.
- 16—O solo. Temperatura, arejamento, humedecimento e poder fixador do solo; phenomenos chimicos e biologicos que nelle se passam. Syntaxe da materia organica e sua regrassão. Microbios, saneamento e correções do solo. Depuração das aguas dos esgotos urbanos. Remoção e destino final dos affluentes urbanos. Depuração biologica e artificial.
- 17—A agua. Importancia, usos e estudos geologicos. Permeabilidade natural e accidental. Lençol de agua subterraneo, superficial e profundo. Fluctuações do lençol superficial. Proveniencia e captação das aguas. Aguas superficiaes e profundas. Poços, fontes e resurgencias. Composição, exame geologico e physico, temperatura, densidade, conductibilidade electrica e radio-actividade da agua, suas propriedades organolepticas, exame chimico e biologico, analyse mi-

crobiologica, depuração natural, artificial, pelo calor e chimica. Filtros.

18—O ar: composição e propriedades physicas e chimicas, pressão, temperatura, humidade, electrecidade e radio-actividade; nocividades e microbios; contagio pelo ar. Ar confinado, asphyxia lenta. Renovação e regeneração do ar. Polluções, poeiras, pneumonioses. Lucta contra as poeiras, poeiras das vias publicas. Conservação do asseio dos calçamentos.

19—A pelle, seu aspecto; estructura, excreções e microbios. Sabão. Asseio total do corpo. Banhos, immerção, aspersão, duchas. Cabellos e couros cabelludo. Rosto, bocca e seus microbios. Lavagens. Escovas de dentes. Palito e fio de linha. Orelhas, nariz, mãos e pés. Orgãos dos sentidos e aparelho phonador. Hygiene do ouvido, nariz, garganta, olhos e do aparelho phonador.

20—Hygiene do vestuario e alimentar.

21—Edificio situação e hygiene escolar. Area do terreno. Orientação. Typo do edificio. Sala de aula, sua forma e dimensões. Pavimento, paredes, tecto, janellas e portas. Illuminação natural e artificial. Ventilação, aquecimento e refrigeração. Asseio, annexos da escola.

22—Material escolar. Bases scientificas para a construção do banco carteira. Attitude normal do corpo. Banco-carteira. Quadro negro, quadros ruraes. Cathedra do professor.

23—A leitura e a escripta, Hygiene da leitura. Leitura no quadro negro, no caderno, na ardosia e no livro. Condições em que deve ser feita a leitura. Hygiene da escripta. Posição symetrica.

24—Desenvolvimento corporal e psychico da creança. Estatura e peso. Perimetro thoraxico. Capacidade vital do pulmão. Força muscular. Medida do desenvolvimento psychico. Relação entre o desenvolvimento corporal e psychico.

25—Educação physica e suas bases physiologicas. Physiologia do trabalho muscular. Effeitos physiologicos dos exercicios physicos, fadiga e estafa. Trenamento. Resultados physiologicos da educação physica. Gymnastica. Gymnastica respiratoria. Precauções higienicas geraes.

26—Educação intellectual e moral.

27—Doenças escolares.

28—Inspeção Escolar.

6ª. CADEIRA — Historia Universal, do Brasil e de Santa Catharina.

NOTA : Segundo o leste, o programma que segue servirá para um curso normal de 3 annos, sendo distribuida a materia pelo 2º anno.

Segundo Anno -- Historia Universal

- 1 — Prolegomenos. Definição, importancia e divisão da Historia. Idéas geraes sobre os tempos prehistoricos.
- 2 — Antiguidade oriental, estudo succinto: egypcios, assyrios, babilonios, phenicios, hindús, hebreus e medo persas.
- 3 — Antiguidade classica: Grecia, região e povo: tempos primitivos e tempos heroicos, religião e instituições; Sparta e Athenas; guerras medicas e do Peloponeso; decadencia da Grecia.
- 4 — Antiguidade classica: Roma, país e formação do povo, religião e instituições politicas e sociaes, a realeza, a republica, luta das classes e progressos da democracia, conquistas dos romanos, guerras punicas, decadencia da Republica, imperio, sua divisão e queda, importancia da civilização romana.
- 5 — Christianismo: suas origens, suas lutas e triumphos.
- 6 — Os barbaros e suas invasões, reinos barbaros, a monarchia franca; Carlos Magno.
- 7 — O Islamismo e sua propagação.
- 8 — Feudalismo. As cruzadas. A Igreja Catholica e as instituições politicas e sociaes da Edade Media.
- 9 — A Europa na Idade Media: Inglaterra, França, Alemanha, Italia, commercio e cidades livres; reconquista christã da Hespanha; a guerra dos cem annos, a Invasão Turca.
- 10 — As grandes invenções e suas consequencias: bussola, polvora, papel e imprensa; os descobrimentos maritimos.
- 11 — Renascença.
- 12 — A Reforma e Contra-reforma.
- 13 — A Europa no seculo XVIII; França Luís XIV—Espanha — Guerra de Successão; Inglaterra: formação da Constituição Inglesa.
- 14 — Revolução Francesa: causas e consequencias. Napoleão.
- 15 — Formação e independencia dos Estados Unidos e das colonias ibero-americanas.

16 — A Europa no seculo XIX. Estabelecimento do Regimen Constitucional, reformas e questões sociaes. As grandes guerras. Movimento intellectual e economico.

Terceiro Anno -- Historia do Brasil

- 1 — Antecedentes do Descobrimento do Brasil.
- 2 — Descobrimento. Primeiras explorações.
- 3 — Os indigenas. Raça que posteriormente se estabeleceram no Brasil.
- 4 — Colonização. Expedições de Christovam Jacques e Martim Affonso.
- 5 — Capitaniaes hereditarias.
- 6 — Governo Geral: tres primeiros governadores.
- 7 — Os jesuitas, seus principaes serviços, lutas com os colonos.
- 8 — Invasões francesas.
- 9 — Invasões hollandesas.
- 10 — Bandeirantes. Emboabas. Palmares.
- 11 — Revolta de Beckmann. Mascates.
- 12 — Lutas com os espanhoes.
- 13 — Inconfidencia Mineira.
- 14 — Transmigração da familia Real Portuguesa para o Brasil. Revolução Pernambucana em 1817.
- 15 — A Independencia.
- 16 — Primeiro Reinado. Revolução Pernambucana de 1824.
- 17 — A Regencia. Guerra dos Farrapos.
- 18 — Segundo Reinado. Lutas do Prata. Guerra do Paraguay. Progressos do Brasil. Abolição do elemento servil.
- 19 — Republica: presidentes, factos de maior vulto occorridos no regimen republicano.

Terceiro Anno -- Historia de Santa Catharina

- 1 — Descobrimento da costa catharinense e primeiros reconhecimentos. Estabelecimento dos primeiros europeus em Santa Catharina.
- 2 — Pretensões castelhanas. Povoamento vicentista.
- 3 — Creação da capitania de S. Paulo. Elevação de Laguna e Desterro a villas.
- 4 — Colonização açoriana e madeirense. Creação da ouvidoria.
- 5 — Fundação de Lages.

- 6 — Invasão espanhola. O regimento dos Barrigas verdes.
- 7 — Governadores mais notáveis.
- 8 — Creação da Provincia. Os farrapos. Republica Juliana. Presidentes mais notáveis.
- 9 — Adhesão à Republica e administração do periodo republicano.

NOTA. Se o curso normal vier a ter 4 annos; a Historia Universal será ensinada no 2º e 3º anno; e a Historia do Brasil e Sta. Catharina no 4º anno. Os pontos, entretanto, terão mais desenvolvimento.

7ª. CADEIRA — Geographia e Cosmographia — Curso de 3 annos

PRIMEIRO ANNO

- 1 — Universo. O cèu: as estrellas, nebulosas, constellações, planetas, satellites, meteoros, cometas. O systema solar. A Terra e a lua.
- 2 — A Terra: forma, dimensões, duplo movimento; o dia e a noite; as estações.
- 3 — Polos, equador, tropicos, circulos polares. Zonas. Pontos cardeaes e collateraes; orientação. Parallelos e meridianos; longitude e latitude. A hora. Os climas.
- 4 — Repartição das aguas e das terras.
- 5 — A atmospheria. Os ventos: constantes, periodicos, regionaes; seus effeitos. As chuvas; repartição, chuvas periodicas, secura; acção das chuvas. Os climas: acção sobre os vegetaes, os animaes, o homem.
- 6 — Os continentes; as partes do mundo: forma, recortes, macissos, depressões. As montanhas; os valles. Os planaltos. As planiceis. Influencia do relevo e depressão sobre o clima, a flora, a fauna, a humanidade.
- 7 — As modificações actuaes da Terra; vulcões, tremores de terra elevações, depressões. Acção dos ventos e das aguas sobre o relevo.
- 8 — As aguas. Aguas terrestres: neves, geleiras; aguas de infiltração; aguas correntes. Declive e regimen. Estuario e delta dos rios. Bacias fluviaes; os divisores de aguas. Utilidade dos cursos de agua. Os lagos.
- 9 — Os mares e as costas. Os oceanos e os grandes mares interiores. Profundidades, relevo submarino, movimento do mar, mares e correntes marinhas. A vida nos mares. O mar e as populações litoraneas. As costa. As ilhas.

- 10 — A vida na Terra. A exploração dos mineraes. A flora; areas de vegetação. A fauna; repartição de animaes. O homem: repartição, densidade, raças, evolução e decadencia. Migração. Linguas e religiões. Systemas politicos. A civilização.
- 11 — Noções elementares de cartographia. A leitura dos mappas; a elaboração das cartas geographicas. Exercicios.

SEGUNDO ANNO

- 12 — A Europa; situação, limites, forma e dimensões. Pininsulas. Mares e correntes.
- 13 — O relevo europeu: systemas orographicos; as bacias fluviaes. Caracteres dos rios europeus. Lagos.
- 14 — As costas, acção do mar e dos rios. O continente. Clima.
- 15 — Recursos naturaes: mineraes, flora, fauna. A agricultura, a industria e o commercio.
- 16 — População: povos, linguas, religiões. Constituição politica e social
- 17 — A Inglaterra, Escocia e Irlanda: geographia physica, politica, economica. Dominio colonial.
- 17 — A França: geographia physica, politica, economica. Colonias.
- 19 — A Belgica; geographia physica, politica, economica. Colonias.
- 20 — Hollanda: geographia physica, politica, economica. Colonias.
- 21 — A Alemanha: geographia physica, politica, economica. Expansão alemã.
- 22 — A Austria — Hungria: geographia physica, politica, economica.
- 23 — A Russia: geographia physica, politica, economica. Expansão russa.
- 24 — A Italia: geographia physica, politica, economica.
- 25 — A Espanha. Portugal: geographia physica, politica, economica.
- 26 — A Asia: situação, limites, forma e dimensões. Aspecto physico: relevo, mares, rios, costas, climas.
- 27 — Recursos naturaes. População: raças, linguas, religiões. A partilha politica.
- 28 — O Japão: geographia physica, politica, economica. Expansão japonesa

- 29 — A China: geographia physica, politica, economica.
30 — A Africa: situação, limites, forma e dimensões. Aspecto physico; relevo, hydrographia, climas.
31 — Recursos naturaes. População: raças, linguas, religiões. Partilha politica.
32 — A Oceania: situação, composição. Aspecto physico. Recursos naturaes. População. O pacifico.

TERCEIRO ANNO

- 1 — A America: situação, limites, forma e dimensões. Mares e correntes.
2 — O relevo americano: systemas orographicos; as bacias fluviaes: caracteres dos rios; lagos.
3 — As costas e o continente. Clima.
4 — Recursos naturaes: mineraes, flora, fauna. A agricultura a industria o commercio.
5 — População: povos, linguas, religiões. Constituição politica e social.
6 — Os Estados Unidos da America do Norte: geographia physica, politica, economica. A expansão americana.
7 — O Mexico e a America Central: geographia physica, politica, economica; noções geraes.
8 — A Colombia, a Venezuela, as Guyanas: geographia physica, politica, economica; noções geraes.
9 — O Equador, o Perú, o Chile: geographia physica, politica, economica; noções geraes.
10 — A Bolivia, o Paraguay, o Uruguay: geographia physica, politica, economica; noções geraes.
11 — A Republica Argentina: geographia physica, politica, economica; o desenvolvimento argentino.
12 — O Brasil: situação, limites, forma, dimensões.
13 — O relevo brasileiro: systemas orographicos. O planalto central.
14 — Bacias fluviaes: caracteres dos rios brasileiros.
15 — As costas: correntes, mares, rios, ilhas.
16 — Climatologia geral. Climas do littoral, do interior, das altitudes, do Norte e Sul do paiz. Salubridade do Brasil.
17 — Recursos naturaes: os mineraes, a flora, a fauna.
18 — Industrias extractivas, lavoura, criação, mineração. Industria e commercio.
19 — O homem: os arborigenes, os colonisadores, as

sub-raças derivadas. Immigração, colonização, povoamento do Brasil.

20 — As vias de penetração e contorno. As estradas viação ferrea, os rios navegaveis. Os portos e a navegação de cabotagem. Correios e telegraphos.

21 — Divisão politica: administrativa, judiciaria, ecclesiastica. A educação nacional.

22 — O Pará e o Amazonas: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

23 — O Maranhão e o Piahy: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

24 --- O Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, populações.

25 --- Pernambuco e Alagoas: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

26 --- Bahia e Sergipe: superficie, relevos, hydrographia, recursos naturaes. População.

27 --- Estado do Rio de Janeiro e Espirito Santo: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

28 --- Minas Geraes: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população. Goyaz e Matto Grosso: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

29 --- São Paulo: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

30 e 31 --- Paraná e Santa Catharina: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

32 — Rio Grande do Sul: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

33 — O Districto Federal: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

34 — A Cidade do Rio de Janeiro: superficie, relevo, hydrographia, recursos naturaes, população.

QUARTO ANNO

Revisão de assumptos essenciaes do programma.
Exercicios de cartographia e modelagem geographica.

NOTA - O programma antes exposto servirá para um curso de 3 e ainda de 4 annos, podendo, nesta ultima hypothese, distribuir-se a materia em menores proporções para cada anno.

8.^a CADEIRA — Psychologia, Pedagogia e Instrução Moral e Civica.

NOTA: — Conforme o criterio do lente, o programma que segue servirá para um curso normal de 3 annos, distribuindo-se as materias do mesmo pela maneira subsequente.

Terceiro Anno — Psychologia

- 1 — Definição, objecto, importancia e divisão da Psychologia.
- 2 — Methodo da Psychologia.
- 3 — Phenomenos psycholicos e physiolicos.
- 4 — Determinação das faculdades humanas.
- 5 — Sensibilidade: inclinações, sensações e paixões. O prazer e a dôr.
- 6 — Classificação e hierarchia dos sentidos.
- 7 — A Intelligencia e sua evolução. Operações sensitivas e intellectuaes.
- 8 — Attenção, percepção, imaginação, memoria, associação de idéas, comparação, generalização, juizo e raciocinio.
- 9 — A vontade: caracteres, papel, qualidades e doenças da vontade.
- 10 — A liberdade da vontade. Fatalismo e determinismo.
- 11 — Habito e instincto.
- 12 — Idéa do eu ou personalidade. Temperamentos e caracteres. Os anormaes escolares.
- 13 — A linguagem: origem e relação com o pensamento.
- 14 — A criança e o homem.

Quarto Anno — Pedagogia

- 1 — Definição e importancia da Pedagogia.
- 2 — Noção, divisão e especies de educação.
- 3 — Relação da Pedagogia com outras sciencias.
- 4 — Idéa geral dos processos e methodos pedagogicos.
- 5 — Educação physica; processologia e methodologia na educação physica.
- 6 — Educação intellectual; processologia e methodologia; condições geraes de applicação dos processos na educação intellectual.
- 7 — Educação moral; processologia e methodologia.
- 8 — Caracter especial da Instrução primaria.
- 9 — A familia, a escola infantil e a escola primaria como centros educativos.

- 10 — Organização das escolas publicas de ensino primario. O edificio e material escolares. O programma das materias. O emprego do tempo. Regras para a formação de um horario escolar.
- 11 — A formação das classes. O educando collectivo. Modos de ensino.
- 12 — A disciplina das classes.
- 13 — Methodologia contemporanea do ensino da leitura, linguagem, calligraphia, arithmetica, geographia, historia, sciencias physicas e naturaes.
- 14 — Educação dos sentidos.
- 15 — A criança e a fadiga.
- 16 — Educação da memoria.
- 17 — Papel do prazer e da dôr na educação moral.
- 18 — Educação da vontade.
- 19 — Pestalozzi e Froebel.

Quarto Anno — Instrução Moral e Civica

- 1 — Fim da Instrução Moral e Civica.
- 2 — Sociabilidade do homem.
- 3 — Necessidade de uma organização.
- 4 — Amor á Patria. Apego á terra natal, á familia, aos patricios e ás instituições.
- 5 — Deveres geraes para com a patria.
- 6 — Solennização das datas nacionaes.
- 7 — Perigos do egoismo individual e do cosmopolitismo.
- 8 — Independencia, soberania e autonomia.
- 9 — Direito de intervenção e direito de separação.
- 10 — Diferentes formas de governo.
- 11 — Liberdades: Individual e collectiva; civica e politica.
- 12 — Igualdade. Chimera da igualdade absoluta. A verdadeira igualdade.
13. — Igualdade de direitos.
- 14 — Fraternidade. Deveres da nação para com o individuo.
- 15 — Conhecimento da Constituição da Republica e da Constituição do Estado de Santa Catharina.

NOTA: Se o curso normal vier a ter 4 annos, as materias da cadeira retro, ensinar-se-ão assim; Psychologia, no 3.^o anno; e Pedagogia e Instrução Moral e Civica, no 4.^o anno. O programma será o mesmo que antes se viu.

9.^a CADEIRA — Musica e Canto

(Curso de 3 annos)

PRIMEIRO ANNO

- 1 — Da musica e sua divisão: Notas — Pauta
- 2 — Escalas ou tons. Claves.
- 3 — Collocação das vozes nas respectivas claves.
- 4 — Valor das notas. Duração.
- 5 — Pausas. Ponto de augmento. Ligadura.
- 6 — Quialteras.
- 7 — Do compasso. Tempos de compasso.
- 8 — Compasso simples e compostos. Signaes indicativos.
- 9 — Graus da escala. Tons e semi-tons.
- 10 — Signaes de alteração e seu emprego.
- 11 — Da escala chromatica.
- 12 — Alterações precisas para a formação das diversas escalas.

PARTE PRATICA

Leitura metrica na clave de sol. Dictado muito facil no tom de *do* maior. Solfejos na clave de *sol*. Canticos e hymnos escolares.

SEGUNDO ANNO

- 1 — Dos modos. Escalas modelos nos dois modos.
- 2 — Escalas ou tons relativos.
- 3 — Dos intervallos. Das especies.
- 4 — Inversão dos intervallos. Intervallos consonantes.
- 5 — Collocação dos intervallos nos graus das escalas maiores e menores. Intervallos dissonantes.
- 6 — Ordem de sustenidos e bemóes.
- 7 — Inversão de claves.
- 8 — Tons e semi-tons.

PARTE PRATICA

Entoação dos intervallos. Solfejos nas claves de sol e fá na 4.^a linha. Canticos com palavras a uma e duas vozes, sem auxilio de instrumentos. Pequeno solfejo facil á primeira vista. Canticos e hymnos escolares.

TERCEIRO ANNO

- 1 — Da musica e sua divisão. Notas—Pauta.
- 2 — Escalas ou tons. Claves.
- 3 — Collocação das voses nas respectivas claves.
- 4 — Valor das notas. Duração.
- 5 — Pausas. Ponto de augmento. Ligadura.
- 6 — Quialteras.
- 7 — Do compasso. Tempos do compasso.
- 8 — Compasso simples e compostos.
- 9 — Signaes indicativos.
- 10 — Graus da escala. Tons e semi-tons.
- 11 — Signaes de alteração e seu emprego.
- 12 — Da escala chromatica.
- 13 — Semi-tom diatomico e chromatico.
- 14 — Alterações precisas para a formação das diyersas escalas. Ordem dos sustenidos e bemóes.

PARTE PRATICA

Entoação dos intervallos. Solfejos nas claves de sol e fá na 4.^a linha com palavras a uma e duas vozes sem auxilio de instrumento. Dictado mui facil no tom de *dó* maior. Canticos e hymnos escolares. NOTA: Se o curso normal vier a ter 4 annos, repetir-se á toda a materia antes vista, theorica e pratica, no 4 anno.

10.^a CADEIRA — Desenho e Gymnastica

Primeiro Anno -- Desenho

DESENHO LINEAR A' MÃO LIVRE

- 1 — Em papel quadriculado: linhas rectas, obliquas, curvas, perpendiculares, parallelas, mixtas, etc.
- 2 — Em papel quadriculado: angulos rectos, agudos e obtusos, triangulos equiangulos, rectangulos, obtusangulos, acutangulos, equilateros, isosceles e escalenos.
- 3 — Em papel quadriculado: polygonos regulares e irregulares; quadrilatero, trapezio, parallelogrammo, losango, rectangulo e quadrado; polygonos: convexo e concavo, regular, irregular e symetrico; polygonos inscriptos e circumscriptos.
- 4 — Em papel liso: ampliação e redução de figuras, traços de força, motivo, diagramma, mosaicos, disposições

radiadas; curvas de concordancia e de sentimento, flora ornamental.

5 — Desenho de ornato e objectos do natural: emprego de utilidade no desenho á vista ou á mão livre, da linha de prumo e da linha horizontal para a copia de qualquer objecto.

Exercicios a traço, de copias do natural, da pyramide, do cubo, do prisma, do cone, do cylindro, da esphera, etc.

Segundo Anno — Desenho de ornato — Efeitos de luz

1 — Traçado de perspectiva linear dos solidos geometricos segundo o seu ponto de vista e as suas diversas posições.

2 — Applicação desse estudo e suas regras, á copia dos objectos do natural, formas geometricas e concretas: como mesas, bancos, armarios, carteiras, vasos, etc.

3 — Copias de pequenos ornamentos de linhas simples com marcação de luz (a gis) e sombra.

Terceiro Anno — Desenho de ornato — Efeitos de luz

1 — Copias de ornatos de gesso, de difficuldade gradualmente ascendente.

2 — Estudos de folhas naturaes, com marcação de luz a gis.

3 — Estudos variados de modelos concretos de uso commum.

4 — Estudos de folhagem, flores e frutos do natural.

Quarto Anno — Desenho de ornato — Efeitos de Luz

1 — Exercicios de desenho e figura: Copias de modelos de gesso, de olhos, nariz, boca, orelhas, mãos e pés.

2 — Copias a claro e escuro, de mascaras, cabeças e bustos, sendo a luz marcada a gis.

NOTA: Se o curso normal se conservar no triennio actual, a materia, antes exposta, será a que se contém nos tres primeiros annos.

Primeiro Anno — Gymnastica

Nota: Quer o curso venha a ter 4 annos quer se mantenha em 3 annos, a Gymnastica só será ensinada no primeiro e segundo.

1 — Da gymnastica escolar, sua definição, suas divisões,

vantagens do seu ensino e resultados physiologicos da mesma.

2 — Regras por observar no ensino: o canto e a musica applicados á Gymnastica; passos rythmicos; a Gymnastica nas aulas; marchas e efeitos physiologicos das mesmas.

3 — Da gymnastica pratica e da applicada; dos apparelhos moveis e fixos de gymnastica, desenvolvimento muscular por meio dos mesmos.

4 — Formaturas diversas para exercicios; tomar distancias, formar cadeias, posições fundamentaes.

5 — Exercicios de cabeças, do tronco, dos membros superiores e inferiores.

6 — Gymnastica applicada.

7 — Entrada em ordem na aula e nos bancos; estabelecimento das distancias nos bancos: posição de attenção, de pé, continencia; numerar, saida da aula.

8 — Bater com as palmas das mãos, com cadencia sobre as carteiras. Compasso accentuado, sem accentuação e compasso variado.

9 — Marcar o passo, com ou sem accentuação; com ou sem interrupção; combinação dos exercicios cadenciados das mãos com os pés.

SEGUNDO ANNO

1 — Exercicios elementares da cabeça, do tronco, dos braços e das mãos, das pernas e dos pés. Posições, extensões, circumdações voltas, flexões, inclinações. Movimentos combinados.

2 — Vantagens da gymnastica entre os bancos; horario, modo de ordenar as aulas para entrada e saida. Da disciplina: ordem e jovialidade dos alumnos.

3 — Marchas. Exercicios preparatorios para a marcha importancia da marcha.

4 — Passos differentes para a sua execução.

5 — Marcha com variação dos passos; marcha circular, espiral, formando diversas figuras geometricas; triangulos, quadrados, circulos, semi-circulos, cruces, estrellas, etc. Contra marcha.

6 — Bastão gymnastico. Posições fundamentaes. Exercicios elementares. Combinações.

7 — Halteres. Posições fundamentaes; exercicios elementares; combinações. Regras geraes para a boa execução.

11.ª CADEIRA — Trabalhos Manuaes

(Curso de 3 annos)

PRIMEIRO ANNO

- 1 — Pontos de marca: direcção dos pontos, vertical e obliqua.
- 2 — Letras, numeros; ramos, etc.
- 3 — Trabalhos de etamine e linho.
- 4 — Marcar lenços, toalhas, etc.
- 5 — Bordado em filó: com applicação de fazenda, com flores, ramos em serzido.

SEGUNDO ANNO

- 1 — Tunisia. Ponto simples e enviezado.
- 2 — Ponto de Margarida ou de concha.
- 3 — Modo de augmentar e diminuir.
- 4 — Applicação em sapatinhos, mantas, toucas, etc.
- 5 — Bordado em branco Recortes simples.
- 6 — Ilhós e salpicos.
- 7 — Bordado inglês e italiano.
- 8 — Costura francesa
- 9 — Ponto enviezado.
- 10 — Roupas de recém-nascido, combinação, etc.

TERCEIRO ANNO

- 1 — Filet: Posições das mãos. Rede em quadro.
- 2 — Filet bordado e em crivo.
- 3 — Pastilhas em filet.
- 4 — Toalhas, colchas, trilhos, etc.
- 5 — Bordado a matiz: pontos de haste e de nó.
- 6 — Bordado com applicação.
- 7 — Matizado e cheio.
- 8 — Hastes, folhas, flores, passaros, etc.

NOTA: Se o curso normal augmentar de um anno, ensinar-se-á no 4. anno, além da revisão do ensino precedente, a materia seguinte:

- 1 — Crochet simples com pontos fechados e abertos.
- 2 — Estrellas e quadrados.
- 3 — Crochet em relevo: toalhas, fronhas, blusas, etc.

LATIM

Advertencia -- Latim, não está ainda no curso normal. Mas, já se estuda no CURSO FEMININO DE SCIENCIAS E LETRAS, annexo á Escola. O professor desta materia fez concurso brilhantissimo e memoravel. E, principalmente, como a lingua latina, é a senha da grammatica historica portuguesa, mister é que seja o seu alicerce no estudo do nosso idioma. Sem muito latim, diz Castilho Antonio, não é possivel nem pouco portuguez. Propomos, portanto, que o latim se introduza no proprio curriculo normal.

O programma que segue é para o curso de 3 annos.

PRIMEIRO ANNO

- 1 — Pronuncia. Primeira e segunda declinação.
- 2 — Adjectivos da 1ª e 2ª declinação. Terceira declinação dos nomes.
- 3 — Adjectivos da 3ª declinação. Quarta declinação e quinta.
- 4 — Comparação dos adjectivos. Formação dos adverbios.
- 5 — Os numeros. A declinação dos numeraes.
- 6 — Os pronomes.
- 7 — Continuação do estudo dos pronomes.
- 8 — O verbo. Conjugação. Recapitulação. Versão de phrases constantes da Grammatica de José Ladislau Peters, que será adoptada.

SEGUNDO ANNO

- 1 — Revisão da materia estudada no 1º anno, com desenvolvimento da flexão nominal e verbal.
- 2 — Relação dos verbos principaes e suas formas thematicas da 1ª conjugação.
- 3 — Continuação do estudo dos mesmos verbos.
- 4 — Verbos principaes da 2ª conjugação.
- 5 — Verbos principaes da 3ª conjugação.
- 6 — Continuação do ponto precedente.
- 7 — Depoentes.
- 8 — Verbos da 4ª conjugação e verbos irregulares.
- 9 — Verbos irregulares, defectivos e impessoaes.
- 10 — Recapitulação. Versão de phrases faceis. Tradução; Epitome H. S. e De Bello Gallico.

TERCEIRO ANNO

- 1 — Recapitulação.
- 2 — Syntaxe, Uso dos casos, tempos, modos, conjugações.
- 3 — Nominativo e accusativo com infinitivo, Oração obliqua.
- 4 — Uso dos participios, gerundio e gerundivo, etc.
- 5 — Versões facéis da Grammatica adoptada, Tradução de Cicero (Obras philosophicas) e de Virgilio (Eneida).

NOTA: Se o curso da Escola Normal tiver 4 annos accrescentar-se-á o seguinte programma:

QUARTO ANNO

- 1 — Revisão da materia estudada nos annos anteriores.
 - 2 — Desenvolvimento da mesma. Tradução de Cicero (Catilnarias) e Vergilio (Eneida, etc.)
- Esboços de um Programma de Ensino para a Escola Normal—elaborados pelos Lentes e Professores da mesma Escola, e coordenados pelo professor Barreiros Filho.

Ass. *Barreiros Filho*

Fpolis, Julho de 1927.

PARECER N.º 12

A 1ª. commissão estudou, com a maior attenção, o «esboço de um programma de ensino para a Escola Normal, elaborado pelos lentes e professores da mesma escola e ordenados pelo Director». Trata-se de materia da mais alta relevancia, qual seja o da organização do instituto destinado a fornecer a materia prima do magisterio primario, e seu professorado. Não se demora a commissão redigindo-lhe o presente parecer, em considerações theoricas, mas procura synthetizar em rapidas, incisivas conclusões o que pensa dever suggerir ao governo no concernente ao ensino Normal a ser ministrado na Capital. Assim, conclue:

- a) — O ensino na escola deve ser de quatro annos, sem prejuizo do curso de applicação;
- b) — As cadeiras constantes do curso serão as actuaes, creando-se mais a de Literatura, passando-se o latim para o curso Normal e separando-se o desenho da gymnastica;

c) — São aconselhados os programmas, salvo ligeiras alterações que a administração poderá fazer, constantes do esboço apresentado ao exame da primeira commissão. Todavia, ao de francês deve ser dado maior desenvolvimento á parte grammatical e aos de physica accrescentar-se-á a parte de acustica, omittida que está involuntariamente. A mathematica será ministrada nos quatro annos do curso, no ultimo sendo leccionada geometria no espaço e trigonometria rectilinea. A lingua portugüesa será ensinada nos quatro annos e a literatura em dois; o latim em tres, começando no segundo. Será, pois, necessario a criação de uma aula de gymnastica e a nomeação de dois professores, um de portugüês e outro de mathematica.

Sala das sessões, 5 de agosto de 1927

Ass. — *Raja Gabaglia, Marcilio Dias Santiago, P.F. X. Zartmann, Barreiros Filho.*

THESE N.º 35

Da necessidade da uniformização da orthographia nas escolas

Consoante doutrina dos philosophos de Hellas, constitue um dos requisitos indispensaveis á belleza, á perfeição e ao ideal das coisas, a ordem e a uniformidade em todas as suas partes, afim de se obter um conjuncto harmonico, em que se casem, á maravilha, a unidade com a belleza ao par de encantadora simplicidade.

A belleza reside, pois, na ordem e na uniformidade, na singeleza e na bondade.

Partindo deste ponto de vista, claro está que a ordem se acha inseparavel da belleza, e o bello inseparavel do bom e do justo.

Applicando tal theoria aos principios pedagogicos, forçoso é concluirmos que a boa pedagogia não pode prescindir da disciplina e da uniformidade em todas as espheras que lhe são affectas.

Mister se torna a disciplina nas aulas, releva ordem nas formaturas, necessaria se faz a disciplina nas marchas, nos recreios.

Entretanto, um campo ha, aliás vasto e fecundo, intimamente ligado ás actividades escolares que, de ha muito, vem se resentindo desta uniformidade tão preconizada pelos pro-dromos hellenicos da antiguidade classica.

Referimo-nos á uniformização da orthographia, reforma esta que julgamos inadiavel e urgente, afim de se completarem as louvaveis iniciativas que a actual Directoria da Instrução Publica vem realizando, com geraes applausos, em todos os departamentos que lhe são confiados.

Santa Catharina, mui merecidamente destacada na vanguarda da Instrução dentre as demais Unidades brasileiras, não pode deixar de iniciar uma campanha em prol dum assumpto tão adstricto ao ensino, qual seja o da uniformação da orthographia nas escolas.

Com o fito de dar algum impulso a tão momentoso problema; nos propuzemos demonstrar, com os poucos recursos ao nosso alcance, quão urgente e imperiosa se torna a uniformização orthographica, bem como quaes os meios a adoptar, afim de se obter tão alevantado desiderato.

Começamos, pois, affirmando que a uniformização é uma necessidade porque a falta de uniformidade torna-se um elemento de descredito nosso aos olhos do estrangeiro. Basta citarmos um exemplo. Data ainda de bem pouco a irregularidade com que gravamos o nome do nosso país, a palavra *Brasil*: Ora, uns a escreviam com *s*, outros com *r*. Para um estrangeiro, tal estado de coisas não devia deixar de provocar certo ar de riso, insinuando-lhe sermos um povo que ainda não sabe escrever o nome de seu país. O mesmo poderá o estrangeiro alegar relativamente á falta de regularidade com que graphamos muitissimos vocabulos! Ora, tal apostrophe fere a fundo as nossas susceptibilidades nativistas! Tal insinuação compromette seriamente os nossos foros de povo culto e civilizado!

E no entanto quantas oscillações graphicas se nos apresentam em um sem numero de vocabulos!

Haja a vista; tão somente, as seguintes irregularidades: *mez e mês; prezado e presado; egreja e igreja; circumstancia e circumstancia; mau e mão; ceu e céu, etc.*

Urge, portanto, uniformizarmos a nossa orthographia, para não nos expormos ao ridiculo perante os estrangeiros.

Outro ponto, ao qual já nos referimos anteriormente, é a necessidade de haver uniformidade em o nosso padrão

orthographico, para cingirmos cada vez mais os élos que nos prendem á vernaculidade, e á nacionalidade.

Como já disse allures Herculano, em seu purissimo vernaculo, que a lingua e a religião são duas cadeias de bronze que unem as gerações presentes ás futuras, assim cumpre a nós, preceptores e educadores, zelar pela pureza e integridade e uniformidade não só do nosso bellissimo idioma, como tambem de sua orthographia, afim de que ella sirva para, mais e mais, estreitarmos os laços que nos devem unir ao cerne da nacionalidade.

Um terceiro ponto cumpre ainda considerado — e este julgamos de capital importancia, porque mais de perto nos diz respeito, — é que a uniformização se impõe, porque os proprios professores se vêm a braços com difficuldades innumeradas, djante do chaos tenebroso em que tateia, as apal-padelas, a orthographia corrente.

E' que diante de confusão tamanha, não raro os professores, por mais habilitados que sejam, inaptos se acham em discernir qual a graphia de certa palavra deveriam inculcar a seus alumnos, si bem que os mesmos livros didacticos as representam de formas differentes.

Supponhamos a palavra *circumstancia*. O professor escreve com *m*, porque assim a traz a sua grammatica expositiva, de Eduardo Carlos Pereira, e, um alumno mais activo pergunta se não pode escrever a mesma palavra com *n*, porque assim a viu graphada em um livro de Candido de Figueiredo, que é outro philologo de incontestavel valor. Afinal, qual das duas graphias vem a ser a mais correcta? O professor, provavelmente, responderá que ambas são exactas. Mas, onde fica a uniformidade? e assim vão surgiado as duvidas. Está, pois, patente que urge acabarmos com taes anomalias, afim de esclarecermos o professorado, evitando o desprazer de o collocarmos numa situação desairosa perante seus alumnos, mediante a adopção de uma certa uniformidade em nossa arte de escrever.

Mas, como deve ser introduzida a reforma? Qual o systema a ser adoptado?

Respondemos preliminarmente que a simplificação orthographica deve ser ministrada desde os primeiros annos do curso primario, chamando a attenção dos jovens escolares para os modos mais simples e correctos de serem escriptas as palavras; mediante a adopção de livros didacticos, — a começar pela cartilha, — redigidos de accordo com a refor-

ma introduzida; por meio de explicações e prelecções *had hoc*, destinadas a esclarecer os alumnos acerca dos pontos duvidosos. Respondemos, outrossim, que tal iniciativa deve partir dos poderes publicos, das autoridades escolares.

Alguna coisa, valha a verdade, já se tem feito neste ponto em o nosso Estado. Lembramos a simplificação introduzida em livros didacticos, compilados pelo ex-director da Instrucção e actual Secretario da Fazenda, dr. Henrique Fontes.

Foi uma contribuição valiosa que não deixou de produzir os seus fructos.

Entrementes, precisamos ir adiante, resolvendo outros casos duvidosos que a pratica suggere e a evolução natural das coisas reclama.

Qual, então, o systema a adoptar, o mixto *com todas as suas incongruências*, como diz Othoniel Motta, ou o phonetico? a reforma portugueza ou a brasileira?

Achamos que o systema mixto, embora seja o usual, não satisfaz cabalmente, devido aos motivos já apontados de sua falta de sequencia logica. A reforma portugueza que, mau grado nosso, se nos afigura a melhor, tambem não pode ser introduzida com todos os seus pormenores, porque, como é sabido, a pronuncia portugueza muito differe da nossa e, alem disso, certas graphias, — como, *prorrumper, prorrogar, quere, rial, rialeza, pior, milhor, lial, artelharia, tejolo, dezaseis, dezasete, dezanove*, — e determinados signaes diacriticos, — como o grave em *equivaler, agüentar*; o accumulo de dois accentos numa só palavra — Estêvão, órgão — e a prodigalidade do emprego do hyphen, nos compostos — a-pesar-de, ocu-lo-de-ver-ao-longe, — não lograram e, a nosso ver, não lograrão jamais acceitação entre nós.

Semelhantemente acontece com a reforma brasileira, regeitada pela propria Academia. Entretanto, algo da reforma brasileira pode ser aproveitada. Estão neste caso a proscripção do h e do g insonoro, a substituição de y por i, do w por v, do k por qu ou c; a representação das vogaes naszaes ão, atouo, por am, e da tonica, por ão; a representação dos diptongos oraes æ, œ, e ue, por ai, oi, e ui, respectivamente.

Em resumo, o que convem adoptarmos são as simplificações que vem surgindo aos poucos, coadunadas com a nossa pronuncia e consagradas pelo bom uso generalizado.

Partilhamos da opinião de Eduardo Carlos Pereira, sus-

tentando que as reformas alludidas e, muito especialmente, a brasileira, não conseguiram resultado satisfactorio, não só devido ao seu character revolucionario, como ainda em razão de quererem impor, de chofre, uma orthographia toda alheia ao systema que vinha sendo praticado até então.

As simplificações devem vir apparecendo aos poucos paulatinamente, sorrateiramente. Cumpre-nos abolir o z entre duas vogaes, substituindo o por s, já que este em tal caso substitue perfeitamente o valor daquelle. Releva evitarmos as muitas incongruências do systema usual. Evitem-se as irregularidades de se orthographarem bençam com m, e órgão com ão, mau com au, e grão com áo, ceo com éo e chapeu, com eu. Mister se torna, igualmente, introduzirmos certas regras relativas aos prefixos em ex, que têm o valor de ez, é necessario abolirmos as conscantes dobradas; urge estabelecer regras attinentes as palavras terminadas em æ, œ e ue, precisamos uniformizar a graphia dos vocabulos estrangeiros que já passaram para o dominio de nossa lingua, adaptando-os á pronuncia que lhes damos.

Como justificativa e em additamento do que vimos afirmando, lembramo-nos de submeter á apreciação dessa illustrada Directoria, bem como da colenda Conferencia de Ensino, uns apontamentos sobre a uniformização da orthographia nas escolas, os quaes, no caso de offerecerem alguma utilidade, poderiam contribuir com uma pequena parcella para resolver, de algum modo, as muitas duvidas e difficuldades da nossa intrincada e complicada arte de escrever. E, uma vez estabelecidas essas regras, deveriam ser ensinadas ou dictadas aos alumnos dos nossos estabelecimentos officiaes, exigindo-lhes as graphias da forma ensinada e rejeitando como erro o contrario.

Oxalá a proxima Conferencia de Ensino, que tão vivo interesse vem despertando em todos os circulos escolares, não sò do Estado, como do proprio país, alem dos multiplos problemas que necessariamente deverá resolver, a bem da Instrucção, tambem volte suas vistas para um assumpto de tão premente oportunidade e que tão de perto relaciona com o ensino em nossa sonora e maviosa lingua vernacula.

Trajano José de Souza.

Vocabulario Orthographico ou a Orthographia Usual

Apontamentos para a uniformização da orthographia nas escolas por
Trajano José de Sousa

A quem ler.

Não ha negar que a tendencia moderna no campo orthographico é para a simplificação, ou ainda, para a introdução do systema phonetico.

Após os esforços da Academia Brasileira de Letras em adoptar uma reforma, muito se tem feito em prol da simplificação do nosso padrão orthographico.

Em 1911, a Academia de Sciencias, de Lisboa, por sua vez, adoptou a reforma portuguesa. Já muito antes destas iniciativas, os mestres da Lingua os philologos mais em evidencia, tanto patricios como lusos, recommendavam graphias tendentes á simplificação, conforme já estavam sendo praticadas em outras linguas latinas, como na hespanhola e italiana.

Entretanto, sendo a pronuncia portuguesa muito diferente da nossa e não logrando certos signaes diaeriticos, acouselhados pela orthographia lusa, popularidade entre nós, a reforma portuguesa não tem sido aceita em toda a extensão pelos nossos escriptores.

Muito embora as reformas mencionadas não fossem adoptadas de vez, no emtanto, paulatinamente foram apparecendo as simplificações, coadunadas ao nosso meio, de sorte que, hoje em dia, ninguem ignora quanto o systema prosodico tem se avantajado aos seus congeneres.

Attendendo a estas circumstancias e, como educador, visando em primeiro logar, uniformisar a orthographia dos alumnos nas lições de portugês, nos abalançamos a publicar os presentes Apontamentos, com o intuito de orientar nossos alumnos na difficil arte de escrever conforme as regras orthographicas e o bom uso generalisado. Escusado é mencionar que a maior parte das graphias introduzida no presente opusculo, vem recommendadas por mestres notabilissimos, como João Ribeiro, Candido de Figueiredo, Eduardo Carlos Pereira, Gonçalves Vianna, Othoniel Motta, Carlos de Laet, Fausto Barreto, Epiphanyo Dias, Ruy Barbosa e outros, bem como pelo ex-director da Instrução Publica, dr. Henrique Fontes, que a introduziu em livros didacticos adoptados oficialmente.

Creemos que um systema phonetico, introduzido aos poucos, e não de chofre, e, devidamente adaptado á nossa pronuncia e escoimado das incongruencias do systema usual, acabará por cantar victorias.

Para facilitar a consulta, fizemos seguir as palavras em ordem alphabetica, á guiza de pequeno lexico, começando pelas vogaes e os phonemas vocalicos.

Queira a indulgencia dos competentes e dos collegas do magisterio, relevar as falhas destes *Apontamentos*, e suggerir emendas mais plausiveis, que serão aceitas de muito bom grado pelo Autor.

I PARTE

As vogaes e os phonemas vocalicos

Am

O ditongo *ão*, atono, escreva-se com *am*, em:

Acordam, s. m. (jur.) sentença.

Bençam.

Frangam, s. m. augm. de frango.

Golfam, s. m. (Bot.) planta aquatica.

Lodam, s. m. erva.

Medam, s. m. augm. de meda, grande monte de capim.

Oregam, s. m. (Bot.) planta.

Orgam.

Orpham, s. m.

Pedrogam, (Geographia) freguesia de Portugal.

Pegam, s. m. pégo, abysmo grande.

Rabam, s. m. rabanete, variedade de rábano.

Satam, s. m. satanaz.

Sotam, s. m. o pavimento mais alto do edificio; (pop) sôte.

Zangam, s. m. abelha macho.

Damos apenas a significação dos vocabulos menos usados, afim de facilitar o seu conhecimento aos alumnos, poupando-lhes o trabalho de consultar um dictionario — Quem escreve *bençam* com *m*, consequentemente deverá graphar todas as demais palavras acabadas em *ão*, atono, tambem com *m*, como *orgam*, *acordam*, etc.

O systema usual, ora escrevendo *bençam* com *m*, ora *orgão*, com *ão*, accentuando a 1ª vogal, pecca pela incongruencia e pela introdução de dois signaes diacriticos numa só palavra, o que nos parece contra a indole da lingua e a simplificação, tão preconizada por philologos e grammaticos.

Forma-se o plural dos substantivos terminados em *am* e *an*, accrescentando-se á terminação um *s*, exs: o *orgam*, os *organs*; o *orpham*, os *orphans*; a *orpham*, as *orphans*.

AN

O phonema nasal *ã*, na syllaba final átona, represente-se por *au*. em: Imam, s. m. mineral que atráe o aço e outros metaes magnete. Orphan, s. f.

AI

Seja graphada com *i*, e não *e*, a subjunctiva do ditongo final *ai* nos substantivos acabados em *ae*, as flexões verbaes dos verbos da 1ª. conjugação, nos da 3ª. conjugação que terminam em *air*, e ainda no plural dos substantivos e adjectivos terminados em *ai*; exs:

- | | |
|----------------------|-------------------|
| Atai s. verbo. | Currais, s. pl. |
| Animais, s. pl. | Dedais, s. pl. |
| Arsenais, s. pl. | Estai (s), verbo |
| Atrai (s), verbo | Falai (s), verbo |
| Aventais, s. pl. | Gerais, adj. pl. |
| Brincai (s), verbo | Jornais, s. pl. |
| Cai (s), verbo | Mãe (s), s. f. |
| Canais, s. s. pl. | Metais, s. pl. |
| Capitais, s. pl. | Mortais, s. pl. |
| Cristais, s. pl. | Sai (s), verbo. |
| Negociai (s), verbo. | Sais, s. pl. |
| Odiai (s), verbo | Signais, s. pl. |
| Orais, adj. pl. | Vai (s), verbo |
| Pai (s) s. pl. | Verbais, adj. pl. |
| Passcai (s), verbo. | Vogais, s. pl. |
| Quintais, s. pl. | |

Aconselha-nos a experiencia escrever as palavras supracitadas com *i*, visto a sua pronuncia pender mais para *i* do que para *e*. (Confere a reforma Portuguesa e a Brasileira).

Cumpre-nos, todavia, adoptar este modo de escrever em todas as palavras acabadas em *ae* (s), afim de haver uniformidade.

ÃO

Graphê-se com *o*, e não *u*, a substantiva do ditongo *ão*, occentuando-se a 1ª vogal, nas palavras.

- Bacalhão, s. m.
- Bacurão, s. m. ave nocturna.
- Berimbão ou Marimbão, s. m. instrumento tocado pelos pretos.
- Bilbão, cidade da Espanha.
- Bo'eslão, nome de pessoa.
- Blumenão.
- Cacão
- Calão, cidade e porto de Perú.
- Colão, s. m. mandarim chinêz.
- Estanislão.
- Girão, s. m. armadilha de páos para seccar carne; (pop.) sotant.
- Grão.
- Ladislão, nome de pessoa.

- Landão, s. m. carruagem de luxo.
- Mão.
- Macão, cidade da China, pertencente a Portugal; especie de suinos-porco-macão.
- Mião.
- Mingão.
- Não, s. f. embarcação antiga.
- Nicolão.
- Pão.
- Picapão, passaro.
- Sarão; s. m. reunião nocturna.
- Urutão, s. m. passaro do Brasil.
- Varapão, s. m. pão comprido e fino.
- Wenceslão.

A graphia dos vocabulos terminados em *au*, com *ão*, accentuando-se a 1ª vogal, se nos afigurara mais portuguesmente, ao passo que a terminação *au*, se nos antolha mais propria das linguas germanicas, — haja vista a alemã, em *Au, blau*, grau, Tau, etc. Contudo, tambem neste ponto, mister se torna a congruencia.

Muito embora não ignoremos que a palavra Blumenão, seja de origem alemã, provindo do sobrenome do fundador desta cidade — o dr.

Hermann Blumenau, contudo recomendamos que a syllaba final lhe seja orthographada com *ão*, visto tratar-se de uma cidade brasileira tendo já o seu nome abasileirado e seguindo desta arte, a regra geral das palavras terminadas em *ão*.

Ê

Escreva-se com um só *ê*, levando accento circumflexo, e não *ee*, a 3ª. pessoa do plural do presente do indicativo dos verbos *ter, crer, ver, vir, prover*; e a 3ª. pessoa do plural do presente do subjunctivo do verbo *dar*.

- Têm, e não teem.
- Crêm, e não creem.
- Vêm, e não veem, do verbo *vir*.
- Vêm; e não veem, do verbo *ver*
- Provêm, e não proveem.
- Dêm, e não deem.

E e não I

Seja graphada com *e*, e não com *i*, a 2ª vogal da palavra Ceremonia

Achamos desnecessaria a representacão de certos phonemas por *ee* o que faz lembrar o inglês em *green, spleen*, etc. Julgamos que o *ê*, levando accento circumflexo, substitui perfeitamente o valor phonetico de *ee*. Recommendam os grammaticos, grapha-se 2ª. vogal da palavra *ceremonia*, com *i*, em attenção á sua etymologia latina.

E e não EN

Supprima-se o *n* da terminação *en* átona, nas palavras. Regime, s. m. governo, direcção, regra.

Tentame, s. m. ensaio tentativa, exame, experiencia.
Certame, s. m. luta, combate, disputa, concurso.
Dictame, s. m. regra doutrinal, maxima, opinião.

Lembra-se a conveniencia de ser abolido o *n* em todas as palavras terminadas em *en* átono, como especime, abdome, albume, etc. Em todo caso, a tendencia moderna aconselha esta simplificação.

EN e não EM

O suffixo *em*, átono, seja representa 'o por *en*, em Aden (Geogr.) possessão inglesa, na Arabia.
Abdomen, s. m. metade; inferior do tronco.
Alumen, s. m. Chim, sal neutro.
Albumen s. m. substancia que contem a semente; a clara do ovo.
Amen ou Amém.
Dictamen, s. m. regra doutrinal maxima.
Dolmen, s. m. (Archeol.) Monumento druido ou celtico, anta.
Eden, s. m. o paraizo terrestre.
Especimen, s. m. modelo, amostra, exemplar.
Gluten, s. m. (Histo, nat.) materia que liga as partes de um corpo solido. (Chimi) Materia que entra na composição da farinha dos cereaes.
Hymen s. m. (Anat.) membrana do orificio da vagina (Bot.) Envoltorio da corola.
Hyphen, s. m. risco ou risca de união.
Lichen ou Liquen, s. m. musgo, planta.
Pollen, s. m. (Bot.) pó fecundante dos vegetaes.

Afim de haver a uniformidade, suggerimos a idéa de se applicar a regra acima, a todas as demais palavras terminadas em *em*, átono v. g. a *en* e Anden, cerumen, homem, imagen, joven, nuven, onten, orden, outren, pa gen, sa'sugen, vantagen, vertigen, etc.

ÉA ou Eia

O ditongo oral éa, seja representado por éa, accentuando-se a la. vogal, ou por eia, facultativamente, em

Athéa ou Atheia, adj. fem. de atheu que não crê na existencia de Deus.

Assembléa ou Assemb'eia.
Basiléa ou Basileia, cidade e cantão da Suissa.
Boléa ou Boleia s. f. peça de pão e parte de uma carroagem.
Cesaréa ou Cesareia cidade da Asia.
Coréa ou Coreia, s. f. país da Asia.
Dorotheá ou Doroteia.
Epopéa ou Epopeia, s. f. poema epico.
Erythréa ou Erytareia, s. f. dominio italiano, na Africa.
Estréa ou Estreia, s. f. primeiro uso: começo de alguma coisa.
Galiléa ou Galleia, s. f. região da Palestina antiga.
Galatéa ou Galateia, nome de pessoa.
Ge'éa ou Geleia, s. f. succo de carne condensado com assucar.
Idéa ou Ideia.
Judéa ou Judeia, s. f. região da Palestina antiga.

Platéa ou Plateia.
Uréa ou Ureia, s. f. substancia que entra na composião da urina.
Vencéa ou Vedeia s. f. departamento da França.

A regra acima, estabelecida por bons mestres de portuguez, como Barreiros Filho e outros, está de accordo com a logica e o bom uso. Entretanto releva optarmos por uma das duas formas. Lembramos que idea e epopeia já estão sendo usadas entre nós, emquanto que os portuguezes dão preferencia a esta graphia em todas as palavras terminadas em éa, o que tambem achamos mais euphonico.

ÉA ou Eia

O ditongo final éa, seja graphado facultativamente ou com éa ou com eia nas palavras.

Aldéa ou Aldeia.
Colchéa ou Colcheia. s. f. nota de musica.
Corréa ou Correia.

ES

O prefixo *ex*, seja representado por *es*, em:

Esagero	Esplendor
Esforço	Espontaneo
Esforçar	Estenso
Esgoto	Estensão
Esgotar	Estranho
Esplendido	Estrangeiro

NOTA — Lembramos a conveniencia de se orthographar todas as palavras, cujo prefixo seja *ex*, tendo o *x* o valor phonetico de *z*, com *es*. E' uma simplificação necessaria e consentanea com a nossa orthoépia.

ÊS

Graphem com ês, e não ez.
Calabrês, natural da Calabria, Italia.
Chinês, Dês, (verbo) Dinamarquês, Emdriaguês, Escossês, Finnês, filho da Finlândia, Europa, Francês, Freguês, Genovês, (proveniente de Genova, Italia), Irlandês, Japonês, Javanês, (oriundo de Java, Oceania, Marquês, Mês, Norueguês, Polonês, natural da Polonia, polaco. Portuguez, Lianês, procedente do reino de Sião na Asia—Três, Vês, (verbo).

ÉO e EU

O ditongo final *eu* seja graphado com *éo*, quando a prepositiva for aberta, e com *eu*, quando for fechada (Eduardo C. Pereira):
Alvéo, s. m. leito de um rio.
Boléo, s. m. pancada, queda, baque.
Chapéo.
Céo.

Escarcéo, monte que faz o mar agitado, alarido.
 Léo s. m. vagar, ensejo, occasião.
 Mundéo, s. m. armadilha de caça.
 Poviléo.
 Réo.
 Solidéo s. m. barretinho dos ecclesiasticos.
 Trop'éo s. m. despojo do inimigo vencido.
 Véo.
 Atheu.
 Atheneu.
 Amadeu.
 Aristeu.
 Alpheu.
 Androceu, s. m. parte da flôr.
 Clineu.
 Dirceu.
 Europeu.
 Egeu.
 Gyneceu, s. m. parte da flôr.
 Hymeneu s. m. nupcias. O deus das bôdas.
 Judeu.
 Pháriseu.
 Pygmeu, s. m. homem pequeno sem valor; anão.
 Sandeu, adj. mentecapto, tolo.

I

Seja graphada com i, e não e, a inicial das palavras.
 Idade.
 Igreja.
 Igual.
 Igualmente.

Comquanto seja etymologicamente mais exacto escreve-se as iníciaes das palavras idade, igual e igreja com e, visto provirem dos vocabulos latinos, aetas aequalis, e ecclesia, respectivamente, todavia costumamos graphar-lhes a 1.^a vogal com i, por ser mais conforme a boa pronuncia.

Substitua-se, outrosim, o y por i, em

Coritiba.
 Coritibanos.
 Hippódromo, s. m. área para corridas a cavallo.
 Hippico, adj. relativo ao cavallo.
 Ipiranga; Nitéroí. Presbítero, s. m. sacerdote, clérigo.
 Presbíterano, adj. sectario do presbiteranismo.
 Presbiteranismo, s. m. seita religiosa.
 Sátira, s. f. poema em que se censuram costumes.
 Satirico, adj. relativo á sátira.
 Tisica, s. f. tuberculose.

IO e IU

O ditongo final iu graphe-se com u, e o semiditongo e o hiato, com o; exes.

Bramiu, Caiu, Feriu, Riu, Viu.
 Feio, Meio, Seio, Veio, Canario, Estuario, Vigario, Aceterio, Cemite-
 rio, Valerio, Delirio, Lirio, Martyrio, Espurio, Murmurio, Tugurio.

As palavras terminadas em io, accentuado, sejam escriptas com io levando a 1.^a vogal o accento agudo: arrepio, estio, assobio, frio, etc. No emtanto, a bem da logica, haveria conveniencia em se graphar-lhes a ultima syllaba tambem com io, conforme a regra, exs. naviu, paviu, piu, vasiu, desviu, etc.

Ô e Ó

Escrevam-se com ô e ó, respectivamente:
 Consôlo e Consôla.
 Côrte e Côrte.
 Fôrma e Fôrma.
 Rôla subs. e Rôla, verbo.

ON

Graphem-se com on, as syllabas final átona dos vocabulos:
 Asyndeton.
 Cáoophaton.
 Cáoon.
 Cáoon.
 Hypérbaton.
 Léxicon.
 Maçon.

NOTA — Quanto às palavras maçon e Solon, seria mais conforme a congruencia, graphar-se-lhes a syllaba final com om, visto esta ser tônica, assim: maçom e Solom.

OI e não OE

Grapha-se com i, e não e, a subjunctiva do ditongo final oi. em:
 Congoi, Constroi, Doi, Destroi, Heroi, Moi, Soi, verbo.

OI e não OU

Escrevam-se com oi, e não ou:
 Açoite.
 Afoito, biscoito, coisa, coice, doido, endoidecer, foice, foito
 dois, noite, pernoite, toicinho.

OA e UA

Represente-se por oa o ditongo final ua, átono e por ua, o tonico, em:
 Amendoa. Fragoa. magoa, nodoa, legoa, espadoa, nevoa, Quiloo (ci-
 dade), taboa.
 Actúa, amúa, enxagúa, fluctúa, desagúa, jejúa, recúa.

U

Graphem-se com u, e não com o, as palavras,
 Lugar, lugarejo.

Não obstante originar a palavra lugar do latino locus, achamos, contudo, mais razoável graphar-lhe a la. vogal com u, por ser este uso mais de acôrdo com a pronuncia gera mente adoptada.

Um e UN

Representem-se por um a syllaba final tónica, e por un, a átona, dos vocabulos:

Jejum, lundum e
Albun, ultimatun.

UI e não UE

A syllaba final ue, represente-se por ui (cfr. Reforma Portuguesa e Basileira) em:

Allu, afflúi argúi, contribúi, dilúi, exclúi re largúi, conclúi.

II PARTE

As consoantes e os phonemas consoantes.

B

A consoante dobrada bb, reduza-se a uma só, um: abreviar, abreviatura, sabado sabatina, sabatista.

C

Escrevam-se com um só c: ação, aceitar, acordo, acordar, condição, contrição, edição, lição, mal-tradição.

Exclua-se o. c. de: completo, contrito, data, dito, fruta, fruto, frutifero.

Graphem-se com c, e não ss: Socego e socegar.

CH

O phonema consoante ch, seja reduzido a c, em: Aristarco, catecismo, cristal, éco, época, exarco, Heresiarca, monarca, patriaca, pascoa, poscoal pascoe'la.

G

Reduza-se a um só, em: Exagero e exagerar.

H

Elimine-se o h das palavras: cair, categoria, espanha, espanhol, exuberante, empreender, compreender, compreensão, ombro, ontem, sair sobresair, teór, tesoura, Tiago, Thomás.

J

Sejam graphadas com j, e não com g; as palavras: Ajeitar, jeito, laranja, laranjeira, lisonja, isonjeiro,, majestade, majestoso.

K

Substitua-se o k por qu ou c, respectivamente, em: Cágado, quermes, quilo, quisto, quépi.

L

As palavras que seguem, sejam graphadas um só l: Alemanha, ali, cautéla, coligação, coligir, colina, corruptela, fala, querela.

LH

Supprima-se o h do phonema lh nos nomes em que não formar digramma; exs: Philarmonica e separa-se por hyphen Gentil-homem.

M

O m dobrado deduz-se a um só, em: Comigo.

Escrevam com m, e não n:

Circumdar, circumstancia, circumspecto, circumnavegar, circumnavegação, comsigo (com+signo,) comvosco.

N

Sejam graphadas com um só n: Aniquilar, anotar, inundar, inundação.

NH

Supprima-se o h do phonema nh, nas palavras em que não formar, digramma; exs:

Bonomia, inumáno, inabil inibir.

P

Graphem-se com um só:

Aprender, aprendizagem, aproximar aproximação.

Proscreeva-se o p, de:

Escrita, escrito, escritura, escriturar, escrituração, escultura, escultor.

PH

Elimine-se o ph de:

Ditongo, asma, asmatico.

QU

Graphem-se com qu, e não ch nem k, as palavras: Almanaque, caquetico, conhaque, fraque.

S

Sejam graphadas com s, e não com z, as palavras:

Após, assás, atrás, através, Brasil, compús, detrás, defeza, despesa, gis, Luís, país, pús, (verbo) quis, quiser. Tomás, três.
Escrevam-se com s, e não com c, nem ç:
Ansia, ansiar, cansar, consaço, dansa, descanso.

T

A consoante dobrada tt, seja reduzida a um só t, em:
Brito, esgoto, esgotar, gota, mato, (substantivo) litoral, letra, literatura, neto, mate, (substantivo).

V

Substitua-se o w por v, em:
Valdemar, valsa, Valdemiro, Vencesláo.

X

Exclúa-se o x das pa'avras que seguem, substituindo-o por ce:
Caíce, indice.

Z

Escrevam-se com z, e não com s:
Atroz, capaz, fiz, luz, talvez, traz.

III PARTE

Outros assumptos

NOMES PROPRIOS

Havendo muita irregularidade na graphia de certos nomes proprios, convem estabelecer a seguinte orthographia, nos nomes que seguem:

Luís, Tomàs, Christovam, Estevam, Aleman'a, Espanha, Niteroi, Tiago, Versalhes, Lyão, Mato-grosso, Manãos, Ilhéos, Antuerpia, Romania.

VOCABULOS ESTRANGEIROS

Certos vocabulos estrangeiros, que passaram para a nossa lingua, já soffreram a influencia da nossa pronuncia e, devidamente aportuguesados, ou antes abrasilairados, devem ser escritos consoante a pronuncia que lhes damos. Estão neste caso os seguintes:

Paletó, boné, bonde, futiból, clube, vagão, bife, crochê, buquê, de bouquet, abajúr, foclór, de folk-lore, plató, pequenique, de pic-nic, miting, de meeting, pincenê, de pince-nez, comité, ider, de leader.

Nomes dos menses, dias da semana, estações do anno e titulos honoríficos.

Conforme a boa tendencia moderna, graphe-se com minuscula a inicial dos nomes acima, como: janeiro, fevereiro, segunda-feira, terça-feira, primavera, outono.

dr. (doutor)
sr. (senhor)
d. (com)

rev. (reverendo)
pe. (pa're)
fr. (frei)
v. s. (vossa senhoria)
v. excia. (vossa excellencia)

APÓSTROPHO

Não levam apóstropho as contracções:
(a i, cáhi, dalém, daquem, dacoíá, daquelle, de,le, deste, desse có (de +o), donde, dum, duma, mo, me+o, no, não e o, lho, lhe e o, naquelle, nesta, neste, nisso, nisto, naquelle, naquillo, naquilloutro, disso, nisso, noutro, nestoutro

Conserve-se, porém o apostropho na poesia e nos compostos, como em:

P'ra, esp'rança, c'roa, co'a (com + a), stão, mãi d'agua. Sant'anna, De'rei, out'ora, d'oravante, dest'arte.

Ass — Trajano José de Sousa.

PARECER N° 13

Estudando a these sobre o thema da necessidade da uniformização da orthographia nas escolas, apresentada pelo professor Trajano José de Sousa, a 3a. commissão dá o seguinte parecer:

PARECER

O trabalho em questão merece os melhores applausos pelo modo como está disposto, pela ordem e clareza do assumpto e pelas justificadas e bem argumentadas razões com que prova a necessidade da uniformização da orthographia em nossas escolas, o que demonstra a habilidade, competencia e interesse que tem o seu autor pela nobre e dignificante causa da diffusão do ensino primario.

O sr. Trajano rejeita com boas argumentações o systema mixto, geralmente adoptado; mostra tambem a inconveniencia que ha em se adoptar a reforma portuguesa e a reforma brasileira rejeitada pela propria Academia, aconselhando que se tome algo da reforma brasileira e outras modificações que se coadunem com a nossa pronuncia. Segundo a opinião do autor será preciso modificar o actual modo de graphar muitas palavras o que importa na modificação da orthographia da lingua portuguesa.

Assumpto de tanta importancia e responsabilidade não é para ser tratado por simples e obscuros professores pri-

marios como os que compõem esta comissão, os quaes julgam não ser este tambem o fim a que se destina a nossa Conferencia de Ensino Primario. Pelas razões expostas deixa á Mesa o julgamento do presente trabalho.

Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. Ass. — *Irmã Bernwarda*, relatora; *Hercilio Zimmermann*, secretario; *Mario Garcia*, Presidente.

NOTA — Este parecer foi aprovado sem debates.

THESE N.º 31

Congresso do Ensino Primario do Estado de Sta. Catharina

A EFFICIENCIA DA «ESCOLA NOCTURNA» NA DESANALPHABETISAÇÃO DO PAIZ

Memoria apresentada á Conferencia do Ensino, em Santa Catharina.

Pelo Engenheiro - Civil

OSCAR DE OLIVEIRA RAMOS

Florianopolis, Julho de 1927.

A eficiencia da «Escola Nocturna» na desanalphabetisação do Paiz.

A desanalphabetização deve ser a preocupação maxima dos verdadeiros patriotas que desejam o Brasil unico e forte.

O analphabetismo é o peor dos cancos sociaes. Um povo que o possúe, não pode ter a consciencia dos seus direitos, nem a percepção do seu valor moral.

Sem a instrucção diffundida amplamente, não ha respeito á lei, nem obediencia á autoridade constituida.

O direito do voto, que é a mais sagrada de todas as conquistas democraticas e que decide da soberania do povo, não tem applicação consciente.

O individuo que não é analphabeto, está habilitado a defender e a exercer os seus direitos civis e politicos.

Entre os homens que saibam lêr e escrever, é mais facil pregar-se a educação civica, os principios da moral e emfim todas as idéas liberaes.

Ainda mais.

As estatisticas criminaes constataam que o maior numero de criminosos advem dos analphabetos.

A instrucção, é verdade, não faz expungir da face da terra o crime, mas inflúe poderosamente para a diminuição de attentados violentos entre os que podem raciocinar e medir as consequencias de qualquer delicto commettido.

A defficiencia de instrucção facilita a pratica do crime.

E' deverás impressionante o coefficiente de analphabetos que o nosso paiz ainda possúe, apezar dos patrioticos esforços empregados pelos governos das mais prosperas unidades da Federação.

Estatisticas de 1920 a 1926 fornecem informes apavorantes, na logica insophismavel dos seus algarismos e que registo, nestas linhas, com o mais vivo pesar.

Cito apenas os Estados que mais têm collaborado na obra benemerita do combate ao analphabetismo.

Os coefficientes de suas percentagens são:

Pernambuco	82,15
Minas Geraes	79,83
Estado do Rio	75,21
Paraná	71,82
Santa Catharina	70,43
São Paulo	70,17
Rio Grande do Sul	61,13

Deprehende-se, pois, a necessidade de intensificar-se, cada vez mais, a diffusão da instrucção primaria.

O Brasil precisa emergir illuminado da aurora esplendente que desponta, no horizonte das modernas conquistas, sob as bençans luminosas de todos os brasileiros.

Santa Catharina tem, a esse particular, concorrido, de maneira honrosa e digna de imitação, para a diffusão do ensino, dando, todos os annos, as maiores dotações da sua renda para o serviço de tão alta relevancia social.

Collocando-se á frente desse desiderato, nesta hora de fecundas realizações praticas, convocou o seu professorado para traçar novas directrizes ao ensino, sob um pensamento modernizador.

Todo o seu labor viza um objectivo eminentemente patriotico: a diffusão, mais ampla, da instrucção primaria, através dos recantos mais afastados do territorio catharinense.

Um dos mais efficazes colaboradores dessa obra bene-

merita deve ser, a meu ver, a escola nocturna, templo modesto, onde geralmente o operario e os seus descendentes receberão a luz da civilização.

A *escola nocturna* presta relevantes serviços ao ensino.

Localizada nas maiores agglomerações urbanas, de preferencia agricolas ou industriaes, ella produz resultados admiraveis.

A sua organização deve ser a mais simples possível, observando-se a economia e o tempo.

O seu programma, nestas condições, não comportará estudos superfluos que só servem para prejudicar os objectivos visados.

A tendencia educacional moderna é para a simplificação dos methodos de ensino.

Tal como se pratica na America do Norte e como se vem adoptando no Rio Grande do Sul.

Nestas condições a escola nocturna deve ter um programma pratico, de accordo com as necessidades utilitarias do individuo.

Entendo que o seu melhor programma pratico é o seguinte:

I — Leitura até o Quarto Livro;

II — Escripta e dictado;

III — Arithmetica: Quatro operações- Fracções- Systema metrico;

IV — Geometria: Estudo das figuras planas e suas areas;

V — Historia patria e educação civica: Somente o conhecimento das datas nacionaes, explicadas nas vespersas. Canto dos hymnos nacional e da Bandeira.

Moldado, portanto, o curso nocturno no programma acima estabelecido, lucrará a instrução publica e o Estado ou o paiz o diffundirá, cada vez mais, o ensino, reduzindo assim o coefficiente do analphabetismo existente.

Alphabetizar dentro desse methodo é produzir alguma cousa de utilitario.

É pois com subido prazer que tenho a honra de apresentar á consideração da douta Conferencia do professorado catharinense o meu desvalioso trabalho, á guisa de contribuição ao estudo dos profissionaes.

Florianopolis, 24 de julho de 1927.

Ass — *Oscar de Oliveira Ramos.*

Engenheiro civil e lente do Instituto Polytechnico.

PARECER N° 14

A 3ª comissão estudando a these n. 31, sobre a efficiencia da escola nocturna na desanalphabetização do país, apresentada pelo engenheiro civil dr. Oscar de Oliveira Ramos apresenta o seguinte parecer:

PARECER

Na primeira parte desta these o seu autor evidenciou a deficiencia do ensino primario no Brasil em geral, apezar dos governos federal e estadual sempre terem as suas vistas dirigidas para este assumpto tão importante para a grandeza de um país ou de um Estado.

Na segunda parte elle mostra clara e insofismavelmente as vantagens da criação dos cursos nocturnos, principalmente nas maiores agglomerações urbanas, de preferencia agricolas ou industriaes. De facto os centros geralmente se resentem desta necessidade, porquanto as familias operarias, geralmente desprovidas de recursos pecuniarios, têm que recorrer ao auxilio do trabalho de seus filhos, mesmo quando em idade escolar, razão esta porque as crianças nestes centros, muito cedo deixam a escola diurna, outras não a frequentam para ganhar o pão diario.

Desta forma tornam-se homens sem terem recebido os indispensaveis rudimentos de instrução. Ao atingirem a idade adulta sentem, então, a falta de instrução e o desejo de ainda instruir-se e que só poderão conseguir se existirem escolas nocturnas onde possam estudar. O operario e o agricultor que labutam o dia inteiro, necessitam tambem de muito repouso, razão porque a escola nocturna, na sua organização, deve ser a mais simples possível, observando-se a *economia e o tempo.*

Necessario se torna, portanto, adoptar-se um programma que não comporte estudos superfluos que sirvam somente para prejudicar os objectivos visados. Nestas condições a escola nocturna deve ter um programma pratico, de accordo com as necessidades utilitarias do individuo.

Porisso julga acertada a escolha das materias apontadas para constituirem o programma das ditas escolas. Pelas razões que acaba de expôr a comissão é de parecer que se criem escolas nocturnas onde se fizerem necessarias, porque ellas não só contribuirão efficazmente, mas serão um

meio indispensavel para resolver o importante problema da desanalphabetização do país.

Sala das sessões, 5 de agosto de 1927.

Ass. — *Irmã Bernwarda*, Relatora; — *Hercilio Zimmermann*, Secretario; *Mario Garcia*, Presidente.

NOTA — Este parecer foi approved sem debates.

THESE N° 38

Caracteristicos de uma bôa Professora

«A idéa do mestre, disse G. White, encarado como um guia na educação, suggere immediatamente determinadas aptidões exigidas naquelle que deseja bem desempenhar-se dos seus deveres».

Recordo com prazer a professora do primeiro anno da Escola Americana de S. Paulo, em 1907, a quem muito devo nas alegrias colhidas durante o meu magisterio. Sem os artificios da moda actual, era ella moça ainda, loura, olhos azues, estatura baixa, mais sympathica que bonita, aos nossos olhos, não obstante, os seus alumnos dizerem enlevados: «minha professora é linda!» E lindo, realmente, era o seu coração a attrahir os coraçõesinhos ainda implumes daquellas criancinhas, muitas dellas de quatro annos e meio. Ao apparecer a sua figura na porta do pateo corriam alvoroçadas aquellas figurinhas desejosas todas de a abraçar, de lhe passar os braços ao redor da cintura, anciosas por lhe prender as mãos avidas por chegar primeiro. E, então, aquella professora, amada assim, desejava retribuir, distribuindo carinhos para todas e sentia ter apenas dois braços. E aquellas criaturinhas procuravam lhe ser agradaveis e, num ambiente perfeito, não sentiam passar as horas e sem esforço aprendiam a lêr, a escrever e a contar.

É isto porque ella era professora de verdade, dessas que, no dizer de Betts, possuem o devotamento capaz de deixar sua impressão na vida das crianças; e realizava aquelles requisitos que estabelecem a harmonia imprescindivel entre o professor e o alumno: sinceridade, sympathia, padrão de procedimento.» (1).

(1) Segundo C. Oliveira — Preparação dos Professores.

Analysemos rapidamente esses caracteristicos de uma bôa professora.

I — SINCERIDADE

O professor «precisa combinar em si as qualidades de vida e de caracter. Elle precisa encarrar sua personalidade como a fonte de sua influencia e como a medida de sua força. A influencia da personalidade do professor sobre o alumno é de summa importancia, é o contacto da vida com a vida» no dizer de Sheridan.

Resalta dahi que o professor deve ser sincero na sua profissão, amar o seu trabalho, devotar-se á sua missão e possuir aquillo que Itard chamou «o espirito da abnegação do scientista que prepara uma experiencia e espera o que ella lhe revelará».

Um exemplo de inteiro devotamento á instrucção, é a vida do dr. Horace Lane, que se sentindo vocacionado para o magisterio abandonou a brilhante carreira de medico, consagrando-se ao Mackenzie College e prestando á mocidade brasileira serviços inestimaveis. Seus funeraes, em S. Paulo, constituiram uma verdadeira apothéose aos méritos desse educador sincero que mereceu do dr. Herculano de Freitas, no Senado paulista, as seguintes palavras ao comunicar o seu fallecimento: — « Poucos brasileiros terão feito quanto esse americano de origem aqui fez com o maior desprendimento, com a maior modestia e com a mais extraordinaria competencia, não só encaminhando-nos para novos horizontes desconhecidos, quando aqui chegou e iniciou o seu ensino como tambem pode-se assegurar, collaborando pela sua acção moral e até pela sua acção intellectual na organização primitiva e desenvolvimento do ensino publico, que faz a nossa honra e a nossa gloria no Brasil inteiro.»

II — SYMPATHIA

Charles Oliver diz com muita sabedoria: « O professor que desejar obter exito no seu trabalho, precisa penetrar na vida intima da creança. Certo interesse na familia do menino, ás vezes, consegue o que de outra maneira não se poderia alcançar. Um favor prestado á mãe do menino, um serviço, um acto de sympathia, uma refeição com a familia, qualquer destas coisas pode servir de laço poderoso para unir o coração do alumno ao do professor.

O encarar com sympathia as faltas dos alumnos, sem prejuizo da energia e com grande porcentagem de amor, é elemento apreciabilissimo nesta penetração do professor na vida intima do alumno. Ha na nossa experiencia de professora da Escola Americana desta Capital um facto typico: Certa vez procurou-nos um venerando senhor para matricular tres netos seus. Depois de terminados os passos da matricula julgou o bondoso ancião, de seu dever, communicar á Directora que os pequenos matriculados eram meninos insubordinados, já expulsos de todos os collegios da capital.

Assustou-se a Directora com a alarmante confissão e procurou dissuadir áquelle senhor de deixar alliseus netos, numa escola em que só tres moças ensinavam. O ancião chorou e supplicou que experimentassemos fiar com aquelles tres meninos, « seria um grande favor ». Passam-se os dias e, certa vez, houve necessidade de uma palestra com aquelles tres meninos. As palvaras bondosas da Directora repassadas de sympathia e carinho influíram de tal sorte sobre elles que se tornaram os melhores alumnos da escola, sinceros amigos das suas professoras. Teve razão Sheridam quando disse que o professor é « um transformador de conductas ».

III — PADRÃO DO PROCEDIMENTO

Oliver exprime uma grande verdade quando afirma que na esphera moral o professor representa para a creança a illustração concreta do bem e do direito.

O proposito ultimo do professor é « estabelecer modalidades de vida e influir sobre a conducta, » pois ensinar já foi definido como « exercer uma função de guia do aprendizado, regulando o seu processo ». Salienta-se ahí o valor extraordinario das attitudes. O grande Emerson escreveu à sua filha que estava num Internato: importa pouco saber o que tu estudas ahí, mas quero muito saber como são os teus professores.

Temos em nossa passagem pela escola uma viva impressão da personalidade de um professor, Monsieur Caperan, grande «padrão de procedimento» para nós.

Extremamente justo e rigoroso no julgamento das provas todos nós o tinhamos como inflexivel na correcção dos themas.

De uma feita appareceu-nos elle, cabeça baixa, pensativo, ao contrario do seu ar costumado alegre e até baru-

lhento. Causou-nos estranheza. Elle explicou: Hoje fiz uma injustiça. Ha tantos annos que lecciono procurando sempre ser justiceiro. Mas elle, o alumno X, merecia . . . Deixou de accentuar um *e*, unico erro de seu thema perfeito como elle o sabe fazer. Corrigi, fiz o accento . . . e dei-lhe nota optima. Elle a merece . . . mas fiz uma injustiça, a primeira nestes longos annos de ensino.

E todos nós ficamos sabendo daquella falta, augmentada pela lente daquelle caracter impolluto.

Ah! Caracteres assim nunca se apagam da memoria de quem teve a ventura de com elles tratar. Betts foi feliz quando externou com segurança esse sentimento, dizendo: Quando retrocedemos em espirito aos nossos dias de escola, afigura-se nos que as impressões que se prendem á nossa memoria não são, principalmente, impressões de cousas ensinadas ou de lições aprendidas, mas impressões da personalidade do professor.

Nós podemos ter esquecido muitas das verdades que nos foram apresentadas e a maior parte das conclusões inferidas, mas o calor e o brilho do traço humano permanecem ainda».

Expostos assim os caracteristicos de uma bõa professora, desejamos, antes de terminar, fazer algumas considerações sobre o «tirocinio» das normalistas que desejam dedicar-se ao magisterio. Pena é que durante esses meses de pratica não tenham ellas uma pessoa habilitada que as guie, orientando-as na difficil arte de ensinar e corrigindo as faltas, que naturalmente apresentarão, nesse inicio de novo trabalho.

Posso dar meu testemunho pessoal do grande valor de uma classe de methodos na formação da pratica das professoras. Após o nosso curso normal no Mackenzie College, fizemos um aprendizado de methodos que nos foi de grande proveito.

Fomos entregues a uma Directora, especialista no trabalho, que nos ministrava lições, criticando as nossas faltas e louvando-nos quando aptas nos mostravamos. Durante um anno, sem remuneração alguma, preparavamos os nossos corações e as nossas intelligencias no ensino primario. De quando em vez uma da turma tomava a direcção de uma classe, sendo observada pelas companheiras e pela solícita Directora.

E o anno corria, cèlere, os nossos animos se robusteciam e iam os pouco a pouco sentindo-nos capazes de enfrentar o grave problema da educação primaria. O segredo do nosso exito futuro estava nesse primeiro anno percorrido com tino e entusiasmo.

Com esta suggestão ao tirocinio das nossas normalistas, concluimos nossas pallidas considerações em derredor dos *Caracteristicos de uma bôa professora.*

Florianopolis, 29 de julho de 1927.

These apresentada pela professora *Josephina Caldeira de Andrada.*

PARECER N° 15

These apresentada pela professora d. Josephina C. de Andrada.

A commissão acceta os principios apresentados na these n° 38, como magnificos conselhos pedagogicos.

Claro é que, tratando-se, no magisteiro, de temperamentos não uniformes, difficil será conseguir-se, principalmente nas nossas escolas ruraes, onde o meio bastante deficiente actua sobre o espirito do mestre, um paralelo entre o espirito infantil ainda embryonario e o espirito do professor intellectualmente preparado, mas bastante contaminado pelos costumes locais.

Acha por isso a commissão que aos professores sejam dirigidas circulares recommendando a abservancia total, não só dos principios, aliás excellentes, mencionados pela autora da these citada como tambem sobre out os predicados indispensaveis a um bom mestre, como sejam: Preparo intellectual e previo das lições que diariamente deve ministrar; imparcialidade, prudencia, tolerancia, sem prejuizo da disciplina; carinho, indicando os meios para os conseguir.

Considerando a conclusão da referida these, que é sem duvida a parte mais importante deste trabalho, approvamos a idéa que expõe de haver junto á Escola Normal um curso modelo para o tirocinio pedagogico das magistrandas.

São estas as suggestões que a commissão tem a honra de apresentar.

Sala das sessões, 5 de agosto de 1927. — Ass — *Irmã Eberwarda* — Relatora; — *Hercilio Zimmermann* — Secretario; *Mario Garcia* — Presidente.

NOTA — Este parecer foi approvedo sem debates.

THESE N° 37

Qual o valor do mestre escola na formação educacional dos povos?

A' interrogação desta these respondem duas escolas irreconciliaveis, de doutrinas alicerçadas em experiencias e observações scientificas, tendo, ambas, à frente, a defender-lhes as idéas, mestres de renome no mundo da socialogia, da psychologia e da pedagogia.

Pela forma que está redigida a these, ha que indagar, se se trata da formação educacional por meio de educação propriamente dita, tendo por base os modernos ensinamentos da pedagogia ou se se trata de instrucção educadora, o que é assumpto completamente diverso.

Embora Herbart tenha proclamado: "Eu confesso que não concebo uma educação sem instrucção, assim como reciprocamente não conheço nenhuma instrucção que não eduque", mister se faz saber o sentido em que elle toma os vocabulos instrucção e educação e qual seja aquella que impossivel se torna obte-la, sem que, com isso, accarrete, como sequencia logica, a posse de outra.

Porque, quer me parecer, nem Herbart, nem os seus discipulos, podem attribuir, sempre, semelhante effeito educador a toda a instrucção.

Dahi o oppor a duvida que envolve a interrogativa inicial com relação ao sentido por que deve ser tomada a redacção, formação educacional da these, tendo em vista a disparidade das theorias que discutem o assumpto, que encerra, por si só, um vasto e profundo programma da socialogia e pedagogia, porquanto todo o systema de Pedagogia presuppõe um fim de educação e de instrucção.

Onde esse fim? Qual seja elle?

Mais uma vez divergem os mestres no assumpto: Herbart o encontra na "força moral do character"; para Basedow

o fim é «a possibilidade de uma vida altruística, patriótica e feliz»; para Schleirmacher é «a capacidade de vida colectiva.»

Si o mestre escola pesa nos destinos da formação educacional dos povos e se a these é, justamente saber-se qual o valor dessa contribuição formadora, Schleirmacher está com a razão quando attribue a finalidade da educação e da instrução, isto é, de todo o systema pedagogico: «á capacidade de vida colectiva.»

AS DUAS ESCOLAS

O pessimismo de Schopenhauer fe-lo descrever do factor educacional como capaz de regenerar habitos, mudar indoles torcer caracteres. Para elle—é a sua doutrina—assim como todo o objecto da natureza tem as suas qualidades, o homem tem o seu chamado caracter—intelligente, innacto, invariavel que se manifesta em seu caracter empirico, o que vale dizer, em suas acções, e que o homem, pela educação, só se enriquece em conhecimentos, porem não pode ser desviado de sua direcção fundamental.

Foi o que escreveu em seu livro «Sobre a liberdade da vontade». O máo, continua Schopenhauer, o egoista, pela educação se torna, apenas, mais prudente; assim como o arrependimento não significa variação da vontade, se não que delle se usa quando nos convencemos de que o acto realizado não correspondeu ao nosso desejo e ás nossas intenções.

Assim tambem os bons se deixarão jámais perverter por maus exemplos e doutrinas más. O caracter, a indole, o Eu interior são productos da hereditariedade, de factores multiplos, tornando-se, por isso, inuteis para os modificar todo o exemplo, todo o systema de instrução ou educação. Tão somente admite que as grandes commoções são capazes de produzir uma mudança completa, fazendo de um homem do mundo um asceta, e cita o exemplo de São Francisco de Assis. E, dominado pela idéa do fatalismo na hereditariedade, adduz varios exemplos para demonstrar o seu poder invencivel. Entre elles, apresenta a analogia de caracter entre Alexandre VI e seu filho Cesar Borgia e a de Nero que, em seus actos de crueldade, muito cedo se manifestou digno filho do cruel Domicio, apesar de ter sido educado por Seneca.

Segundo, portanto, a theoria do philosopho allemão, seja

qual for o systema educacional, este de nada influe na formação dos povos, nos caracteres delles, tendo-se em mente que o ficto, a razão unica dessa educação, é gravar na indole delles, o principio de Schleirmacher: a capacidade de vida colectiva».

Lamarck e Darwin, notadamente este ultimo, dá total importancia as leis de hereditariedade na formação da psyché humana, ou não.

Attribuia-se á hereditariedade um poder absoluto.

Broca e Lombroso, se bem que distanciados em épocas, pensaram da mesma forma. Ibsen nos Espectros, Zola na Bete humaine, imbuídos dessas doutrinas, descrevem, descendo a detalhes impressionantes, como o que herdamos de nossos paes, actua em nós.

E' demasiadamente conhecido e exemplo celebre apontado por H. Ellis, no seu O Criminoso: — Entre os descendentes de um alcoolatra hollandez chamado Juke, nascido em 1750 e que levou uma vida pouco civilizada em uma região penhascosa e deserta dos Estados Unidos, se poude estudar até 709 pessoas em cinco gerações successivas, e dessas 709, vivam da caridade publica 180, 79 eram criminosos e 52/4 por 100 das mulheres (portanto mais de metade, seu numero attingia a 170), viviam da prostituição.

Guyou, na obra Educação e hereditariedade, apresenta cifras desanimadoras e cita numerosos casos descendentes de povos primitivos que haviam sido, muito jovens, levados ao seio da civilização europêa, e nella educados segundo as exigencias da cultura dessa época, tornaram-se, não obstante tudo isso, a acceitar a sua antiga vida selvagem, mal tinham occasião de voltar á patria.

Claro está que, seguindo-se esta escola, nullo se torna o valor do mestre escola na formação educacional dos povos.

Vejamos a adversa:

Velha é a idéa que se creou em favor da educação, na formação e do caracter do sêr humano.

A antiguidade classica, affirma, em sua Pedagogia, Barth, depositava uma grande confiança na educação.

Já desde Socrates, ensina elle, se tinha uma concepção muito elevada na verdadeira educação ou seja a formação da vontade.

Assim é que, para o philosopho grego, tudo era susceptivel de ser apprendido, até mesmo a Virtude. Platão, seguindo as pegadas do Mestre, concedia á educação um grande

poder, e doutrina: « Quem conhece o bem o pratica, quem não o faz è porque, naturalmente não o conhece, visto como, não tem idèa exacta do bem e do mal. » E, embora o discípulo de Socrates, em A Republica, reconheça o poderoso influxo da hereditariedade, distinguindo naturezas nobres das que não o são, de modo algum diz que a educação nada consiga das naturezas innobres, parecendo, tão somente, temer que ellas não alcancem o grau de moralidade e formação espiritual que constituem o nivel normal das outras classes sociaes. Aristoteles proclama: « O legislador tem que se occupar, de preferencia, com a educação da juventude. »

Os judeus tambem davam á educação de seus filhos muita importancia, não obstante erroneo ser o meio empregado para tal lhes inculcar. A educação Judaica era demasiadamente severa, baseada em castigos corporaes. Na lei antiga desse povo, varias são as citações recommendando a doutrina rigorosa que usavam: « Quem ama seu filho o tem debaixo de sua vara, porque, mais tarde, experimentarà alegria, » le-se nos escriptos da época.

Em toda a Edade Média se considerou como illimitado o poder da educação, apesar do dogma religioso do peccado original.

A theoria completa da educação está baseada nesta phrase: « O temor de Deus é o principio da sabedoria. » A Pedagogia do Renascimento reproduz, em essencia, o criterio da antiguidade classica.

Campanella, em sua Cidade do Sól, concede novamente tanto valor á educação como Platão em sua Republica. Um dos tres poderosos ministros daquelle Estado ideal era o de Instrucção, e os muros da cidade estavam pintados com figuras instructivas e cobertas de notas scientificas para a diffusão do ensino.

A crença no poder da educação chega ao maximo nos seculos XVII e XVIII, nos quaes se preparou e triumphou a « época das luzes. »

Kant disse: « O homem só poderá chegar a ser homem pela educação ». Elle não é mais nem menos se não o que educação o fez. »

Locke escreveu: « Quasi me atrevo a affirmar que por dez homens que encontramos, nove, pelo menos— sejam bons ou maús, uteis ou prejudiciaes á sociedade—o são pela educação que receberam ».

Modernamente, nos estudos e observações sabiamente collidos e analysados, mais e mais se acentua a convicção de Socrates, Platão, Aristoteles, Leibniz e Kant viram as cousas mais profundamente do que Schopenhauer, Zola e Ibsen.

O proprio Darwin observou, na Ilha dos Galápagos, animaes que viviam em ilhas não habitadas pelo homem e que por isso, não tinham nenhum medo delle, mas que, adquiriam esse temor rapidamente, desde que vissem entre elles e que tal temor transmittia-se, como instincto, a seus descendentes. Ora, nada parece ser mais arraigado, mais solido, do que o instincto—que é a acção fundamental na vida dos animaes, obtida, herdada atravez innumeradas gerações e que formam para elles o elemento indispensavel na lucta pela existencia.

Não ha character, tudo o indica, normal, que possua elementos hereditarios e atavicos que possa ser comparado á força dominadora do instincto dos seres irracionaes. No entanto, os instinctos selvagens se perdem tambem pela domesticação, depois de algumas gerações.

Não ha animal que se não domestique.

A infalibilidade da hereditariedade em que se assenta a escola contraria—a primeira que rapidamente estudamos—é posta em duvida por A. Odin, em seu livro *Genese des grands hommes*, dado á publicidade em 1895, em Pariz.

Esse escriptor crê que pode sustentar, sob a base de uma ampla investigação—(havia estudado a procedencia e educação de 6348 literatos franceses que viveram em terras de França de 1300 a 1830)—de que não ha hereditariedade; mais sim a educação è a regra, se não para dar a origem do talento ao menos para o seu desenvolvimento.

De que a vontade se domina, se amolda á determinação de outra vontade, ahi estão, conhecidos hoje em demasia, os estudos de suggestão. A physiologia, desde as observações e applicações de Braid em 1841, é o maior argumento contra o fatalismo da hereditariedade.

Os exemplos são innumerados. Os trabalhos de Voisin na Salpêtriére e os Liébaut, em Nancy, robustecem a certeza da fallibilidade da hereditariedade para o effeito de nullificar a acção da educação nos varios moldes dictados pelos principios da pedagogia moderna.

Assim como a suggestão domina e torce, paciente e dominadora nente, a vontade do suggestionado, assim tambem,

o educador moderno, pela suggestão dos varios periodos ensinados na pedagogia moderna, modifica e transforma a indole do educando, sobre isso, tem-se obtido verdadeiras maravilhas. Cita-se, entre mil o conhecido caso do neto Luiz XIV — o duque de Borgonha que, quando menino, era furioso, cruel, ironico, egoista e depreciador da humanidade, e, devido a seus educadores, o duque de Bonvilliers, o bispo Fenélon e o abbade Fleury — transformou-se por completo. Aos dezoto annos tornara-se um ser sociavel, amavel, humano, moderado e paciente, e não raras vezes, mais humilde do que a sua condicção social permittia.

Tudo nos leva a crer que, máo grado os ensinamentos em contrario, o homem é um ser em demasia facil de se tornar adaptavel a ensinamentos racionaes e elevados, capazes de, modificando-lhe a indole, torcendo-lhe as inclinações más, faze-lo apto a formar uma sociedade que tenha por base os principios altruisticos e superiores que devem ser a regra e finalidade dos povos modernos.

CONCLUSÃO

Provado, assim, a possibilidade da formação de caracteres, de indoles, por meio da educação, vê-se o quanto de grandioso e de sublime mesmo é o valor do mestre escola na formação educacional dos povos.

Barth, a quem viemos sempre seguindo, doutrina: «A educação é a propagação espiritual da sociedade», mas, para tal se conseguir, é necessario que o mestre escola esteja na altura de sua nobre missão.

A sociedade spartana não se propagou pelo facto dos meninos em Sparta terem nascido, mas porque esses meninos foram educados segundo o espirito e a conducta de seus predecessores. Tudo depende, portanto, do preparo da intelligencia, do espirito e da conducta do mestre escola. Já Erasmo affirmava: «A natureza ao dar-te um filho, não te dá outra cousa se não uma massa tosca. De ti depende dar melhor forma a essa materia flexivel e maleavel. Si a abandonar produzes uma besta; mas se fores cuidadoso, produzirás, por assim dizer, um deus.»

Não ha um mez que esse apostolo da Sciencia e do Bem, o grande brasileiro Professor Miguel Couto, em uma conferencia brilhante e erudita feita na Associação Brasileira de Educação, affirmou altiva e praticallymente que: «No Bra-

sil só ha un. problema nacional—A educação do povo. «Narrou como ha pouco menos de cincoenta annos o povo japonéz em «pleno regimen feudal, sob o governo nominativo de um mikado, mas realmente subdividido desde a usurpação shogunal do XII seculo em castas e seitas, dos danyos, dos sumarais, dos clans, dos Kuges, em continuas e ferozes luctas de hegemonia e de esterminio» se transformou no que hoje é, num dos povos mais cultos do universo, numa das mais poderosas nações do mundo, pelo milagre unico da disseminação do ensino da propagação da educação. Mutuahito publicando em seu primeiro manifesto a phrase: «Cultivae as sciencias e as artes para desenvolver as vossas faculdades e aperfeioar os vossos dotes moraes,» aconselhava e indicava a seu povo o caminho da felicidade.

E. indaga Miguel Couto: «Ora, se com o successo feliz que assombrou o mundo, o Japão imitou a Alemanha, exemplario das virtudes da cultura em todos os departamentos do saber humano, porque não seguirmos nós o modelo do grande Imperio do Sól Levante?»

«Pelo milagre da cultura do povo, só e só» deve-se, diz ainda o insigae professor, o soerguimento da nação japoneza.

Entre nós penso que, com honrosas excepções, para obtermos os resultados beneficos que advem do milagre da educação do povo, deve-se antes de tudo, multiplicar escolas em todo o territorio nacional onde se formem, se eduquem, se aparelhem mestres—escolas aptos para formarem a nossa sociedade de amanhã, podendo assim elles, em verdade, possuir o valor que lhes faz mister, para dirigirem a formação educacional dos povos.

Palhoça, 20 de julho de 1927.—Ass—Albino Sá Filho,

PARECERN.º 16

Estudando a these n.º 37 apresentada pelo dr. Albino Sá Filho, sobre—Qual o valor do mestre escola na formação educacional dos povos—damos o seguinte parecer:

PARECER

Considerando as esclarecidas idéas sobre o vocabulo educacional e o profundo estudo e considerações sobre as